

Esta é, segundo todas as probabilid<sup>es</sup>,  
a 2<sup>a</sup> edição do mesmo anno da 1<sup>a</sup>,  
de 1572. —

Os aqui seos de distingui-se em outras  
no 2<sup>o</sup> exemplar q<sup>ue</sup> estão presentes:

Folha de frontispício, mais longa no al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> q<sup>ue</sup> no al<sup>o</sup> 2<sup>o</sup>  
(esta l<sup>inha</sup> está a q<sup>ue</sup> de Tringul no tom. 2<sup>o</sup> em allumina  
de Linnæus). It<sup>em</sup> no al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> a Rubrica sobre o p<sup>er</sup>  
a direita, no al<sup>o</sup> 2<sup>o</sup> (no) p<sup>er</sup> a esquerda. It<sup>em</sup> as linhas  
obliquas da columna inferior da 1<sup>a</sup> p<sup>er</sup> no al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup>  
da 1<sup>a</sup> p<sup>er</sup> a esquerda; no al<sup>o</sup> 2<sup>o</sup> da 1<sup>a</sup> p<sup>er</sup> a  
It<sup>em</sup> os caracteres allem<sup>es</sup> sobre o p<sup>er</sup> no  
al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> a sobre o p<sup>er</sup> sobre no al<sup>o</sup> 2<sup>o</sup>. Em geral  
tudo as folhas de frontispício são maiores no  
al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup>, e da 1<sup>a</sup> outras seções diferentes.

Privilegio. É o mesmo a q<sup>ue</sup> de Tringul, p<sup>er</sup> 7<sup>o</sup> e typo  
é o mesmo nos 2<sup>os</sup> al<sup>os</sup>. De quem no al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup>  
q<sup>ue</sup> está no allumina, e q<sup>ue</sup> se compo<sup>z</sup> com 1<sup>a</sup> l<sup>inha</sup>  
sobre as l<sup>inhas</sup>, neste exemplar, sendo os traços  
verticaes a indicarem os paragrafos, onde no al<sup>o</sup> 2<sup>o</sup>  
al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> a sobre o p<sup>er</sup>. São 34 linhas no  
al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> e 33 no al<sup>o</sup> 2<sup>o</sup>.

Informação de qualificação. No al<sup>o</sup> 2<sup>o</sup> a l<sup>inha</sup> é  
como de l<sup>inha</sup>, no al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> mais curta. E assim  
tudo no al<sup>o</sup> 2<sup>o</sup> de al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> sobre o p<sup>er</sup>, e no al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup>  
mais; no al<sup>o</sup> 1<sup>o</sup> a 7<sup>o</sup> de Tringul, p<sup>er</sup> sobre o p<sup>er</sup>,  
no al<sup>o</sup> 2<sup>o</sup> p<sup>er</sup> sobre o p<sup>er</sup>.

Neste exemplar vão marcadas também  
com tinta verde as alterações das duas  
edições, taes como as iniciais Trigozo. Ho  
podem as sej.<sup>as</sup> differenças entre o q' elle  
diz e o nosso exemplar.

Canto 5.<sup>o</sup> Est. 87

1.<sup>a</sup> d. - Essoutro q' esclarece toda a Ausonia

2.<sup>a</sup> d. - Essoutro q' esclarece toda Ausonia

A nossa edição (esta) diz assim:

E outro que esclarece toda Ausonia

Canto 6.<sup>o</sup> Est. 38.

1.<sup>a</sup> d. - Do polo Emisferio esta remota

2.<sup>a</sup> d. - Do polo Emisferio esta remota

E a nossa edição diz:

Do polo Emisferio esta remota.

Canto 9.<sup>o</sup> Est. 17.

1.<sup>a</sup> d. - Por tão longo trabalho e accidente,

2.<sup>a</sup> d. - Por tão longo trabalho e accidente,

E a nossa edição diz:

Por tão longo trabalho, e accidente,

Canto 9.<sup>o</sup> Est. 74

1.<sup>a</sup> d. - Qual, tão de caçador saçar e ardiso

2.<sup>a</sup> d. - Qual, tão de caçador saçar e ardiso

E a nossa edição


Qual, tão de caçador saçar e ardiso

Serão erros da Memoria de Trigozo?

Revelará isto a existência de uma 3.<sup>a</sup> edição de 1574, sua


peça q' pertalce a controvérsia da lingua, em lugar de q'  
aí não faltamos, e q' é em contradicção com o texto de Trigozo p. 174?

Um pelo contrario, houve de uma e as alterações notadas foram  
feitas pelo próprio autor, em prova de prelo, e depois de um tempo alguns de 1574




OS  
LUSIADAS  
de Luis de Ca-  
moës.

COM PRIVILEGIO  
REAL.



*Impressos em Lisboa, com licença da  
S.ª da Inquisição, e do Ordina-  
rio: em casa de Antonio  
Góyaluez Impressor.*

1572.



F. 4

CAM

3P

20  
L V S I A D A S  
de la Isla de C...

1800

COMPTON

1800

...

...

...

...





V el Rey faço saber aos que este Aluara virem que eu ey por bem & me praz dar licença a Luis de Camoës pera que possa fazer imprimir nesta cidade de Lisboa, hũa obra em Oitava rima chamada Os Lusíadas, que contem dez cantos perfeitos, na qual por ordem poetica em versos se declarão os principaes feitos dos Portugueles nas partes da Índia depois que se descobrio a nauegação pera ellas por mädado del Rey dom Manoel meu visãuo que sancta gloria aja, & isto com privilegio pera que em tempo de dez anos que se começarão do dia que se a dita obra acabar de empremir em diäte, se não possa imprimir nẽ vender em meus reinos & senhorios nem trazer a elles de fora, nem levar aas ditas partes da Índia pera se vender sem licẽça do dito Luis de Camoës ou da pessoa que pera isso seu poder tiuer, sob pena de quẽ o contrario fizer pagar cinquenta cruzados & perder os volmes que imprimir, ou vender, a metade pera o dito Luis de Camoës, & a outra metade pera quem os acular. E antes de se a dita obra vender lhe sera posto o preço na mesa do despacho dos meus Desembargadores do paço, o qual se declarará & porá impresso na primeira folha da dita obra pera ser a todos notorio, & antes de se imprimir sera vista & examinada na mesa do conselho geral do santo officio da Inquisição pera cõ sua licença se auer de imprimir, & se o dito Luis de Camoës tiuer acrescentados mais algũs Cantos, tambem se imprimirão auendo pera isso licença do santo officio, como acima he dito. E este meu Aluara se imprimirã outrossi no principio da dita obra, o qual ey por bem que valha & tenha força & vigor, como se fosse carta feita em meu nome por mim assinaada & passada por minha Chancellaria sem embargo da Ordenação do segundo liuro, tit. xx. que diz que as cousas cujo effeito ouuer de durar mais que hum ano passem per cartas, & passando por aluaras não valhão. Gaspar de Seixas o fiz em Lisboa, a. xxiiij. de Setembro, de M. D. LXXI. Iorge da Costa o fiz escrever.



**V**l por mandado da santa & geral inquisição estes dez Cantos dos Lusíadas de Luis de Camões, dos valerosos feitos em armas que os Portugueses fizeram em Asia & Europa, & não achey nelles cousa alguma escandalosa, nem contraria à fe & bõs costumes, somente me pareceo que era necessario aduertir os Lectores que o Autor pera encarecer a difficuldade da nauegação & entrada dos Portugueses na India, vsa de hũa fição dos Deoses dos Gentios. E ainda que sancto Augustinho nas suas Retractações se retracte de ter chamado nos liuros que compos de Ordine, aas Musas Deos. Toda via como isto he Poesia & fingimento, & o Autor como poeta, não pretenda mais que ornar o estilo Poetico não tiemos por inconueniente y esta fabula dos Deoses na obra, conbecendoa por tal: & ficando sempre salua a verdade de nossa sancta fe, que todos os Deoses dos Gētios sam Demonios. E por isso me pareceo o liuro digno de se imprimir, & o Autor mostra nelle muito engenho & muita erudição nas sciencias humanas. Em fe do qual asiney aqui.

Frey Bertholameu

Ferreira.



OS LUSIADAS  
DE LVIS DE  
CAMÕES.

Canto primeiro.



Armas, & os ba-  
rões aſſinalados,  
Que da Occidental praya Luſi-  
tana,  
Por mares nunca de antes nau-

uegados,  
Paſſaram, ainda alem da Taprobana,  
Em perigos, & guerras eſforçados,  
Mais do que prometia a força humana.  
E entre gente remota edificarão  
Nouo Reino, que tanto ſublimarão.

E tambem as memorias glorioſas  
Daquelles Reis, que forão dilatando  
A Fee, o Imperio, & as terras vicioſas  
De Affrica, & de Affia, andarão deuaſtando,  
E aquelles que por obras valeroſas  
Se vão da ley da Morte libertando.  
Cantando eſpaltharey por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho & arte.

A Ceſsem

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Cessem do sabio Grego, & do Troyano,  
As nauegações grandes que fizerão:  
Callese de Alexandro, & de Trajano,  
A fama das victorias que tiuerão,  
Que eu canto o peyto illustre Lusitano,  
A quem Neptuno, & Marte obedecerão:  
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta,  
Que outro valor mais alto se aleuanta.

E vos Tagides minhas, pois criado  
Ten les em my hum nouo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde, celebrado  
Foy de my vossio alegremente,  
Daimo agora hum som alto, & sublimado,  
Hum estillo grandiloco, & corrente,  
Porque de vossas agoas Phebo ordene,  
Que não tenham enueja aas de Hypocrene.

Daimo hũa furia grande & sonora,  
E não de agreste a vena, ou frauta ruda:  
Mas de tuba canora & belicosa,  
Que o peito acende, & a cor ao gesto muda:  
Daimo igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda:  
Que se espalhe & se cante no vniuerso,  
Se tam sublime preço cabe em verso.

E vos

*E vos ò bem nascida segurança  
Da Lusitana antigua liberdade,  
E não menos certissima esperança,  
De aumento da pequena Christandade:  
Vos o nouo temor da Maura lança,  
Marauilha fatal da nossa idade:  
Dada ao mundo por Deos q̃ todo o mande,  
Pera do mundo a Deos dar parte grande.*

*Vos tenro, & nouo ramo florecente,  
De hũa aruore de Christo mais amada  
Que nenhũa nascida no Occidente,  
Cesarea, ou Christianissima chamada:  
Vedeo no vosso escudo, que presente  
Vos amõstra a victoria ja passada.  
Na qual vos deu por armas, & deixou  
As que elle per a si na Cruz tomou.*

*Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio,  
O Sol logo em nascendo ve primeiro:  
Veo tambem no meio do Hemispherio,  
E quando dece o deixa derradeiro.  
Vos que esperamos jugo & vituperio,  
Do torpe Ismaelita caualleiro:  
Do Turco Oriental, & do Gentio,  
Que inda bebe o licor do sancto Rio.*

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Inclinay por hum pouco a magestade,  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que ja se mostra, qual na inteira idade,  
Quando sobindo yreis ao eterno templo,  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis hum nouo exemplo,  
De amor, dos patrios feitos valerosos,  
Em versos deulgado numerosos.

Vereis amor da patria, não mouido  
De premio vil: mas alto, & quasi eterno  
Que nam he premio vil, ser conhecido  
Por hum pregão do ninho meu paterno.  
Ouii vereis o nome engrandecido  
Daquelles de quem sois senhor superno.  
E julgareis qual he mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente:

Ouii, que não vereis com vãs façanhas  
Fantasticas, fingidas, mentirozas,  
Louuar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecerse desejosas,  
As verda teiras vossas sam tamanhas,  
Que exceedem as sonhadas fabulosas:  
Que exceedem Rodamonte, & o vão Rugeiro,  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por

**P**or estes vos darey hum Nuno fero,  
 Que fez ao Rei, & ao Reino tal seruiço,  
 Hum Egas, & hũ dom Fuas, q̃ de Homero  
 A Citara parelles so cobico:  
 Pois polos doze pares dariuos quero,  
 Os doze de Inglaterra, & o seu Magriço.  
 Douuos tambem aquelle illustre Gama,  
 Que para si de Eneas toma a fama.

**P**ois se a troco de Carlos Rei de França,  
 Ou de Cesar, quereis igual memoria:  
 Vede o primeiro Afonso, cuja lança  
 Escura faz qualquer estranha gloria:  
 E aquelle que a seu Reino a segurança  
 Deixou, com a grande & prospera victoria.  
 Outro loane, inuicto caualleiro,  
 O quarto, & quinto Afonsos, & o terceiro.

**N**em deixarão meus versos esquecidos,  
 Aquelles que nos Reinos la da Aurora,  
 Se fizerão por armas tam subidos,  
 Vossa bandeira sempre vencedora.  
 Hum Pacheco fortissimo, & os temidos  
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora:  
 Albuquerque terribil, Castro forte,  
 E outros em quem poder não teue a morte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Em quanto eu estes canto, & a vos nam posso  
Sublime Rei, que nam me atreuo a tanto,  
Tomay as redeas vos do Reino vosso,  
Dareis materia a nunca ouuido canto:  
Comecem a sentir o peso grosso,  
(Que polo mundo todo faça espanto,)  
De exercitos, & feitos singulares,  
De Affrica as terras, & do Oriente os mares.

Em vos os olhos tem o Mourro frio,  
Em quem vè seu exicio afigurado,  
So com vos ver o barbaro Gentio,  
Mostra o pescoco ao jugo ja inclinado:  
Thetis todo o ceruleo senhorio,  
Tem pera vos por dote aparelhado:  
Que afeiçoada ao gesto bello, & tenro,  
Deseja de compraruos pera genro.

Em vos se vem da Olimpica morada,  
Dos dois auôs, as almas ca famosas,  
Húa na paz Angelica dourada,  
Outra polas batalhas sanguinosas:  
Em vos esperão, ver se renouada  
Sua memoria, & obras valerosas.  
E la vos tem lugar no fim da idade,  
No templo da suprema eternidade.

Mas.



## CANTO PRIMEIRO. 4

Mas em quanto este tempo passa lento,  
 De regerdes os pouos, que o desejão:  
 Day vos fauor ao nouo atreuimento,  
 Pera que estes meus versos vossos sejam:  
 E vereis ir cortando o salso argento:  
 Os vossos Argonautas, porque veção,  
 Que sam vislos de vos no mar yrado,  
 E costumaiuos ja a ser inuocado.

Ia no largo Oceano nauegauão,  
 As inquietas ondas apartando,  
 Os ventos brandamente respirauão,  
 Das naos as vellas concavas inchando:  
 Da branca escuma, os mares se mostrauão  
 Cubertos, onde as proas vão cortando.  
 As maritimas agoas consagradas,  
 Que do gado de Proteo sam cortadas.

Quando os Deoses no Olimpo luminoso,  
 Onde o gouerno está, da humana gente  
 Se ajuntão em consilio glorioso,  
 Sobre as cousas futuras do Oriente:  
 Pisando o cristalino Ceo sermoso,  
 Vem pela via Lactea, juntamente  
 Conuocados da parte de Tonante,  
 Pelo Neto gentil do velho Atlante.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Deixão dos sete Ceos o regimento,  
Que do poder mais alto lhe foi dado,  
Alto poder, que so co pensamento  
Gouerna o Ceo, a Terra, & o Mar yrado:  
Ali se acharão juntos num momento,  
Os que habitão o Arcturo congelado.  
E os que o Austro tem, & as partes onde  
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

Estaua o Padre ali sublime & dino,  
Que vibra os feros rayos de Vulcano,  
Num assento de estrellis cristalino,  
Com gesto alto, seueros, & soberano,  
Do rosto respiraua hum ar diuino,  
Que diuino tornãra hum corpo humano:  
Com hũa coroa, & ceptro rutilante,  
De outra pedra mais clara que diamante.

Em luzentes assentos, marchetados  
De ouro, & de perlas, mais abaixo estauão  
Os outros Deoses todos assentados,  
Como a Razão, & a Ordem concertauão:  
Precedem os antiquos mais honrrados,  
Mais abaixo os menores se assentauão:  
Quando Iupiter alto assy dizendo,  
Cum tom de voz começa, graue & horrendo:  
Eternos.

Eternos moradores do luzente  
 Estelifero polo & claro assento,  
 Se do grande valor da forte gente,  
 De Luso, não perdeis o pensamento,  
 Deueis de ter sabido claramente  
 Como he dos fados grandes certo intento  
 Que por ella se queção os humanos,  
 De Assirios, Persas, Gregos & Romanos.

La lhe foy (bem o viestes) concedido  
 Cum poder tam singelo & tam pequeno  
 Tomar ao Mouro forte & guarnecido,  
 Toda a terra que rega o Tejo ameno:  
 Pois contra o Castelhana tam temido  
 Sempre alcançou fauor do Ceo sereno.  
 Assim que sempre em fim com fama & gloria,  
 Teue os tropheos pendentes da victoria.

Deixo Deoses atras a fama antiga,  
 Que co a gente de Romulo alcançarão,  
 Quando com Variato, na inimiga  
 Guerra Romana tanto se affamarão.  
 Tambem deixo a memoria, que os obriga  
 A grande nome, quando aleuantarão  
 Hum, por seu capitão, que peregrino  
 Fingio na Cerua espirito diuino.

Agora

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Agora vedes bem, que cometendo,  
O diuidoso mar, num lenho leue  
Por vias nunca vsadas, não temendo  
De Affrico & Noto a força a mais satreue:  
Que auendo tanto ja que as partes vendo,  
Onde o dia he comprido, & onde breue,  
Inclinão seu proposito, & perfia  
A ver os berços, onde nasce o dia

Prometido lhe está do fado eterno,  
Cuja alta ley nam pode ser quebrada,  
Que tenham longos tempos o gouerno  
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:  
Nas agoas tem passado o duro Inuerno,  
A gente vem perdida & trabalhada.  
Ia parece bem feito, que lhe seja  
Mostrada a noua terra que deseja.

E por que, como vistes, tem passados  
Na viagem, tam asperos perigos,  
Tantos Climas & Ceos experimentados,  
Tanto furor de ventos inimigos  
Que sejam, de termino, agasalhados  
Nesta costa Affricana como amigos.  
E tendo guarnecida a lassa frota,  
Tornarão a seguir sua longa rata:

Estas

Estas palauras Iupiter dezia,  
 Quando os Deoses por ordem respondendo,  
 Na sentença hum do outro difuria,  
 Razões diuersas dando & recebendo.  
 O padre Baco, ali nam consentia  
 No que Iupiter disse, conhecendo  
 Que esquecerão seus feitos no Oriente,  
 Se la passar a Lusitana gente.

Ouuido tinha aos Fados que viria  
 Hũa gente fortissimo de Hespanha;  
 Pelo mar alto, a qual sojeitaria  
 Da India, tudo quanto Doris banha.  
 E com nouas victorias venceria,  
 A fama antiga, ou sua, ou fosse estranha.  
 Altamente lhe doe perder a gloria,  
 De que Nisa celebra inda a memoria.

Ve que ja teue o Indo sojugado,  
 E nunca lhe tirou Fortuna, ou caso;  
 Por vencedor da India ser cantado,  
 De quantos bebem a agoa de Parnaso.  
 Teme agora que seja sepultado,  
 Seu tam celebre nome, em negro vaso,  
 Dagoa do esquecimento, se la cheo ão  
 Os fortes Portugueses, que nauegão,  
 Sustentaua.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Sustentaua contra elle Venus bella  
Afeiçoada aa gente Lusitana,  
Por quantas qualidades via nella,  
Da antiga tam amada sua Romana,  
Nos fortes corações, na grande estrela,  
Que mostrarão na terra Tingitana:  
E na lingoa, na qual, quando imagina,  
Com pouca corrupção cre que he a Latina.

Estas causas mouião Cyterea,  
E mais, porque das Párcas claro entende  
Que ha de ser celebrada a clara Dea,  
Onde a gente beligera se estende.  
Assi que hum pela infamia que arrecea,  
E o outro polas honras que pretende,  
Debatem, & na perfia permanecem,  
A qualquer seus amigos fauorecem:

Qual Austro fero, ou Boreas na espessura,  
De siluestre aruoredo abaſtecida,  
Rompendo os ramos vão da mata escura,  
Com impito & braueza desmedida.  
Brama toda montanha, o som murmura,  
Rompenſe as folhas ferue a serra erguida.  
Tal andaua o tumulto leuantado,  
Entre os Deoses no Olimpo consagrado:

Mas

Mas Marte que da Deosa sustentava,  
 Entre todos as partes em porfia,  
 Ou porque o amor antigo o obrigava,  
 Ou porque a gente forte o merecia,  
 De antre os Deoses em pee se levantava,  
 Merencorio no gesto parecia:  
 O forte escudo ao collo pendurado,  
 Deitando pera trás medonho & irado.

Aviseira do elmo de Diamante,  
 Alevantando hum pouco, muy seguro,  
 Por dar seu parecer se pos diante  
 De Iupiter, armado, forte & duro:  
 E dando hũa pancada penetrante,  
 Co conto do bastão, no solio puro:  
 O ceo tremeo, & Apolo de toruado,  
 Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E disse assi, ò padre a cujo imperio,  
 Tudo aquillo obedece, que criaste,  
 Se esta gente que busca outro Emispherio,  
 Cuja valia, & obras tanto amaste:  
 Não queres que padeção vituperio,  
 Como ha ja tanto tempo que ordenaste  
 Não ouças mais, pois es juyz direito,  
 Razões de quem parece que he sospeito.

Que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Que se aqui a razão se não mostrasse  
Vencida do temor demasiado,  
Bem fora que aqui Baco os sustentasse,  
Pois que de Luso vem, seu tam privado:  
Mas esta tenção sua, agora passe,  
Porque em fim vem de estamago danado.  
Que nunca tirará albea enueja,  
O bem que outrem mereçe, & o ceo deseja.

E tu padre de grande fortaleza,  
Da determinaçam que tês tomada,  
Nam torres por detras pois he fraqueza  
Desistir se da couza começada.  
Mercurio pois excede em ligeireza  
Ao vento leue, & aa seta bem talhada,  
Lhe va mostrar a terra, onde se informe  
Da India, & onde a gente se reforme.

Como isto disse o Padre poderoso,  
A cabeça inclinando, consentio  
No que disse Mauorte valeroso,  
E Nectar sobre todos esparzio:  
Pelo caminho Lacteo glorioso,  
Logo cada hum dos Deoses se partio.  
Fazendo seus reaes acatamentos,  
Pera os determinados apouentos.

Em



Em quanto isto se passa, na fermosa  
 Casa Eterea do Olimpo omnipotente  
 Cortaua o mar a gente belicosa:  
 Ia la da banda do Austro, & da Oriente,  
 Entre a costa Ethiopica, & a famosa  
 Ilha de sam Lourenço, & o Sol ardente  
 Queimaua entam os Deoses, que Tifeô  
 Co temor grande em pexes conuertêo.

Tam brandamente os ventos os leuauão,  
 Como quem o ceo tinha por amigo:  
 Sereno o ar, & os tempos se mostrauão  
 Sem nuuês, sem receio de perigo:  
 O promontorio prasso ja passauão  
 Na costa de Ethiopia, nome antiguo.  
 Quando o mar descobrindo lhe mostraua,  
 Nouas ilhas que em torno cerca, & laua.

Vasco da gama, o forte Capitão,  
 Que a tamanhas empresas se offerece,  
 De soberbo, & de altiua coraçãõ,  
 A quem fortuna sempre fauorece  
 Pera se aqui deter, não ve razão,  
 Que inhabitada a terra lhe parece:  
 Por diante passar determinaua:  
 Mas nam lhe soccedeo como cuy dáua.

Eis apparecem logo em companhia,  
 Hús pequenos bateis, que vem daquella  
 Que mais chegada à terra parecia,  
 Cortando o longo mar com larga vella:  
 A gente se aluoroça, & de alegria  
 Não sabe mais que olhar a causa della.  
 Que gente ser a esta, em si dezião,  
 Que costumes, que ley, que Rei terião?

As embarcações erão, na maneira  
 Muy veloces, estreitas, & compridas,  
 As vellas com que vem erão de esteira,  
 Dñas folhas de Palma bem tecidas:  
 A gente da cor era verdadeira,  
 Que Phaeton, nas terras acendidas  
 Ao mundo deu, de ousado, & não prudente,  
 O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De panos de algodão vinhão vestidos,  
 De varias cores, brancos, & listrados,  
 Hús trazem derredor de si cingidos,  
 Outros em modo ayroso sobraçados,  
 Das cintas pera cima vem despídos:  
 Por armas tem adagas, & tarçados.  
 Com toucas na cabeça, & nauegando,  
 Anafis sonorosos vão tocando.

Cos panos, & cos braços açenauão,  
 Aas gentes Lusitanas, que esperassem:  
 Mas ja as proas ligeiras, se inclinauão,  
 Pera que junto aas Ilhas amainassem.  
 A gente, & marinheiros trabalhauão,  
 Como se aqui os trabalhos sacabassem:  
 Tomão vellas, amainase a verga alta,  
 Da ancora o mar ferido, encima salta.

Não erão ancorados, quando a gente  
 Estranha, polas cordas ja subia,  
 No gesto ledos vem, & humanamente,  
 O Capitão sublime os recebia.  
 As me/ as manda por em continente,  
 Do licor que Lien prantado auia:  
 Enchem vasos de vidro, & do que deitão,  
 Os de Phaeton queimados nada engeitão.

Comendo alegremente perguntauão,  
 Pela Arabica lingua, donde vinhão,  
 Quem erão, de que terra, que buscauão,  
 Ou que partes do mar corrido tinhão?  
 Os fortes Lusitano: lhe tornauão,  
 As discretas repostas que conuinhão.  
 Os Portuguezes somos do Occidente,  
 Humos buscando as terras do Oriente.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Do mar temos corrido, & nauegado  
Toda a parte do Antartico, & Calisto,  
Toda a costa Affricana rodeado,  
Diuerfos Ceos, & Terras temos visto:  
Dum Rei potente somos, tam amado,  
Tam querido de todos, & bem quisto:  
Que nam no largo Mar, com leda fronte:  
Mas no lago entraremos de Acheronte.

E por mandado seu, buscando andamos  
A terra Oriental, que o Indo rega,  
Por elle o Mar remoto nauegamos,  
Que so dos feos Focas se nauega:  
Mas ja razão parece que saibamos,  
Se entre vos a verdade não se nega.  
Quem sois, que terra he esta que abitais?  
Ou se tendes da India algũs sinais?

Somos, hum dos das Ilhas lbe tornou,  
Estrangeiros na terra, Lei, & nação  
Que os proprios, sam aquelles que criou  
A Natura sem Lei, & sem Razão:  
Nos temos a Lei certa que insinou,  
O claro descendente de Abrahão:  
Que agora tem do Mundo o senhorio,  
A mãy Hebreá teue, & o pay Genzio.  
Esta

Esta Ilha pequena que habitamos,  
He em toda esta terra certa escala,  
De todos os que as Ondas nauegamos,  
De Quiloa, de Mombaça, & de Sofala:  
E por ser necessaria, procuramos,  
Como proprios da terra, de habitala.  
E porque tudo em fim vos notifique,  
Chamase a pequena Ilha Moçambique.

E ja que de tam longe nauegais,  
Buscando o Indo Idaspe, & terra ardente,  
Piloto aqui tereis, por quem sejais  
Guiados pelas ondas sabiamente.  
Tambem sera bemfeito que tenhais,  
Da terra algum refresco, & que o Regente  
Que esta terra gouerna, que vos veja,  
E do mais necessario vos prouēja.

Isto dizendo, o Mouro se tornou  
A seus bateis com toda a companhia,  
Do Capitão & gente se apartou,  
Com mostras de denida cortesia:  
Nisto Febo nas agoas encerrou,  
Co carro de Christal, o claro dia:  
Dando cargo aa Irmaã que alumiasse,  
O largo Mundo, em quanto repoujasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

A noyte se passou na lassa frota,  
Com estranha alegria, & não cuydada,  
Por acharem da terra tão remota,  
Nova de tanto tempo desejada:  
Qualquer então consigo cuyda, & nota  
Na gente, & na maneira desusada.  
E como os que na errada Seita crêrão,  
Tanto por todo o mundo se estenderão.

Da Lũa os claros raios rutilauão,  
Polas argenteas ondas Neptuninas,  
As Estrellas os Ceos acompanhauão.  
Qual campo reuestido de boninas,  
Os furiosos ventos reponsauão,  
Polas couas escuras peregrinas.  
Porem da armada a gente viziaua,  
Como por longo tempo costumaua.

Mas assy como a Aurora marchetada,  
Os fermosos cabellos espalhou,  
No Ceo sereno, abrindo a roxa entrada,  
Ao claro Hiperionio que acordou,  
Começa a embandeirarse toda a armada,  
E de todos alegres se adornou:  
Por receber com festas, & alegria,  
O Regedor das Ilhas que partia.

Partia.

Partia alegremente nauegando,  
 A ver as naos ligeiras Lusitanas,  
 Com refresco da terra, em si cuidando,  
 Que sam aquellas gentes inhumanas:  
 Que os apouentos Caspios habitando,  
 A conquistar as terras Asianas  
 Vierão: & por ordem do destino,  
 O Imperio tomarão a Costantino.

Recebe o Capitão alegremente,  
 O Mouro, & toda sua companhia,  
 Dalhe de ricas peças hum presente,  
 Que so pera este effeito ja trazia:  
 Dalhe conserua doce, & dalhe o ardente  
 Não usado licor que dê alegria.  
 Tudo o Mouro contente bem recebe,  
 E muito mais contente come, & bebe:

Està a gente maritima de Luso,  
 Subida pela exarcia, de admirada,  
 Notando o estrangeiro modo, & uso,  
 E a lingoagem tam barbara & enleada.  
 Tambem o Mouro astuto està confuso,  
 Olhando a cor, o traje, & a forte armada.  
 E perguntando tudo lhe dizia,  
 Se por ventura vinhão de Turquia.

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja  
Os liuros de sua ley, preceito, ou fe,  
Pera ver se conforme à sua seja,  
Ou se sam dos de Christo, como cre:  
E porque tudo note, & tudo veja,  
Ao Capitão pedia, que lhe dê,  
Mostra das fortes armas de que vsauão,  
Quando cos inimigos pelejauão.

*des* Responde o valeroso Capitão,  
Por hum que a lingoa escura bem sabia:  
Darte ey Senhor illustre relação  
De my, da ley, das armas que trazia:  
Nem sou da terra, nem da geraçam,  
Das gentes enojosas de Turquia:  
Mas sou da forte Europa belicosa,  
Busco as terras da India: tam famosa?

Aley tenho daquelle, a cujo imperio  
Obedece o visibil, & inuisibil,  
Aquelle que criou todo o Emispherio,  
Tudo o que sente, & todo o insensibil  
Que padeceo deshonra, & vituperio,  
Sofrendo morte injusta, & insufribil:  
E que do ceo aa terra em fim deceo,  
Por subir os mortais da terra ao ceo.

Deste



Desle Deos homem, alto, & infinito,  
 Os Liuros que tu pedes, nam trazia,  
 Que bem posso escusar trazer escripto  
 Em papel, o que na alma andar deuia.  
 Se as armas queres ver, como tês dito,  
 Comprido esse desejo te seria:  
 Como amigo as veras, porque eu me obrigo,  
 Que nunca as queiras ver como inimigo.

Isto dizendo, manda os diligentes  
 Ministros, amostrar as armaduras,  
 Vem arneses, & peitos reluzentes,  
 Malhas finas, & laminas seguras,  
 Escudos de pinturas diferentes,  
 Pilouros, espingardas de aço puras,  
 Arcos, & sagittiferas aljanas,  
 Partasanas agudas, chuças brauas.

As bombas vem de fogo, & juntamente  
 As panellas sulfureas, tam danosas,  
 Porem aos de Vulcano nam consente  
 Que dem fogo aas bombardas temerosas:  
 Porque o generoso animo, & valente,  
 Entre gentes tam poucas, & medrosas,  
 Não mostra quanto pode, & com razão,  
 Que he fraqueza entre ouellas ser lião.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pore n disto que o Mouro aqui notou,  
E de tudo o que vio, com olho atento,  
Hum odio certo na alma lhe ficou,  
Hũa vontade mã de pensamento.  
Nas mostras, & no gesto o não mostrou:  
Mas com risonho, & ledo fingimento,  
Tratalos brandamente determina,  
Ate que mostrar possa o que imagina.

Pilotos lhe pedia o Capitão,  
Por quem podesse aa India ser leuado,  
Dizlhe, que o largo premio leuãõ,  
Do trabalho que nisso for tomado.  
Prometellos o Mouro, com tenção  
De peito venenoso, & tão danado:  
Que a morte se podesse neste dia,  
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tamanho o odio foy, & a mã vontade,  
Que aos estrangeiros supito tomou,  
Sabendo ser sequaces da verdade,  
Que o filho de David nos ensinou,  
Os segredos daquella Eternidade  
A quem juyzo algum não alcançou.  
Que nunca falte hum perfido inimigo,  
A aquelles de quem foste tanto amigo?  
Partiose

Partiose niſto em fim co a companhia,  
Das naos o falſo Mouro despedido,  
Com enganoſa & grande cortesia,  
Com geſto ledo a todos, & fingido:  
Cortarão os bateis a curta via  
Das agoas de Neptuno, & recebido  
Na terra do obſequente ajuntamento,  
Se foy o Mouro ao cognito apouſento:

Do claro aſſento Etereo, o grão Tebano,  
Que da paternal coxa foy nascido  
Olhando o ajuntamento Luſitano,  
Ao Mouro ſer moleſto, & auorrecido:  
No pensamento cuyda hum falſo engano  
Com que ſeja de todo deſtruydo.  
E em quanto iſto ſo na alma imaginava  
Conſigo eſtas palauras praticava.

Eſtã do fado ja determinado,  
Que tamanhas victorias tam famoſas,  
Ajão os Portugueſes alcançado,  
Das Indianas gentes belicoſas.  
E eu ſo filho do Padre ſublimado,  
Com tantas qualidades generoſas:  
Ey de ſofrer que o Fado fauoreça  
Outrem, por quem meu nome ſe eſcureça?  
la quiſerão

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Ia quizeram os Deoses que tiuesse,  
 O filho de Filipo nesta parte,  
 Tanto poder, que tudo somettesse  
 Debaixo do seu jugo, o fero Marte:  
 Mas asse de soffrer que o Fado desse,  
 A tam poucos tamanho esforço, & arte  
 Queu co gram Macedonio, & Romano,  
 Demos lugar ao nome Lusitan.

Não sera assy, porque antes que chegado  
 Seja este Capitão, astutamente  
 Lhe sera tanto engano fabricado,  
 Que nunca veja as partes do Oriente:  
 Eu decerey aa terra, & o indignado  
 Peito, reuoluerey da Maura gente,  
 Por que sempre por via yra direita,  
 Quem do oportuno tempo se aproueita:

Isto dizendo yrado, & quasi infano,  
 Sobre a terra Affricana descendeo,  
 Onde veñlindo a forma & gesto humano,  
 Pera o Prasso sabido se moueo.  
 E por milhor tecer o astuto engano,  
 No gesto natural se conuerteo,  
 Dum Mouro, em Moçambique conhecido,  
 Velho, sabio, & co Xequé muy valido.  
 E entrando

E entrando assy a falarlhe, a tempo & horas,  
 A sua falsidade acomodadas,  
 Lhe diz como erão gentes roubadoras,  
 Estas que ora de nouo sam chegadas:  
 Que das nações na costa moradoras,  
 Correndo a fama veio, que roubadas,  
 Forão por estes homẽs que passauão,  
 Que com pactos de paz sempre ancorauão.

E sabe mais, lhe diz, como entendido  
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,  
 Que quasi todo o mar tem destruido,  
 Com roubos, com incendios violentos:  
 E trazem ja de longe engano vrdido,  
 Contra nos, & que todos seus intentos  
 Sam pera nos matarem, & roubarem,  
 E molheres & filhos captiuarem.

E tambem sey que tem determinado,  
 De vir por agoa a terra muito cedo,  
 O Capitão dos seus accompanhado,  
 Que da tençam danada nasce o medo:  
 Tu deues de yr tambem cos teus armado  
 Esperallo em cilada, occulto & quedo:  
 Por que saindo a gente descuydada,  
 Cairão facilmente na cilada.

E se inda

E se inda não ficarem deste geito,  
 Destruydos, ou mortos totalmente,  
 Eu tenho imaginada no conceito,  
 Outra manha & ardil que te contente:  
 Mandalhe dar Piloto, que de geito  
 Seja astuto no engano, & tam prudente,  
 Que os leue aonde sejião destruydos,  
 Desbaratados mortos, ou perdidos.

Tanto que estas palauras acabou,  
 O Mouro nos tais casos, sabio & velho  
 Os braços pelo collo lhe lançou,  
 Agradecendo muito o tal conselho:  
 E logo nesse instante concertou,  
 Pera a guerra o beligero aparelho:  
 Pera que ao Portugues se lhe tornasse,  
 Em roxo sangue a agoa que buskasse.

E busca mais pera o cuydado engano,  
 Mouro que por Piloto aa nao lhe mande,  
 Sagaz, astuto, & sabio em todo o dano  
 De quem fiar se possa hum feito grande,  
 Diz lhe que acompanhando o Lusitano,  
 Por tais costas, & mares co elle ande:  
 Que se daqui escapar, que la diante  
 Va cair onde nunca se aleuante.

Ia o rayo Apolineo vistaua,  
 Os Montes Nabatheos acendido,  
 Quando Gama cos seus determinaua,  
 De vir por agoa a terra apercebido:  
 A gente nos bateis se concertaua,  
 Como se fosse o engano ja sabido:  
 Mas pode sospeitar-se facilmente,  
 Que o coração presago nunca mente.

E mais tambem mandado tinha a terra,  
 De antes pelo Piloto necessario:  
 E foilhe respondido em som de guerra,  
 Caso do que cuydaua muy contrario:  
 Por isto, & porque sabe quanto erra,  
 Quem se cre de seu perfido aduersario,  
 Apercebido vay como podia,  
 Em tres bateis samente que trazia:

Mas os Mouros que andauão pela praya,  
 Por lhe defender a agoa desejada,  
 Hum de escudo embarçado, & de azagaya,  
 Outro de arco encuruado, & seta eruada:  
 Esperão que a guerreira gente saya,  
 Outros muytos ja postos em cillada.  
 E porque o caso leue se lhe faça,  
 Poem hũs poucos diante por negaça.

Andão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Andão pela ribeira alua arenosa,  
Os belicosos Mouros acenando,  
Com a adarga, & co a astea perigosa,  
Os fortes Portugueses incitando:  
Nam soffre muito a gente generosa,  
Andar lhe os cães os dentes amostrando.  
Qualquer em terra salta, tam ligeiro,  
Que nenhum dizer pode que he primeiro.

Qual no corro sanguíneo, o ledo amante,  
Vendo a fermosa dama desejada,  
O Touro busca, & pondo se diante,  
Salta, corre, sibila, acena, & brada:  
Mas o animal atroçe nesse instante,  
Com a fronte cornigera inclinada,  
Bramando duro corre, & os olhos cerra,  
Terriba, fere, & mata & poem por terra!

Eis nos bateis o fogo se leuanta,  
Na furiosa & dura artilheria,  
A plumbea pela mata, o brado espanta:  
Ferido o ar retumba, & assouia:  
O coração dos Mouros se quebranta,  
O temor grande o sangue lhe resfria.  
La foge o escondido de medroso,  
E morre o descuberto auenturoso.

Não



Não se contenta a gente Portuguesa:

Mas seguindo a victoria estrue, & mata

A pouoação sem muro, & sem defesa,

Esbombardea, acende, & desbarata.

Da caualgada ao Mouro ja lhe pesa,

Que bem cuidou comprala mais barata:

Ia blasfema da guerra, & maldizia,

O velho inerte, & a mãy que o filho cria.

Fugindo, a seta o Mouro vay tirando,

Sem força, de couarde, & de apressado,

A pedra, o pao, & o canto arremessando,

Dalhe armas o furor desatinado:

Ia a llha, & todo o mais, desemparrando,

Aa terra firme foge amedrontado.

Passa, & corta do mar o estreito braço,

Que a llha em torno cerca, em pouco espaço.

Hũs vão nas almádias carregadas,

Hum corta o mar a nado diligente,

Quem se affoga nas ondas encuruadas,

Quem bebe o mar, & o deita juntamente:

Arrombãõ as meudas bombar dadas

Os Pangaiois sotis da bruta gente.

Deſta arte o Portugues em fim castiga,

A vil malicia, perfida, inimiga.

Tornão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Tornão victoriosos pera a armada,  
Com despojo da guerra, e rica presa,  
E vão a seu prazer fazer agoada,  
Sem achar resistencia, nem defesa  
Ficava a Maura gente magoada,  
No odio antigo, mais que nunca acesa.  
E vendo sem vingança tanto dano,  
Somente estriba no segundo engano.

Pazes cometer manda arrependido,  
O Regedor daquella inica terra,  
Sem ser dos Lusitanos entendido,  
Que em figura de paz lhe manda guerra:  
Porque o Piloto falso prometido,  
Que toda a manutenção no peito encerra.  
Pera os guiar aa morte lhe mandava,  
Como em sinal das pazes que tratava.

O Capitão, que ja lhe entam conuinha,  
Tornar a seu caminho acostumado,  
Que tempo concertado, e ventos tinha,  
Pera yr buscar o ludo desejado.  
Recebendo o Piloto que lhe vinha,  
Foy d'elle alegremente agasado:  
E respondendo ao mensageiro, a tento  
Aas vellas manda dar ao largo vento.

Destá

Desta arte despedida a forte armada,  
 As ondas de Anfitrite diuidia,  
 Das filhas de Nerêo acompanhada,  
 Fiel, alegre, & doce companhia.  
 O Capitão, que não cabia em nada,  
 Do enganoso ardil que o Mouro vrdia:  
 Delle muy largamente se informaua,  
 Da India toda, & costas que passaua:

Mas o Mouro instruido nos enganos,  
 Que o maleuolo Baco lhe ensinara  
 De morte, ou captiueiro novos danos,  
 Antes que aa India chegue lhe prepara,  
 Dando razão dos portos Indianos,  
 Tambem tudo o que pede lhe declara.  
 Que auendo por verdade o que dizia,  
 De nada a forte gente se temia.

E diz lhe mais co falso pensamento,  
 Com que Synon os Phrigios enganou,  
 Que perto está hũa Ilha, cujo assento,  
 Pouo antigo Christão sempre abitou.  
 O Capitão que a tudo estaua a tento,  
 Tanto co estas nouas se alegrou,  
 Que com dadiuas grandes lhe rogaua,  
 Que o leue aa terra onde esta gente estaua.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ho mesmo o falso Mouro determina,  
 Que o seguro Christão lhe manda & pede,  
 Que a Ilha he possuida da malina  
 Gente, que segue o torpe Mahamede:  
 Aqui o engano & morte lhe imagina,  
 Porque em poder & forças muito excede  
 Aa Moçambique, esta Ilha que se chama  
 Quilloa, muy conhecida pola fama.

Pera lá se inclinava a leda frota:  
 Mas a Deosa em Cythere celebrada,  
 Vendo como deixava a certa rota,  
 Por yr buscar a morte não cuidada,  
 Não consente que em terra tão remota  
 Se perca a gente della tanto amada.  
 E com ventos contrarios a desuia,  
 Donde o Piloto falso a leua, & guia.

Mas o malvado Mouro nam podendo,  
 Tal determinação leuar auante,  
 Outra maldade inica cometendo,  
 Ainda em seu proposito constante,  
 Lhe diz, que pois as agoas discorrendo,  
 Os leuarão por força por diante,  
 Que outra Ilha tem perto, cuja gente,  
 Erão Christãos com Mouros juntamente.

Tambem.

Tambem nestas palauras lhe mentia,  
 Como por regimento em fim leuaua,  
 Que aqui gente de Christo não auia:  
 Mas a que a Mahamede celebrava.  
 O Capitão que em tudo o mouro cria,  
 Virando as vellas, a Ilha demandava:  
 Mas nam querendo a Deosa guardadora,  
 Nam entra pela barra, & surge fora.

Estava a Ilha aa terra tam chegada,  
 Que hum estreito pequeno a diuidia,  
 Hũa cidade nella situada,  
 Que na frente do mar aparecia,  
 De nobres edificios fabricada,  
 Como por fora, ao longe descobria,  
 Regida por hum Rei de antigua idade,  
 Mombaza he o nome da Ilha, & da Cidade.

E sendo a ella o Capitão chegado,  
 Estran'amente ledo, por que espera  
 De poder ver o pouo baptizado,  
 Como o falso Piloto lhe dissera:  
 Eis vem bateis da terra com recado  
 Do Rei, que já sabia a gente que era,  
 Que Baco muito de antes o auisara,  
 Na forma do outro Mouro que tomara.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O recado que trazem he de amigos:  
Mas debaxo o veneno vem cuberto,  
Que os pensamentos erão de inimigos,  
Segundo foy o engano descuberto.  
O grandes & grauiſſimo perigos,  
O caminho de vida nunca certo:  
Que aonde a gente poem sua esperança,  
Tenha a vida tam pouca segurança.

No mar tanta tormenta, & tanto dano,  
Tantas vezes a morte apercebida,  
Na terra, tanta guerra, tanto engano,  
Tanta neceſſidade auorrecida:  
Onde pode acolherſe hum fraco humano,  
Onde terá ſegura a curta vida?  
Que não ſe arme, & ſe indigne o Ceo ſereno.  
Contra hum bicho da terra tam pequeno.

Fim.

## Canto Segundo.

**N**A neste tempo o  
 Lucido Planeta,  
 Que as horas vay do dia distinc-  
 guindo,  
 Chegaua aa desejada, & lenta Meta,  
 A luz Celeste aas gentes encobrindo:  
 E da casa maritima secreta,  
 Lhe estaua o Deos Nocturno a porta abrindo:  
 Quando as infidas gentes se chegarão  
 Aas naos, que pouco auia que ancorarão.

*Singidas*

Dantre elles hum que traz encomendado,  
 O mortifero engano, assi dezia:  
 Capitão valeroso, que cortado  
 Tens de Neptuno o reyno, & salsa via,  
 O Rei que manda esta Ilha, aluorçado  
 Da vinda tua tem tanta alegria,  
 Que nam deseja mais que agasalharte,  
 Verte, & do necessario reformarte.

C 3 E porque

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

E porque está em estremo deseioso  
 De te ver, como causa nomeada,  
 Te roga que de nada receoso,  
 Entres a barra, tu com toda armada:  
 E porque do caminho trabalhoso,  
 Traras a gente debil, & cansa-la,  
 Diz que na terra podes reformala,  
 Que a natureza obriga a desajala,

E se buscando vas mercadoria,  
 Que produze o aurifero Leuante,  
 Canella, Crauo, ardente especiaria,  
 Ou Droga salutifera, & prestante:  
 Ou se queres luzente pedraria,  
 O Rubi fino, o rigido Diamante:  
 Daqui leuaras tudo tam sobejo,  
 Com que faças o fim a teu desejo:

Ao mensageiro o Capitão responde,  
 As palauras do Rei agradecendo,  
 E diz, que porque o Sol no mar se esconde,  
 Não entra pera dentro obedecendo,  
 Porem que como a luz mostrar por onde  
 Va sem perigo, a frota não temendo,  
 Comprirá sem receio seu mandado,  
 Que a mais por tal senhor está obrigado.

Pergunta.be



Perguntalhe despois, se estão na terra  
 Christãos, como o Piloto lhe dizia,  
 O mensageiro astuto que não erra,  
 Lhe diz, que a mais da gēte em Christo cria;  
 Desta sorte do peito lhe desterra  
 Toda a sospeita, & cauta fantasia:  
 Por onde o Capitão seguramente,  
 Se fia da infiel, & falsa gente.

E de algũs que trazia condenados,  
 Por culpas, & por feitos vergonhosos,  
 Porque podessem ser aventurados,  
 Em casos desta sorte duuidosos:  
 Manda dous mais sagazes, ensaiados,  
 Porque notem dos Mouros enganosos,  
 A Cidade, & poder, & porque vejão,  
 Os que Christãos, que so tanto ver desejão.

E por estes ao Rei presentes manda,  
 Porque a boa vontade que mostrava,  
 Tenha firme, segura, limpa, & branda,  
 A qual bem ao contrario em tudo estava.  
 Ia a companhia perfida, enefanda  
 Das naos se despedia, & o mar cortava,  
 Foram com gestos ledos, & fingidos,  
 Os dous da frota em terra recebidos.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

E despois que ao Rei apresentarão,  
 Co recado os presentes que trazião,  
 A Cidade correrão, & notarão  
 Muito menos daquillo que querião,  
 Que os Mouros cautelosos se guardarão  
 De lhe mostrarem tudo o que pedião.  
 Que onde reina a malicia, está o receio  
 Que a faz imaginar no peito albeio.

Mas aquelle que sempre a mocidade  
 Tem no rosto perpetua, & foy nascido  
 De duas mãis: que vrdia a falsidade,  
 Por ver o nauegante destruydo:  
 Estaua nũa casa da Cidade,  
 Com rosto humano, & habito fingido  
 Mostrando-se Christão, & fabricaua  
 Hum altar sumptuoso que adoraua.

Ali tinha em retrato affigurada  
 Do alto & Sancto /pirito a pintura,  
 A candida Pombinha debuxada,  
 Sobre a vnica Fenix virgem pura,  
 A companhia sancta está pintada,  
 Dos doze tam toruados na figura,  
 Como os que, so das lingoas que cayrão,  
 De fogo, varias lingoas referirão.  
 Aqui

Aqui os dous companheiros conduzidos,  
 Onde com este engano Baco estava  
 Poem em terra os gíolhos, & os sentidos  
 Naquelle Deos, que o mun lo governaus  
 Os cheiros excellentes produzidos,  
 Na Panchaia odorifera queimava  
 O Thioneu, & assi por derradeiro  
 O falso Deos adora o verdadeiro.

Aqui forão denoite agasalhados,  
 Com todo o bom, & honesto tratamento  
 Os dous Christãos, nam ven lo que enganado  
 Os tinha o falso, & sancto fingimento:  
 Mas assi como os rayos espalhados  
 Do Sol forão no mundo, & num momento,  
 Apareceo no rubido Orizonte,  
 Na moça de Titão a roxa fronte.

Tornão da terra os Mouros co recado  
 Do Rei, pera que entrassem, & consigo  
 Os dous que o Capitão tinha mandado,  
 A quem se o Rei mostrou sincêro amigo:  
 E sendo o Portugues certifica lo,  
 De não auer receio de perigo.  
 E que gente de Christo em terra auia,  
 Dentro no salho rio entrar queria.

Dizem

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Dizem lhe os que mandou, que em terra virão,  
Sacras aras, & sacerdote sancto,  
Que ali se agasalhãrão, & dormirão,  
Em quanto a luz cubrio o escuro manto:  
E que no Rei, & gentes não sentirão  
Senão contentamento, & gozto tanto:  
Que não podia certo aver sospeita,  
Nũa mostra tão clara, & tão perfeita.

Co isto o nobre Gama recebia  
Alegremente os Mouros que subião,  
Que leuemente hum animo se fia,  
De mostras que tão certas parecião:  
A nao da gente perfida se enchia,  
Deixando a bordo os barcos que trazião:  
Alegres vinhão todos, porque crem  
Que a presa desejada certa tem.

Na terra cautamente aparelhauão,  
Armas, & monições, que como vissem  
Que no Rio os nauios ancorauão,  
Nelles ousadamente se subissem:  
E nesta treição determinauão,  
Que os de Luso de todo destruissem:  
E que incautos pagassem deste geito  
O mal que em Moçambique tinhão feito:

As ancoras tenaces vão leuando,  
 Com a nautica grita costumada,  
 Da proa as vellas fos ao vento dando,  
 Inclinação pera a barra abalifada:  
 Mas a linda Ericina, que guardando  
 Andaua sempre a gente aſſinalada:  
 Vendo a cilada grande, & tam secreta,  
 Voa do Ceo ao Mar como hũa seta.

Conuoca as aluas filhas de Nerêo,  
 Com toda a mais cerulea companhia,  
 Que porque no ſalgado Mar nasceo,  
 Das agoas o poder lhe obedecia.  
 E propondo lhe a causa a que decco,  
 Com todos juntamente ſe partia:  
 Pera eſtoruar que a armada não chegaffe  
 Aonde pera sempre ſe acabaffe.

La na agoa erguendo vão com grande preſſa,  
 Com as argenteas caudas branca eſcuma,  
 Cloto co peito corta, & atraueſſa  
 Com mais furor o Mar do que coſtuma.  
 Salta Niſe, Nerine ſe arremeffa,  
 Por cima da agoa creſpa, em força ſuma:  
 Abrem caminho as ondas encuruadas,  
 De temor das Nereidas apreſſadas.

Nos

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Nos hombros de hum Tritão com gesto aceso,  
Vay a linda Dione furiosa,  
Não sente quem a leua o doce peso,  
De soberbo, com carga tam fermosa:  
la chegão perto donde o vento teso,  
Enche as vellas da frota belicosa.  
Repartense, & rodeão nesse instante  
As naos ligeiras que hião por diante.

Poem se a Deosa com outras em dereito  
Da proa capitaina, & ali fechando,  
O caminho da barra estão de geito,  
Que em vão assopra o vento, a vella inchado:  
Poem no madeiro duro o brando peito,  
Pera detras a forte nao forçando.  
Outras em derredor leuandoa estauão,  
E da barra inimiga a desuiuaão.

Quaes pera a coua as prouidas formigas,  
Leuando o peso grande acomodado,  
As forças exercitão, de inimigas,  
Do inimigo Inuerno congelado:  
Ali sam seus trabalhos, & fadigas,  
Ali mostrão vigor nunca esperado.  
Tais andauão as Nymphas estoruando  
Aa gente Portuguesa o fim nefando.

Torna

Torna per a detras a Nao forçada,  
A pesar dos que leua, que gritando,  
Mareão vellas, ferue a gente yrada,  
O leme a hum bordo, & a outro atraueffando  
O Mestre astuto emvão da popa brada,  
Vendo como diante ameaçando  
Os estaua hum maritimo penedo,  
Que de quebrarlhe a Nao lhe mete medo:

A celeuma medonha se aleuanta,  
No rudo Marinheiro que trabalha,  
O grande estronido, a Maura gente espanta,  
Como se vissem horrida batalha:  
Nam sabem a razão de furia tanta,  
Nam sabem nesta pressa quem lhe valha,  
Cuydão que seus enganos sam sabidos,  
E que ande ser por isso aqui punidos.

Eilos subitamente se lançauão,  
A seus bateis veloces que trazião,  
Outros encima o mar aleuantauão,  
Saltando nagoa a nado se acolhião:  
De hum bordo & doutro subito saltauão,  
Que o medo os compelia do que vião.  
Que antes querem ao mar auenturarse,  
Que nas mãos inimigas entregarse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Assi como em seluatica alagoa,  
 As rãs no tempo antigo Lycia gente,  
 Se sentem por ventura vir pessoa,  
 Estando fora da agoa incautamente,  
 Daqui, & dali saltando, o charco soa,  
 Por fogir do perigo que se sente,  
 E acolhendo se ao conto que conhecem,  
 Sos as cabeças na agoa lhe aparecem.

Assi fogem os Mouros, & o Piloto,  
 Que ao perigo grande as naos guiára,  
 Credo que seu engano estaua noto,  
 Tambem foge saltando na agoa amara:  
 Mas por nam darem no penedo immoto,  
 Onde percão a vida doce, & cara:  
 A ancora solta logo a capitaina,  
 Qualquer das outras junto della amaina.

Vendo o Gama, atentado a estranheza  
 Dos Mouros, não cuidada, & juntamente,  
 O Piloto fugir lhe com presteza,  
 Entende o que ordenaua a bruta gente,  
 E vendo sem contraste, & sem braueza  
 Dos ventos, ou das, agoas sem corrente,  
 Que a Nao passar auante não podia,  
 Auendo o por milagre assi dizia.

O caso



O caso grande, estranho, & não cuydado,  
 O milagre clarissimo, & euidente,  
 O descuberto engano inopinado,  
 O perfida inimiga, & falsa gente,  
 Quem poderá do mal aparelhado  
 Liurarse sem perigo sabiamente.  
 Se la de cima a guarda soberana,  
 Não acudir aa fraca força humana?

Bem nos mostra a diuina prouidencia;  
 Destes portos, a pouca segurança,  
 Bem claro temos visto na apparencia;  
 Que era enganada a nossa confiança  
 Mas pois saber humano, nem prudencia  
 Enganos tam fingidos nam alcança:  
 O tu guarda diuina, tem cuidado  
 De quem sem ti nam pôde ser guardado.

E se te moue tanto a piedade;  
 Desta misera gente peregrina,  
 Que so por tua altissima bondade,  
 Da gente a saluas, perfida & malina,  
 Nalgum porto seguro de verdade:  
 Conduzirnós ja agora determina,  
 Ou nos amostra a terra que buscamos;  
 Pois so por teu seruiço nauégamos.  
 Ouuiolhe

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Ouvio-lhe estas palautas piadosas,  
A fermosa Dione, & comouida,  
Dantre as Nymphas se vay, que saudosas  
Ficarão desta subita partida:  
La penetra as Estrellas luminosas,  
La na terceyra Esphera recebida  
Auante passa, & la no sexto Ceo  
Pera onde estaua o Padre se moueo.

E como hia afrontada do caminho  
Tão fermosa no gesto se mostraua,  
Queas Estrellas, & o Ceo, & o Ar vizinho,  
Etudo quanto a via namoraua  
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho  
Hūs espiritos viuos inspiraua,  
Com que os Polos gelados acendia,  
E tornaua do Fogo a esphera fria.

E por mais namorar o soberano  
Padre, de quem foy sempre amada, & cara  
Se lhapresenta assi como ao Troyano,  
Na selua Ideia ja se apresentara:  
Se a vira o caçador, que o vulto humano  
Perdeo, vendo Diana na agoa clara:  
Nunca os famintos galgos o matarão,  
Que primeiro desejos o acabarão.

Os crespos

Os crespos fios d'ouro se esparzião  
 Pelo colo, que a neve escurecia,  
 Andando as lacteas tetas lhe tremião,  
 Com quem Amor brincava, & não se via.  
 Da alua petrina flamas lhe saião,  
 Onde o minino as almas acendia.  
 Polas lisas colūnas lhe trepauão,  
 Desejos, que como Era se enrolauão.

Cum delgado cendal as partes cobre,  
 De quem vergonha he natural reparo,  
 Porem nem tudo esconde, nem descobre  
 O veo dos roxos lirios pouco auaro:  
 Mas pera que o desejo acenda, & dobre,  
 Lhe poem diante aquelle objecto raro.  
 Ia se sentem no Ceo, por toda a parte,  
 Ciumes em Vulcano, Amor em Marte:

E mostrando no angelico semblante,  
 Co riso hũa tristeza misturada,  
 Como dama que foi do incauto amante,  
 Em brincos amorosos mal trata la,  
 Que se aqueixa, & se ri, num mesmo instante,  
 E se torna entre alegre magoada.  
 Desta arte a Deosa, a quem nenhũa iguala,  
 Mais mimosa que triste ao Padre fala.

D Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Sempre eu cuidey, ô Padre poderoso,  
Que pera as cousas, que eu do peito amasse  
Te achasse brando, affabil, & amoroso,  
Posto que a algum contrairo lhe pesasse:  
Mas pois que contra my te vejo yroso,  
Sem que to merecesse, nem te errasse.  
Façase como Baco determina,  
Assentarey em fim que fuy mofina.

Este pouo que he meu, por quem derramo,  
As lagrimas que em vão caidas vejo,  
Que affaz de mal lhe quero, pois que o amo,  
Sendo tu tanto contra meu desejo:  
Por elle a ti rogando choro, & bramo,  
E contra minha dita em fim pelejo.  
Ora pois porque o amo he mal tratado,  
Quero lhe querer mal, sera guardado.

Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fuy: & nisto de mimosa  
O rosto banha, em lagrimas ardentes,  
Como co orualho fica a fresca rosa:  
Calada hum pouco, como se entre os dentes  
Lhe impedira a falla piedosa.  
Torna a seguila, & indo por diante,  
Llhe atalha o poderoso, & grão Tonante.  
E destas

E destas brandas mostras comouido,  
 Que mouerão de hum Tigre o peito duro,  
 Co vulto alegre, qual do Ceo Jubido,  
 Torna sereno & claro o ar escuro.  
 As lagrimas lhe alimpa, & acendido  
 Na face a beija, & abraça o colo puro.  
 De modo que dali, se so se achára,  
 Outro nouo Cupido se gerára.

E co seu apertando o rosto amado,  
 Que os saluços, & lagrimas aumenta,  
 Como minino da ama castigado,  
 Que quem no affaga o choro lhe acrecenta,  
 Por lhe por em sossego o peito yrado,  
 Muitos casos futuros lhe apresenta.  
 Dos fados as entranhas reuoluendo,  
 Desta maneira em fim lhe està dizendo.

Ferosa filha minha não temais  
 Perigo algum, nos vossos Lusitanos,  
 Nem que ninguem comigo possa mais,  
 Que esses chorosos olhos soberanos:  
 Que eu vos prometo filha que vejais  
 Esquecerense Gregos & Romanos.  
 Pelos illustres feitos que esta gente,  
 Ha de fazer nas partes do Oriente.

D 2 Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA

Que se o facundo Vlusses escapou,  
 De ser na Ozigia Ilha, eterno escravo:  
 E se Antenor os Jeios penetrou,  
 Iliricos, & a fonte de Timauo.  
 E se o piado so Eneas nauégou,  
 De Scila, & de Caribdis o Mar brauo.  
 Os vossos môres cousas atentando,  
 Nouos mundos ao mundo yrão mostrando.

Fortalezas, Cidades, & altos muros,  
 Por elles vereis filha edificados:  
 Os Turcos belacissimos & duros,  
 Delles sempre vereis desbaratados.  
 Os Reis da India liures, & seguros,  
 Vereis ao Rei potente sojugados.  
 E por elles de tudo em fim senhores,  
 Serão da las na terra leis milhores.

Vereis este, que agora presuroso,  
 Por tantos medos o ludo vay buscando,  
 Tremar delle Neptuno de medroso,  
 Sem vento suas agoas encrespando.  
 O caso nunca visto, & milagroso  
 Que trema, & ferua o Mar em calma estado.  
 O gente forte, & de altos pensamentos,  
 Que tambem della hão medo os Elementos.  
 Vereis

Vereis a terra que a agoa lhe tolhia,  
 Que inda ha de ser hum porto muy decente,  
 Em que vão descanjar da longa via,  
 As naos que nauegarem do Occidente.  
 Toda esta costa em fim, que agora vrdia,  
 O mortifero engano, obediente,  
 Lhe pagará tributos, conhecendo,  
 Não poder resistir ao Luso horrendo:

E vereis o Mar roxo tam famoso,  
 Tornar selhe amarello de infiado:  
 Vereis de Ormuz o Reino poderoso,  
 Duas vezes tomado, & sojugado.  
 Ali vereis o Mouro furioso,  
 De suas mesmas setas traspassado.  
 Que quem vay contra os vossos, claro veja,  
 Que se resiste, contra si peleja.

Vereis a inexpugnabil Dio forte,  
 Que dous cercos terá, dos vossos sendo:  
 Ali se mostrará seu preço, & sorte,  
 Feitos de armas grandissimos fazendo:  
 Enuejoso vereis o grão Mauorte,  
 Do peito Lusitano, fero & horrendo.  
 Do Mouro ali verão que a voz extrema,  
 Do falso Mahamede ao Ceo blasfema.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
A qual virá depois a ser sênhora,  
De todo o Oriente, & sublimada  
Cos triumphos da gente vencedora.  
Ali soberba altiua, & exalçada,  
Ao Gentio que os Idolos a lora.  
Duro freeo porá, & a toda a terra,  
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis a fortaleza sustentar-se,  
De Cananor, com pouca força & gente:  
E vereis Calecu desbaratar-se,  
Cidade populosa, & tam potente.  
E vereis em Cochim asmalarse,  
Tanto hum peito soberbo, & insolente,  
Que Cítara ja mais cantou victoria,  
Que assi mereça eterno nome, & gloria.

Nunca com Marte, instructo & furioso,  
Se vio feruer Leucate, quando Augusto  
Nas ciuês Aethias guerras animoso,  
O Capitão venceo Romano injusto,  
Que dos pouos de Aurora, & do famoso  
Nilo, & do Bactra Scitico, & robusto,  
A victoria trazia, & presa rica,  
Preso da Egipcia linda & não pudica.

Como



Como vereis o mar feruendo aceso,  
 Cos incendios dos vossos pelejando,  
 Leuando o Idololatra, & o Mouro preso,  
 De nações diferentes triumphando.  
 E fogueita a rica Aurea Chersonezo,  
 Ate o longico China nauegando.  
 E as Ilhas mais remotas do Oriente,  
 Serlbe a todo o Occeano obediente.

De modo filha minha, que de geito,  
 Amostrarão esforço mais que humano,  
 Que nunca se vera tam forte peito,  
 Do Gangetico mar ao Geditano,  
 Nem das Boreais ondas, ao Estreito,  
 Que mostrou o agrauado Lusitano:  
 Posto que em todo o mundo, de affrontados  
 Refucitassem todos os passados.

Como isto disse, manda o consagrado  
*estaria* Filho de Maia aa terra, por que tenha,  
 Hum pacifico porto, & sossegado,  
 Pera onde sem receyo a frota venha:  
 E pera que em Mombaca, auenturado  
 O forte Capitão se não detenha,  
 Lbe mãda mais, que em sonhos lhe mostrasse  
 A terra, onde quieto repousasse.

OS LUSIADAS DE L. DE CA

Ia pelo ar o Cyleneo voaua,  
 Com as asas nos pês aa terra deçe,  
 Sua vara fatal na mão leuaua,  
 Com que os olhos cansados adormece:  
 Com esta, as tristes almas renocaua,  
 Do Inferno, & o vento lhe obedeçe.  
 Na cabeça o galêro costumado,  
 E desta arte a Melinde foy chegado.

Configo a Fama leua, porque diga,  
 Do Lusitano, o preço grande, & raro,  
 Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,  
 E faz a quem o tem, amado & caro.  
 Desta arte vay fazendo a gente amiga,  
 Co rumor famosissimo, & perclaro.  
 Ia Melinde em desejos arde todo,  
 De ver da gente forte o gesto, & modo.

Dali pera Mombaça logo parte,  
 Aonde as naos estauão temerosas,  
 Pera que aa gente mande que se aparte,  
 Da barra imiga, & terras sospeitosas:  
 Porque muy pouco val esforço, & arte,  
 Contra infernais vontades enganosas:  
 Pouco val coração, astucia, & siso,  
 Se la dos Ceos nam vem celeste auiso.

Meyo

Meyo caminho a noite tinha andado,  
 E as Estrellas no Ceo co a luz albeia,  
 Tinhão o largo Mundo alumiado,  
 E so co sono a gente se recreia.  
 O Capitão illustre, ja cansado,  
 De vigiar a noite, que arreceia,  
 Breue repouso antam aos olhos daua,  
 A outra gente a quartos vigiaua.

Quando Mercurio em sonhos lhe aparece,  
 Dizendo, fuge, fuge Lusitano,  
 Da cilada que o Rei maluado teçe,  
 Por te trazer ao fim, & extremo dano,  
 Fuge, que o Vento, & o Ceo te fauoreçe,  
 Sereno o tempo tês, & o Oceano,  
 E outro Rei mais amigo, noutra parte,  
 Onde podes seguro agasalharte.

Não tens aqui se não aparelhado,  
 O hospicio que o cru Diomedes daua,  
 Fazendo ser manjar acostumado,  
 De cauallos a gente que hospedaua:  
 As aras de Busiris infamado,  
 Onde os hospedes tristes imolaua:  
 Teràs certas aqui, se muito esperas,  
 Fuge das gentes perfidas & feras.

Vaite

Vaite ao longo da costa discorrendo,  
 E outra terra acharàs de mais verdade  
 La quasi junto donde o Sol ardendo,  
 Iguala o dia, & noite em quantidade:  
 Ali tua frota alegre recebendo  
 Hum Rei, com muitas obras de amizade,  
 Casalhado seguro te daria,  
 E pera a India certa & sabia guia.

Isto Mercurio disse, & o sono leua  
 Ao Capitão, que com muy grande espanto  
 Acorda, & ve ferida a escura treua,  
 De hũa subita luz, & rayo sancto:  
 E vendo claro quanto lhe releua,  
 Não se deter na terra iniqua tanto.  
 Com nouo sprito ao Mestre seu mandaua,  
 Que as vellas desse ao vento que assoprava.

Day vellas, disse, day ao largo vento,  
 Que o Ceo nos fauorece, & Deos o manda,  
 Que hum mensageiro vi do claro assento  
 Que so em fauor de nossos passos anda:  
 Aleuantase nisto o mouimento,  
 Dos marinheiros, de hũa & de outra banda,  
 Leuão gritando as ancoras acima,  
 Mostrando a ruda força, que se estima.  
 Neste

Neste tempo, que as ancoras leuauão,  
 Na sombra escura os Mouros escondidos,  
 Mansamente as amarras lhe cortauão,  
 Por serem, dando aa costa, destruydos:  
 Mas com vista de Linceos vigiauoão,  
 Os Portugueses sempre apercebidos.  
 Elles como acordados os sentirão,  
 Voando, & não remando lhe fogirão.

Mas ja as agudas proas apartando,  
 Hião as vias humidas de argento,  
 Assopralhe galerno o vento, & brando,  
 Com suaue & seguro mouimento,  
 Nos perigos passados vão falando,  
 Que mal se perderão do pensamento,  
 Os casos grandes, donde em tanto aperto  
 A vida em saluo escapa por acerto.

Tinha hũa volta dado o Sol ardente,  
 E noutra começaua, quando virão  
 Ao longe dous nauios, brandamente  
 Cos ventos nauegando, que respirão,  
 Porque auião de ser da Maura gente,  
 Pera elles arribando, as vellas virão.  
 Hum de temor do mal que arreceaua,  
 Por se salvar a gente aa costa daua.

Não

Não he o outro que fica tão manhoso:  
 Mas nas mãos vay cair do Lusitano,  
 Sem o rigor de Marte furioso,  
 E sem a furia horrenda de Vulcano,  
 Que como fosse debil & medroso,  
 Da pouca gente o fraco peito humano:  
 Não teue resistencia, & se a tiuêra,  
 Mais d'ano resistindo recebêra.

E como o Gama muito desejasse,  
 Piloto pera a India que buscava,  
 Cuidou que entre estes Mouros o tomasse:  
 Mas não lhe soccedeo como cuidava,  
 Que nenhum d'elles ha que lhe insinasse  
 A que parte dos Ceos a India estaua.  
 Porem dizem lhe todos, que tem perto,  
 Melinde onde achârão Piloto certo.

Louuão do Rei os Mouros a bondade,  
 Condiçam liberal, sincero peito,  
 Magnificencia grande, & humanidade,  
 Com partes de grandissimo respeito.  
 O Capitão o assella por verdade,  
 Porque ja lho dissera deste geito,  
 O Cyleneo em sonhos, & partia,  
 Pera onde o sonho, & o Mouro lhe dizia.

Era

Era no tempo alegre quando entrava,  
 No rouba-lor de Europa a luz Febea,  
 Quando hum, & o outro corno lhe aquentava  
 E Flora derramava o de Analthea:  
 A memoria do dia renouava,  
 O presuroso Sol, que o Ceo rodea.  
 Em que aquelle, a quem tu lo estã sozeito,  
 O sello pos a quanto tinha feito.

Quando chegava a frota daquella parte,  
 Onde o Reino Melinde ja se via,  
 De toldos adornada, & leda de arte  
 Que bem mostra estimar o Santo dia:  
 Treme a Bandeira, voa o Estandarte,  
 A cor purpurea ao longe apparecia.  
 Soão os atambores & pandeiros,  
 E assi entravão ledos & guerreiros.

En he se to la a praya Melindana,  
 Da gente que vem ver a leda armada,  
 Gente mais verdadeira, & mais humana  
 Que to li a doutra terra atras deixada.  
 Surge diante a frota Lusitana,  
 Pega no findo a ancora pesada.  
 Man lão fora hum dos Mouros q̃ tomãrão,  
 Por quem sua vinda ao Rei manifestarão.  
 O Rei.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

O Rei que ja sabia da nobreza  
que tanto os Portugueses engrandece,  
Tomarem o seu porto tanto preza,  
Quanto a gente fortissima merece:  
E com verdadeiro animo, & pureza,  
Que os peitos generosos ennobrece.  
Lhe manda rogar muyto que saissem,  
Pera que de seus Reinos se seruissem.

Sam offerecimentos verdadeiros,  
E palaura suceras, não dobradas,  
As que o Rei manda aos nobres caualleiros,  
Que tanto mar & terras tem passadas:  
Mandalhe mais lanigeros carneiros,  
E galinhas domesticas ceuadas,  
Com as fructas que antam na terra auia,  
E a vontade aa dadina excedia.

Recebe o Capitão alegremente  
O mensageiro ledo, & seu recado,  
E logo manda ao Rei outro presente,  
Que de longe trazia aparelhado:  
Escarlata purpurea, cor ardente,  
O ramoso coral fino, & prezado.  
Que debaxo das agoas mole creçe,  
E como he fora dellas se endureçe.  
E manda



Manda mais hum na pratica elegante,  
 Que co Rei nobre as pazes concertasse,  
 E que de não sair niquelle instante,  
 De suas naos em terra o desculpasse.  
 Partido assi o embaixador prestante,  
 Como na terra ao Rei se apresentasse:  
 Com estillo que Palas lhe ensinava,  
 Estas palauras tais fallando orava.

Sublime Rei, a quem do Olimpo puro,  
 Foy da summa lustica concedido,  
 Refrear o soberbo pouo duro,  
 Não menos d'elle amado, que temido,  
 Como porto muy forte, & muy seguro,  
 De todo o Oriente conhecido:  
 Te vimos a buscar, pera que achemos  
 Em ti o remedio certo que queremos.

Não somos roubadores, que passando  
 Pelas fracas cidades descuidadas,  
 A ferro, & a fogo, as gentes vão matando  
 Por roubarlhe as fazendas cubicadas:  
 Mas da soberba Europa nauegando,  
 Himos buscando as terras apartadas  
 Da India grande, & rica, por mandado  
 De hum Rei que temos, alto, & sublimado.  
 Que

Que geração tam dura abi de gente?  
 Que barbaro costume, & vsança feã,  
 Que não vedem os portos, tam somente:  
 Mas inda o hospicio da deserta area?  
 Que ma tençam? que peito em nos se sente?  
 Que de tam pouca gente se arrecea.  
 Que com laços armados tam fingidos,  
 Nos ordenassem vernos destruydos?

Mas tu, em quem muy certo confiamos  
 Acharse mais verdade, ô Rei benigno,  
 E aquella certa ajuda em ti esperamos,  
 Que teue o perdido Itaco em Alcino:  
 A teu porto seguros nauegamos,  
 Conduzidos do interprete diuino.  
 Que pois a ti nos manda, està muy claro,  
 Que es de peito sincêro, humano, & raro.

E não cuydes, ô Rei, que não saisse,  
 O nosso Capitão esclarecido  
 A verte, ou a servirte, porque visse  
 Ou sospeitasse em ti peito fingido:  
 Mas saberas que o fez porque comprisse,  
 O regiment» em tudo obedecido,  
 De seu Rei, que lhe manda que nam saia,  
 Deixando a frota, em nenhũ porto, ou praia.  
 E porque

E porque he de vassallos, o exercicio,  
 Que os membros tem regidos da cabeça  
 Não quereras, pois tês de Rei o officio,  
 Que ninguem a seu Rei desobedeça:  
 Mas as merces, & o grande beneficio,  
 Que ora acha em ti, promete que conheça  
 Em tudo aquillo que elle & os seus poderem,  
 Em quanto os rios pera o mar correrem.

Assim dizia, & todos juntamente,  
 Hús com outros em pratica fallando,  
 Louuauão muito o estamago da gente,  
 Que tantos Ceos & mares vai passando,  
 E o Rei illustre, o peito obediente,  
 Dos Portugueses, na alma imaginando.  
 Tinha por valor grande, & muy subido,  
 O do Rei que he tam longe obedecido.

E com risonha vista, & ledo aspeito,  
 Responde ao Embaixador, que tanto estima  
 Toda a sospeita mà tiray do peito,  
 Nenhum frio temor em vos se imprima:  
 Que vosso preço, & obras sam de geito,  
 Pera vos ter o mundo em muyta estima:  
 E quem vos fez mollesto tratamento,  
 Não pode ter jobido pensamento.

E De

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

De não sair em terra toda a gente,  
 Por observar a usada preminencia,  
 Ainda que me pese estranhamente,  
 Em muito tenho a muita obediencia:  
 Mas se lho o regimento não consente,  
 Nem eu consentirey que a excellencia,  
 De peitos tão leais em si desfaca,  
 So porque a meu desejo satisfaça.

Porem como a luz crãstina chegada,  
 Ao mundo for, em minhas almãdias,  
 Eu irey visitar a forte armada,  
 Que ver tanto desejo, ha tantos dias.  
 E se vier do mar desbaratada,  
 Do furioso vento, & longas vias:  
 Aqui tera, de limpos pensamentos:  
 Piloto, munições, & mantimentos.

Isto disse, & nas agoas se escondia,  
 O filho de Latona, & o mensageiro  
 Coa embaixada alegre se partia  
 Pera a frota, no seu batel ligeiro:  
 Enchem se os peitos todos de alegria,  
 Por terem o remedio verdadeiro,  
 Pera acharem a terra que buscauão,  
 E assi ledos a noite festejauão.

Não

Não faltão ali os rayos de arteficio,  
 Os tremulos Cometas imitando,  
 Fazem os Bombardeiros seu officio:  
 O ceo, a terra, & as ondas atroando.  
 Mostrase dos Cyclopas o exercicio,  
 Nas bombas que de fogo estão queimando,  
 Outros com vozes, com que o Ceo ferião,  
 Instrumentos altissonos tangião.

Respondem lhe da terra juntamente,  
 Co rayo volteando, com zomido,  
 Anda em giros no ar a roda ardente,  
 Estoura o po sulfureo escondido:  
 A grita se alevanta ao Ceo, da gente,  
 O Mar se via em fogos acendido:  
 E não menos a terra, & assi festeja  
 Hum ao outro a maneira de peleja.

Mas ja o Ceo inquieto reuoluendo,  
 As gentes incitava a seu trabalho,  
 E ja a mãy de Menon a luz trazendo,  
 Ao sono longo punha certo atalho:  
 Hião se as sombras lentas desfazendo,  
 Sobre as flores da terra, em frio orualho,  
 Quando o Rei Milindano se embarcaua  
 A ver a frota que no mar estava.

E 2 Vião se

Vião se em derredor feruer as prayas  
 Da gente, que a ver so concorre leda,  
 Luzem da fina purpura as cabaiaas,  
 Lustrão os panos da tecida seda:  
 Em lugar de guerreiras azagaiaas,  
 E do arco, que os cornos arremeda  
 Da Lúa, trazem ramos de Palmeira,  
 Dos que vencem coroa verdadeira.

Hum batel grande & largo, que toldado  
 Vinha de sedas de diuerfas cores,  
 Traz o Rei de Melinde, acompanhado  
 De nobres de seu Reino, & de senhores:  
 Vem de ricos vestidos adornado,  
 Segundo seus costumes, & primores.  
 Na cabeça hũa fota guarnecida,  
 De ouro, & de seda, & de algodão tecida.

Cabaya de Damasco rico, & dino,  
 Da Tiria cor, entre elles estimada,  
 Hum colar ao pescoço de ouro fino,  
 Onde a materia da obra he superada,  
 Cum resplendor reluze Adamantino,  
 Na cinta, a rica adaga bem laurada.  
 Nas alparcas dos pês, em fim de tudo,  
 Cobrem, ouro & aljofar ao veludo.

Com.

Com hum redondo emparo alto de seda,  
 Nua alta & dourada aſtea enxerido,  
 Hum ministro aa solar quentura veda,  
 Que não offenda & queime o Rei subido:  
 Musica traz na proa, estranha & leda,  
 De aspero som, horriſſimo ao ouuido:  
 De trombetas arcadas em redondo,  
 Que ſem concerto fazem rudo eſtrondo.

Não menos guarnecido o Luſitano,  
 Nos ſeus bateis da frota ſe partia,  
 A receber no mar o Melindano,  
 Com luſtroſa & honrada companhia:  
 Veſtido o Gama vem ao modo Hispano:  
 Mas Franceſa era a roupa que veſtia,  
 De cetim da Adriatica Veneza,  
 Carmeſi, cor que a gente tanto preza.

De botões douro as mangas vem tomadas,  
 Onde o Sol reluzindo a viſta cega:  
 Aſcalças ſoldadeſcas recamadas,  
 Do metal que Fortuna a tantos nega,  
 E com pontas do meſmo delicadas,  
 Os golpes do gibão ajunta, & achega:  
 Ao Italico modo a aurea eſpada,  
 Pruma na gorra, hum pouco diclinada.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Nos de sua companhia se mostrava,  
 Da tinta que dá o Múrice excelente,  
 A varia cor, que os olhos alegrava,  
 E a maneira do trajo diferente:  
 Tal o fermoso esmalte se notava,  
 Dos vestidos olhados juntamente:  
 Qua' aparece o arco rutilante,  
 Da bella Nimpha filha de Thaumante.

Sonorosas trombetas incitauão,  
 Os animos alegres rejoando,  
 Dos Mouros os bateis o Mar co. lhauão,  
 Os toldos pelas agoas arrojando:  
 As bombardas horriſſonas brando,  
 Com as nuuês de fumo o Sol tomando,  
 Ameudam se os brados acendidos,  
 Tapão com as mãos os Mouros os ouuidos.

La no batel entrou do Capitão  
 O Rei, que nos seus braços o leuava,  
 Elle coa cortesia, que a razão  
 (Por ser Rei) requeria, lhe fallava.  
 Cũas mostras de espanto, & admiração,  
 O Mouro o gesto, & o modo lhe notava,  
 Como quem em muy grande estima tinha,  
 Gente que de tam longe à India vinha.

E com



E com grandes palauras lhe offerece,  
 Tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,  
 E que se mantimento lhe fallece,  
 Como se proprio fosse lho pedisse:  
 Diz lhe mais, que por fama bem conhece  
 A gente Lusitana, sem que a visse.  
 Que ja ouuio dizer, que noutra terra  
 Com gente de sua ley tiuesse guerra.

E como por toda Affrica se soa,  
 Lhe diz, os grandes feitos que fizerão,  
 Quando nella ganharão a coroa  
 Do Reino, onde as Hesperidas viuerão:  
 E com muitas palauras apregoa,  
 O menos que os de Luso merecerão:  
 E o mais que pela fama o Rei sabia:  
 Mas desta sorte o Gama respondia.

O tu que so tiueste piedade,  
 Rei benigno, da gente Lusitana,  
 Que com tanta miseria, & aduersidade,  
 Dos mares experimenta a furia insana.  
 Aquella alta, & diuina eternidade,  
 Que o Ceo reuolue, & rege a gente humana:  
 Pois que de ti tais obras recebemos,  
 Te pague o que nos outros não podemos.

Tu so de todos quantos queima Apolo,  
 Nos recebes em paz do Mar profundo  
 Em ti, dos ventos horridos de Eolo,  
 Refugio achamos bom, fido, & jocundo  
 Em quanto apacentar o largo Polo,  
 As Estrellas, & o Sol der lume ao Mundo,  
 Onde quer que eu viuer, com fama & gloria,  
 Viuirão teus lououres em memoria.

Isto dizendo, os barcos vão remando,  
 Pera a frota, que o Mouro ver deseja,  
 Vão as naos, hũa & hũa rodeando,  
 Porque de todas tudo note, & veja:  
 Mas pera o Ceo Vulcano fuzilando,  
 A frota co as bombardas o festeja,  
 E as trombetas canoras lhe tangião,  
 Cos anafis os Mouros respondião.

Mas despois de ser tudo ja notado,  
 Do generoso Mouro, que pasmaua,  
 Ouuindo o instrumento inusitado,  
 Que tamanho terror em si mostraua,  
 Mandaua estar quieto, & ancorado,  
 Nagoa o batel ligeiro que as leuaua,  
 Por fallar de vagar co forte Gama,  
 Nas cousas de que tem noticia, & fama.

Em

Em praticas o Mouro diferentes,  
 Se deleitava, perguntando agora,  
 Pelas guerras famosas & excellentes,  
 Co pouo áuidas, que a Masoma adora:  
 Agora lhe pergunta pelas gentes  
 De toda a Hispheria vltima, onde mora:  
 Agora pelos pouos seus vezinhos,  
 Agora pelos humidos caminhos.

Mas antes valeroso Capitão,  
 Nos conta, lhe dezia, diligente,  
 Da terra tua o clima, & região  
 Do Mundo onde morais distintamente,  
 E assi de vossa antiga geração,  
 E o principio do Reino tam potente:  
 Cos successos das guerras do começo,  
 Que sem sabellas, sey que sam de preço.

E assi tambem nos conta dos rodeios  
 Longos, em que te traz o Mar yrado,  
 Vendo os costumes barbaros alheios,  
 Que a nossa Affrica ruda tem criado  
 Conta: que agora vem cos aureos freios,  
 Os cauallos que o carro marchetado,  
 Do nouo Sol, da fria Aurora trazem,  
 O Vento dorme, o Mar & as ondas jazem.

Enão

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

E não menos co tempo se parece,  
O desejo de ouirte o que contares,  
Que quem ha, que por fama não conhece  
As obras Portuguesas singulares:  
Não tanto desuiado resplandeçe,  
De nos o claro Sol, pera julgares.  
Que os Melindanos tem tam rudo peito,  
Que não estimem muito hum grande feito.

Cometerão soberbos os Gigantes,  
Com guerra vão, o olimpo claro, & puro,  
Tentou Peritho, & Theseu, de ignorantes,  
O Reino de Plutão horrendo & escuro,  
Se ouue feitos no mundo tam possantes,  
Não menos he trabalho illustre, & duro,  
Quanto foi cometer Inferno, & Ceo,  
Que outrem cometa a furia de Nereo.

Queimou o sagrado templo de Diana,  
Do sutil Tesifonio fabricado,  
Horostrato, por ser da gente humana  
Conhecido no mundo, & nomeado:  
Se tambem com tais obras nos engana,  
O desejo de hum nome auentajado.  
Mais razão ha que queira eterna gloria  
Quem faz obras tam dignas de memoria.

Fim.

## Canto Terceiro.



Gora tu Caliope  
me ensina,  
O que contou ao Rei, o illustre  
Gama:

Inspira immortal canto, & voz diuina,  
Neste peito mortal, que tanto te ama.  
Assi o claro inuentor da Medicina,  
De quem Orpheo pariste, o linda Dama:  
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothõe  
Te negue o Amor diuido, como soe.

Poem tu Nimfa em effeito meu desejo,  
Como mereçe a gente Lusitana,  
Que veja & saiba o mundo que do Tejo  
O licor de Aganipe corre & mana,  
Deixa as flores de Pindo, que ja vejo  
Banharme Apolo na agoa soberana.  
Senão direy, que tês algum receio,  
Que se escureça o teu querido Orpheo.

Promptos

OS LIVSIADAS DE L. DE CA.

Promptos estauão todos escuitando,  
 O que o sublime Gama contaria  
 Quando, despois de hum pouco estar cuidãdo,  
 Aleuantando o rosto, assi dizia:  
 Mandas me, o Rei, que conte declarando,  
 De minha gente a grão geanalosia:  
 Não me manda contar estranha historia:  
 Mas mandas me louuar dos meus a gloria.

Que outrem possa louuar esforço alheio,  
 Causa he que se costuma, & se deseja:  
 Mas louuar os meus proprios, arreceio,  
 Que louuor tãõ sospeito mal me esteja,  
 E pera dizer tudo, temo & creio,  
 Que qualquer longo tempo curto seja:  
 Mas pois o mandas, tudo se te deue,  
 Irey contra o que deuo, & serey breue.

Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,  
 He não poder mentir no que disser,  
 Porque de feitos tais, por mais que diga,  
 Mais me ha de ficar inda por dizer:  
 Mas porque niisto a ordem leue & siga,  
 Segundo o que desejas de saber.  
 Primeiro tratarey da larga terra,  
 Despois direy da sanguinosa guerra.

Entre

Entre a Zona que o Cancro senborea,  
Meta Septentrional do Sol luzente,  
E aquella, que por fria se arrecea  
Tanto, como a do meyo por ardente,  
Iaz a soberba Europa, a quem rodea,  
Pela parte do Arcturo, & do Occidente:  
Com suas faldas ondas o Oceano,  
E pela Austral, o Mar Mediterraneo.

Da parte donde o dia vem nascendo,  
Com Asia se auizinha : mas o Rio  
Que dos montes Rifeios vay correndo,  
Na alagoa Meotis, curuo & frio  
As diuide: & o Mar, que fero & horrendo  
Vio dos Gregos o yrado senhorio:  
Onde agora de Troia triumphante,  
Não vè mais que a memoria o nauegante.

La onde mais debaxo està do Polo,  
Os montes Hyperboreos aparecem,  
E aquelles onde sempre sopra Eolo,  
E co nome do sopros, se ennobrecem,  
Aqui tam pouca força tem de Apolo,  
Os rayos que no mundo resplandecem.  
Que a neuve està contino pelos montes,  
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.  
Aqui

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Aqui dos Cytas, grande quantidade  
Viuem, que antigamente grande guerra  
Tiuerão, sobre a humana antiguidade,  
Cos que tinhão antão a Egipcia terra:  
Mas quem tão fora estava da verdade,  
(Ia que o juyzo humano tanto erra.)  
Pera que do mais certo se informára,  
Ao campo Damasceno o perguntára.

Agora nestas partes se nomea,  
A Lapia fria, a inculta Noruega,  
Escandinauia lha, que se arrea,  
Das victorias que Italia não lhe nega  
Aqui, em quanto as agoas não refrea,  
O congelado Inuerno, se nauega.  
Hum braço do Sarmatico Occeoano,  
Pelo Brusio, Sueio, & frio Dano.

Entre este Mar, & o Tanais viue estranha  
Gente, Ruthenos, Moscos, & Liuonios,  
Sarmatas outro tempo, & na montanha  
Hircinia, os Marcomanos sam Polonios  
Suzeitos ao Imperio de Alemanha,  
Sam Saxones, Boemios, & Panonios,  
E outras varias nações, que o Reno frio  
Laua, & o Danubio, Amasis, & Albis Rio.  
Entre



Entre o remoto Istro, & o claro estreito,  
 Aonde Hele deixou, co nome, a vida,  
 Estão os Traces de robusto peito,  
 Do fero Marte, patria tam querida,  
 Onde co Hemo, o Rodope sugeito  
 Ao Otomano está, que sometida,  
 Bizancio tem a seu seruiço indino,  
 Boa injuria do grande Costantino.

Logo de Macedonia estão as gentes,  
 A quem lava do Axio a agoa fria:  
 E vos tambem, o terras excelentes,  
 Nos costumes, engenhos, & ousadia,  
 Que criastes os peitos eloquentes,  
 E os juizos de alta fantasia:  
 Com quem tu clara Grecia o Ceo penetras,  
 Enão menos por armas, que por letras.

Logo os Dalmatas viuem, & no seio,  
 Onde Antenor ja muros leuanteou,  
 A soberba Veneza está no meio  
 Das agoas, que tam baxa começou  
 Da terra, hum braço vem ao mar, que cheio  
 De esforço, nações varias sogeitou,  
 Braço forte, de gente sublimada,  
 Não menos nos engenhos que na espada:  
 Em torno

O S<sup>te</sup> LIV S<sup>ta</sup> ADIAS DE L. DE CA.

Em torno o cerca o Reino Neptunino,  
Cos muros naturais, por outra parte,  
Pelo meyo o diuide o Apinino,  
Que tam illustre fez o patrio Marte:  
Mas despois que o porteiro tem diuino,  
Perdendo o esforço veio, & bellica arte:  
Pobre está ja de antiga potestade,  
Tanto Deos se contenta de humildade.

Galia ali se verá, que nomeada,  
Cos Cesareos Triunfos foy no mundo,  
Que do Sequana, & Rôdano he regada,  
E do Garuna frio, & Reno fundo:  
Logo os montes da Nimpha sepultada  
Pyrene se aleuantão, que segundo  
Antiguidades contão, quando arderão,  
Rios de ouro, & de prata antão correrão.

Eis aqui se descobre a nobre Espanha,  
Como cabeça ali de Europa toda,  
Em cujo senhorio & gloria estrauba,  
Muitas voltas tem dado a fatal roda:  
Mas nunca poderá, com força, ou manha,  
A fortuna inquieta porlhe nodar:  
Que lha não tire o esforço & ousadia,  
Dos belicosos peitos, que em si cria.

Com

CANTO TERCEIRO

41

Com Tingitania entesta, & ali parece  
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,  
 Onde o sabido estreito se ennobrece,  
 Co extremo trabalho do Thebano:  
 Com nações diferentes se engrandece,  
 Cercadas com as ondas do Oceano.  
 Todas de tal nobreza, & tal valor,  
 Que qualquer dellas cuida que he milhor.

Tem o Tarragones, que se fez claro,  
 Sujeitando Partênope inquieta,  
 O Navarro, as Asturias, que reparo  
 La forão, contra a gente Mahometa,  
 Tem o Galego cauto, & o grande & raro  
 Castelhana, a quem fez o seu Planeta,  
 Restituidor de Espanha, & senhor della,  
 Bethis, Lião, Granada, com Castella.

Eis aqui quasi cume da cabeça,  
 De Europa toda, o Reino Lusitano,  
 Onde a Terra se acaba, & o Mar começa,  
 E onde Febo repousa no Oceano:  
 Este quis o Ceo justo, que florece  
 Nas armas, contra o torpe Mauritano,  
 Deitando o de si fora, & la na ardente  
 Affrica estar quieto o nam consente.

F Esta be

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Esta he a ditosa patria minha amada,  
Aa qual se o Ceo me da, que eu sem perigo  
Torne, com esta empresa ja acabada,  
Acabese esta luz ali comigo.  
Esta foy Lusitania diriuada,  
De Luso, ou Lysa: que de Bacho antigo,  
Filhos forão parece, ou companheiros,  
E nella antam os Incolas primeiros.

Desta o Pastor nasceo, que no seu nome  
Se ve, que de homem forte os feitos teue,  
Cuja fama, ninguem virà que dome,  
Pois a grande de Roma não se atreue:  
Esta, o velho que os filhos proprios come,  
Por decreto do, Ceo ligeiro, & leue,  
Veo a fazer no mundo tanta parte,  
Criando a Reino illustre, & foi desta arte.

Hum Rei, por nome Affonso, foy na Espanha,  
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,  
Que por armas sanguinas, força & manha  
A muitos fez perder a vida, & a terra:  
Voando deste Rei a fama estranha,  
Do Herculanio Calpe aa Caspia serra,  
Muitos, pera na guerra esclarecerse,  
Vinhão a elle, & aa morte offerecerse.  
E com

E com hum amor intrinseco acendidos  
 Da Fè, mais que das honras populares,  
 Erão de varias terras conduzidos,  
 Deixando a patria amada, & proprios lares  
 Despois que em feitos altos & subidos.  
 Se mostrarão nas armas singulares.  
 Quis o famoso Affonso, que obras tais,  
 Leuassem premio digno, & dões iguais.

Destes Anrique dizem que segundo,  
 Filho de hum Rei de Vngria experimentado,  
 Portugal ouue em sorte, que no Mundo  
 Entam não era illustre, nem prezado:  
 E pera mais sinal damor profundo,  
 Quis o Rei Castelhana, que casado,  
 Com Teresa sua filha o Conde fosse,  
 E com ella das terras tomou posse.

Este despois que contra os descendentes,  
 Da escraua Agar, victorias grandes teue,  
 Ganhando muitas terras adjacentes,  
 Fazendo o que a seu forte peito deue.  
 Em premio destes feitos excellentes,  
 Deulhe o supremo Deos, em tempo breue,  
 Hum filho, que illustrasse o nome vfanô  
 Do belicoso Reino Lusitano.

Ia tinha vindo Anrique da conquista,  
 Da cidade Hyerosolima sagrada,  
 E do lordão a area tinha vista,  
 Que vio de Deos a carne em si lauada,  
 Que não tendo Gotfredo a quem resista,  
 Depois de ter Iudea sojugada.  
 Muitos que nestas guerras o ajudarão,  
 Pera seus senhorios se tornarão.

Quando chegado ao fim de sua idade,  
 O forte & famoso Vngaro estremado,  
 Forçado da fatal necessidade,  
 O spirito deu, a quem lho tinha dado:  
 Ficaua o filho em tenra mocidade,  
 Em quem o pay deixaua seu traslado:  
 Que do Mundo os mais fortes igualaua,  
 Que de tal pay tal filho se esperaua.

Mas o velho rumor, não sey se errado,  
 Que em tanta antiguidade não ha certeza,  
 Conta que a mãy tomando todo o estado  
 Do segundo Hymeneo, não se despreza:  
 O filho orfão deixaua deserdado,  
 Dizendo que nas terras, a grandeza  
 Do senhorio todo, so sua era,  
 Porque pera casar seu pay lhas dera.

Mas

Mas o Principe Affonso, que desta arte  
 Se chamaua, do Auô tomando o nome,  
 Vendose em suas terras não ter parte,  
 Que a mãy com seu marido as mãda & come,  
 Feruendo lhe no peito o duro Marte,  
 Imagina consigo como as tome.  
 Reuoluidas as causas no conceito,  
 Ao proposito firme segue o effeito.

De Guimarães o campo se tingia,  
 Co sangue proprio da intestina guerra,  
 Onde a mãy que tam pouco o parecia,  
 A seu filho negaua o amor, & a terra,  
 Co elle posta em campo ja se via,  
 E não ve a soberba, o muito que erra.  
 Contra Deos, contra o maternal amor:  
 Mas nella o sensual era maior.

O Progne crua, o magica Medea,  
 Se em vossos proprios filhos vos vingais  
 Da maldade dos pais, da culpa alheia,  
 Olhay que inda Teresa peca mais:  
 Incontinencia ma, cubiça fea,  
 São as causas deste erro principais.  
 Scilla por hũa mata o velho pay,  
 Esta por ambas, contra o filho vay.

Mas ja o Principe claro, o vencimento,  
 Do padrao & da imca mãy leuaua,  
 Ia lhe obedece a terra num momento,  
 Que primeiro contra elle pelejaua.  
 Porem vencido de Ira o entendimento,  
 A mãy em ferros asperos atana:  
 Mas de Deos foi vingada em tempo breue,  
 Tanta veneração aos pais se deue.

Eis se ajunta o soberbo Castelhamo,  
 Pera vingar a injuria de Tereza,  
 Contra o tam raro em gente Lusitano,  
 A quem nenhum trabalho agraua, ou pesca:  
*trabalho* Em batalha cruel, o peito humano,  
 Ajudado da Angelica defesa.  
 Não so contra tal furia se sustenta:  
 Mas o inimigo asperrimo affugenta.

Não passa muito tempo, quando o forte  
 Principe, em Guimarães está cercado,  
 De infinito poder, que desta sorte,  
 Foy refazerse o inimigo magoado:  
 Mas com se offerecer aa dura morte,  
 O fiel Egas amo, foy liurado.  
 Que de outra arte podera ser perdido,  
 Segundo estava mal apercebido.

Mas



Mas o leal vassallo conhecendo,  
 Que seu senhor não tinha resistencia,  
 Se vay ao Castelbano, prometendo,  
 Que elle faria darlhe obediencia.  
 Leuanta o inimigo o cerco horrendo,  
 Fiado na promessa, & consciencia  
 De Egas moniz, mas não consente o peito  
 Do moço illustre, a outrem ser jozeito.

Chegado tinha o prazo prometido,  
 Em que o Rei Castelbano ja agoardaua,  
 Que o Principe a seu mando sometido,  
 Lhe desse a obediencia que esperaua.  
 Vendo Egas, que ficaua fementido,  
 O que d'elle Castella não cuydaua,  
 Determina de dar a doce vida,  
 A troco da palavra mal comprida.

E com seus filhos & molher se parte,  
 A aleuantar co elles a fiança,  
 Descalços, & despídos, de tal arte,  
 Que mais moue a piedade que a vingança.  
 Se pretendes Rei alto de vingarte,  
 De minha temeraria confiança,  
 Dizia, eis aqui venho offerecido,  
 A te pagar co a vida o prometido.

Ves aqui trago as vidas inocentes,  
 Dos filhos sem peccado, & da consorte,  
 Se a peitos generosos, & excellentes,  
 Dos fracos satisfaza a fera morte.  
 Ves aqui as mãos, & a lingua delinquentes,  
 Nellas sos exprimenta, toda sorte  
 De tormentos, de mortes, pelo estillo  
 De Scinis, & do touro de Perillo.

Qual diante do algoz o condenado,  
 Que ja na vida a morte tem bebido,  
 Poem no ceppo a garganta: & ja entregado,  
 Espera pelo golpe tam temido:  
 Tal diante do Principe indinado,  
 Egas estaua a tudo offerecido:  
 Mas o Rei vendo a estranha lealdade,  
 Mais pode em fim que a Ira a Piedade.

O grão fidelidade Portuguesa,  
 De vassillo, que a tanto se obrigaua,  
 Que mais o Persa fez naquella empresa,  
 On te rosto & narizes se cortaua,  
 Do que ao grande Dario tanto pesa,  
 Que mil vezes dizendo suspiraua.  
 Que mais o seu Zopiro são prezâra,  
 Que vinte Babilonias que tomâra.

Mas

Mas ja o Principe Affonso aparelhaua,  
 O Lusitano exercito ditoso,  
 Contra o Mouro que as terras habitaua,  
 Dalem do claro Tejo deleitoso:  
 Ia no campo de Ourique se assentaua,  
 O arraial soberbo, & belicoso:  
 Defronte do inimigo Sarraceno,  
 Posto que em força, & gente ta n pequeno.

Em nenhũa outra cousa confiado,  
 Senão no summo Deos, que o Ceo regia,  
 Que tam pouco era o pouo bautizado,  
 Que pera hum so cem Mouros aueria.  
 Iulga qualquer iuyzo soffegado,  
 Por mais temeridade que ousadia,  
 Cometer hum tamanho ajuntamento,  
 Que pera hum caualleiro ouuesse cento.

Cinco Reis Mouros sam os inimigos,  
 Dos quaes o principal Ismar se chama,  
 Todos experimentados nos perigos  
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama:  
 Seguem guerreiras Damas seus amigos,  
 Imitando a fermosa & forte Dama,  
 De quem tanto os Troyanos se ajudârão,  
 E as que o Termodonte ja gostârão.

*A matutina*

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

A matutina luz serena, e fria,  
As Estrellas do Pollo ja apartaua,  
Quando na Cruz o Filho de Maria,  
Amostrando se a Affonso o animaua:  
Elle adorando quem lhe apparecia,  
Na Fê todo inflamado assi gritaua:  
Aos infieis Senhor, aos infieis,  
E não a my que creio o que podeis.

Com tal milagre, os animos da gente  
Portuguesa, inflamados leuantauão,  
Por seu Rei natural, este excelente  
Principe, que do peito tanto amauão:  
E diante do exercito potente,  
Dos imigos, gritando o ceo tocauão:  
Dizendo em alta voz, real, real,  
Por Affonso alto Rei de Portugal.

Qual cos gritos e vozes incitado,  
Pola montanha o rabido Molofo,  
Contra o Touro remete, que fiado  
Na força está do corno temeroso:  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
Latindo mais ligeiro que forçoso,  
Ate que em fim rompendolhe a garganta,  
Do brauo a força horrenda se quebranta.  
Tal

Tal do Rei nouo, o estamago acendido,  
 Por Deos & polo pouo juntamente,  
 O barbaro comete apercebido,  
 Co animoso exercito rompente:  
 Leuantão nisto os perros o alarido *alarido.*  
 Dos gritos, tocam a arma, ferue a gente,  
 As lanças & arcos tomão, tubas soão,  
 Instrumentos de guerra tudo atroão.

Bem como quando a flama que ateadada,  
 Foi nos aridos campos ( asoprando  
 O sibilante Boreas ) animada  
 Co vento, o seco mato vay queimando:  
 A pastoral companhia, que deitada,  
 Co doce sono estaua, despertando,  
 Ao estridor do fogo que se atea,  
 Recolhe o fato, & foge pera a aldeia.

Desta arte o Mouro atonito & toruado,  
 Toma sem tento as armas muy depressa,  
 Não foge: mas espera confiado,  
 E o ginete belligero arremessa:  
 O Portugues o encontra denodado,  
 Pelos peitos as lanças lhe atraueffa.  
 Hús caem meios mortos, & outros vão  
 A ajuda conuocando do Alcorão.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Ali se vem encontros temerosos,  
Pera se desfazer hũa alta serra,  
E os animais correndo furiosos,  
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:  
Golpes se dão medonhos, & forçosos,  
Por toda a parte andaua acesa a guerra:  
Mas o de Luso, arnes, couraça & malha,  
Rompe, corta, desfaz, a bola & talha.

Cabeças pelo campo vão saltando,  
Braços, pernas, sem dono & sem sentido;  
E doutros as entranhas palpitando,  
Palida a cor, o gesto amortecido:  
Ia perde o campo o exercito nefando,  
Correm rios do sangue desparzido  
Com que tambem do campo a cor se perde  
*Tornado* Tornado Carmesi de branco & verde.

Ia fica vencedor o Lusitano  
Recolhendo os trofeos & presa rica,  
Desbaratado & roto o Mauro Hispano,  
Tres dias o gram Rei no campo fica:  
Aqui pinta no branco escudo vfano,  
Que agora esta victoria certifica:  
Cinco escudos azues esclarecidos,  
Em sinal destes cinco Reis vencidos.  
E nestes

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
 Dinheiros, porque Deos fora vendido,  
 Escreuendo a memoria em varia tinta,  
 Daquelle de quem foy fauorecido,  
 Em cada hum dos cinco, cinco pinta,  
 Porque assi fica o numero comprido:  
 Contando duas vezes o do meio,  
 Dos cinco azues que em Cruz pintando veio.

Passado ja algum tempo, que passada  
 Era esta grão victoria, o Rei subido  
 A tomar vay Leiria, que tomada  
 Foramuy pouco ania, do vencido:  
 Com esta a forte Arronches sojugada  
 Foy juntamente: e o sempre ennobrecido  
 Scabelicastro, cujo campo ameno,  
 Tu claro Tejo regas tam sereno.

A estas nobres villas sometidas,  
 Ajunta tambem Mafra, em pouco espaço,  
 E nas serras da Lua conhecidas,  
 Sojuga a fria Sintra, o duro braço,  
 Sintra onde as Naiades escondidas  
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço:  
 Onde Amor as enreda brandamente,  
 Nas agoas acendendo fogo ardente.

E tu

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

E tu nobre Lisboa, que no Mundo,  
Facilmente das outras es princesa,  
Que edificada foste do facundo,  
Por cujo engano foy Dardania acesa:  
Tu a quem obedece o Mar profundo,  
Obedeceste aa força Portuguesa.  
Ajudada tambem da forte armada,  
Que das Boreais partes foy mandada.

La do Germanico Albis, & do Reno,  
E da fria Bretanha conduzidos,  
A destruir o povo Sarraceno,  
Muitos com tenção Sancta erão partidos,  
Entrando a boca ja, do Tejo ameno,  
Co arrayal do grande Affonso unidos:  
Cuja alta fama antão subia aos ceos,  
Foy posto cerco aos muros Vlisseos.

Cinco vezes a Lúa se escondêra,  
E outras tantas mostrâra cheio o rosto,  
Quando a Cidade entrada se rendêra,  
Ao duro cerco, que lhe estava posto.  
Foy a batalha tam sanguina & fera,  
Quanto obrigava o firme prosuposto:  
De vencedores asperos, & ousados,  
E de vencidos, ja desesperados.

Desta



Desta arte em fim tomada se rendeo,  
 Aquella que nos tempos ja passados  
 Aa grande força nunca obedeceo,  
 Dos frios pouos Sciticos ousados:  
 Cujó poder a tanto se estendeo,  
 Que o lbero o vio, & o Tejo amedrontados:  
 E em fim co Betis tanto algum podêrão,  
 Que aa terra de Vandalia nome dêrão.

Que cidade tam forte, por ventura  
 Auera que resista, se Lisboa  
 Não pode resistir aa força dura  
 Da gente, cuja fama tanto voa.  
 Ia lhe obedece toda a Estremadura,  
 Obidos, Alanquer, por onde soa  
 O tom das frescas agoas, entre as pedras,  
 Que murmurando lava, & Torres vedras.

E vos tambem, o terras transtaganas,  
 Affamadas co dom da flaua Ceres,  
 Obedeceis aas forças mais que humanas,  
 Entregando lhe os muros, & os poderes.  
 E tu laurador Mouro, que te enganas,  
 Se sustentar a fertil terra queres.  
 Que Eluas, & Moura, & Serpa conbecidas,  
 E Alcaçare do Sal, estão rendidas.

Eis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Eis a nobre Cidade, certo assento,  
Do rebelde Sertorio antigamente,  
Onde ora as agoas nitidas de argento,  
Vem sustentar de longo a terra, & a gente,  
Pelos arcos reaes, que cento & cento  
Nos ares se aleuantão nobremente.  
Obedeceo, por meio & ousadia  
De Giraldo, que medos não temia.

Ia na cidade Beja vay tomar,  
Vingança de Trancofo destruida,  
Affonso que não sabe sosegar,  
Por estender co a fama a curta vida:  
Não se lhe pode muito sustentar  
A Cidade: mas sendo ja rendida,  
Em toda a cousa viua, a gente yrada,  
Prouando os fios vay da dura espada.

Com estas sojugada foy Palmella,  
E a piscosa Cizimbra, & juntamente,  
Sendo ajudado mais de sua estrella,  
Desbarata hum exercito potente:  
Sentio o a Villa, & vio o a serra della,  
Que a socorrella vinha deligente.  
Pela fralda da serra descuydado,  
Do temeroso encontro inopinado.

O Rei

O Rei de Badajoz era alto Mouro,  
 Com quatro mil cauallos furiosos,  
 Innumeros piões, darmas & deouro  
 Guarnecidos, guerreiros & lustrosos:  
 Mas qual no mes de Maio o brauo Touro  
 Cos ciumes da vaca, arreceosos,  
 Sentindo gente o bruto, & cego amante  
 Saltea o descuidado caminhante.

Desta arte Affonso subito mostrado,  
 Na gente da, que passa bem segura,  
 Fere, mata, derriba denodado,  
 Foge o Rei Mouro, & so da vida cura,  
 Dum Panico terror todo asombrado,  
 So de seguillo o exercito procura.  
 Sendo estes que fizerão tanto aballo,  
 Nomais que so sesenta de cauallo.

Logo segue a victoria sem tardança,  
 O grão Rei incansabil, ajuntando  
 Gentes de todo o Reino, cuja vsança  
 Era andar sempre terras conquistando,  
 Cercar vay Badajoz, & logo alcança  
 O fim de seu desejo, pelejando  
 Com tanto esforço & arte, & valentia,  
 Que a fez fazer aas outras companhia.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Mas o alto Deos, que pera longe guarda,  
O castigo daquelle que o mereçe,  
Ou pera que se emmende aas vezes tarda,  
Ou por segredos que homem não conhece,  
Se ate qui sempre o forte Rei resguarda,  
Dos perigos a que elle se offereçe.  
Agora lhe não deixa ter defesa,  
Da maldição da mãy que estava presa.

Que estando na cidade que cercâra,  
Cercado nella foy dos Lioneses,  
Porque a conquista della lhe tomâra,  
De Lião sendo, & não dos Portugueses.  
A pertinacia aqui lhe custa cara,  
Assi como acontece muytas vezes,  
Que em ferros quebra as pernas, indo aceso  
Aa batalha onde foy vencido & preso.

O famoso Pompeyo não te pene,  
De teus feitos illustres a ruyna,  
Nem ver que a justa Nemesis ordene,  
Ter teu sogro de ti victoria dina,  
Posto que o frio Fasis, ou Syene  
Que pera nenhum cabo a sombra inclina:  
O Bootes gellado, & a linha ardente,  
Temessem o teu nome geralmente.

Posto

Posto que a rica Arabia, & que os feroces  
 Eniocos, & Colcos, cuja fama  
 O Veo dourado estende: & os Capadoçes,  
 E Iudea, que hum Deos adora & ama,  
 E que o molles Sofenos, & os Atroces,  
 Silicios, com a Armenia, que derrama,  
 As agoas dos dous Rios, cuja fonte  
 Estã noutro mais alto & sancto Monte.

E posto em fim que desdo mar de Atlante,  
 Ate o Scitico Tauro, monte erguido  
 Ia vencedor te vissem, não te espante  
 Se o campo Emathio so te vio vencido,  
 Porque Affonso veras soberbo & ouante,  
 Tudo render, & ser despois rendido.  
 Assi o quis o conselho alto celeste,  
 Que vença o sogro a ti, & o genro a este.

Tornado o Rei sublime finalmente,  
 Do diuino juyzo castigado,  
 Despois que em Santarem soberbamente,  
 Em vão dos Sarracenos foy cercado.  
 E despois que do martyre Vicente,  
 O sanctissimo corpo venerado.  
 Do sacro promontorio conhecido,  
 Aa cidade Vlissea foy trazido.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Por que leuasse auante seu desejo,  
 Ao forte filho mania o lasso velho,  
 Que aas terras se passasse dalentejo,  
 Com gente, & co beligero aparelho:  
 Sancho, desforço & danimo sobejo,  
 Auante passa, & faz correr vermelho,  
 O rio que Seuilha vay regando,  
 Co fangue mauro, barbaro & nefando.

E com esta victoria cobicofo,  
 Ia não descansa o moço ate que veja,  
 Outro estrago como este, temeroso  
 No barbaro que tem cercado Beja.  
 Não tarda muito o Principe ditoso,  
 Sem ver o fim daquillo que deseja.  
 Assim estragado o Mouro, na vingança  
 De tantas perdas poem sua esperança.

Ia se ajuntão do monte, a quem Medusa  
 O corpo fez perder, que teue o Ceo:  
 Ia vem do promontorio de Ampelusa,  
 E do Tinze que assento foy de Anteo,  
 O morador de Abila não se escusa,  
 Que tambem com suas armas se moueo:  
 Ao som da Mauritana & ronca tuba,  
 Todo o Reino que foy do nobre Iuba.

Entrava

Entraua com toda esta companhia,  
 O Miralmomini em Portugal  
 Treze Reis mouros leua de valia,  
 Entre os quaes tem o ceptro Imperial:  
 E assi fazendo quanto mal podia,  
 O que em partes podia fazer mal.  
 Dom Sancho vay cercar em Santarem,  
 Porem não lhe socede muito bem.

Dalhe combates asperos, fazendo  
 Ardis de guerra mil, o Mouro yroso,  
 Não lhe aproueita ja trabuco horrendo,  
 Mina secreta, Ariete forçoso:  
 Porque o filho de Affonso, não perdendo  
 Nada do esforço, & acordo generoso,  
 Tudo prouê com animo & prudencia,  
 Que em toda a parte ha esforço & resistencia

Mas o velho a quem tinhão ja obrigado  
 Os trabalhos annos, ao sossego,  
 Estando na Cidade, cujo prado  
 Enuerdecem as agoas do Mondego:  
 Sabendo como o filho está cercado,  
 Em Santarem, do Mauro pouo cego,  
 Se parte diligente da Cidade,  
 Que não perde a presteza co a idade.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Eco a famosa gente à guerra usada,  
Vay socorrer o filho, & assi ajuntados,  
A Portuguesa furia costumada,  
Em breue os Mouros tem desbaratados:  
A campina que toda està qualhada  
De marlotas, capuzes variados,  
De cauallos, jaezes, presa rica,  
De seus senhores mortos chea fica.

Logo todo o restante se partio  
De Lusitania, postos em fugida,  
O Miralmomini so não fogio,  
Porque antes de fogir lhe fozge a vida,  
A quem lhe esta victoria permitio,  
Dão lououres & graças sem medida:  
Que em casos tão estranhos claramente,  
Mais peleja o fauor de Deos que a gente.

De tamanhas victorias triumphaua,  
O velho Affonso, Principe subido,  
Quando quem tudo em fim vencendo andaua,  
Da larga, & muita idade foi vencido,  
A palida doenca lhe tocaua,  
Com fria mão o corpo enfraquecido:  
E pagarão seus annos deste geito,  
Aa triste Libitina seu direito.

Os altos



Os altos promontorios o chorarão,  
 E do rios as agoas saudosas,  
 Os semeados campos alargarão,  
 Com lagrimas correndo piadosas:  
 Mas tanto pelo mundo se alargarão,  
 Com fama suas obras valerosas,  
 Que sempre no seu Reino chamarão,  
 Affonso, Affonso os eccos, mas em vão.

Sancho forte mancebo, que ficara  
 Imitando seu pay na valentia,  
 E que em sua vida ja se experimentara,  
 Quando o Betis de sangue se tingia,  
 E o barbaro poder desbaratara,  
 Do Ismaelita Rei de Andaluzia.  
 E mais quando os que Beja em vão cercarão,  
 Os golpes de seu braço em si prouârão.

Despois que foy por Rei aleuantado,  
 Auendo poucos annos que reinaua,  
 A cidade de Silues tem cercado,  
 Cujos campos o barbaro lauraua:  
 Foy das valentes gentes ajudado,  
 Da Germanica armada, que passaua:  
 De armas fortes e gente apercebida,  
 A recobrar Iudea ja perdida.

Passauão a ajudar na sancta empresa,  
 Oroxo Federico, que moueo  
 O poderoso exercito, em defesa  
 Da cidade onde Christo padeceo,  
 Quando Guido co a gente em sede acesa,  
 Ao grande Saladino se rendeo:  
 No lugar onde aos Mouros sobejauão,  
 As agoas que os de Guido desejauião.

Mas a fermosa armada, que viera  
 Por contraste de vento, aaquella parte  
 Sancho quis ajudar na guerra fera,  
 Ia que em seruiço vay, do sancto Marte  
 Assim como a seu pay acontecera,  
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,  
 Do Germano ajudado Silues toma,  
 E o bravo morador destrue & doma.

E se tantos tropheos do Mahometa,  
 Aleuantando vay tambem do forte  
 Liones, não consente estar quieta  
 A terra vsada aos casos de Mauorte:  
 Ate que na ceruiz seu jugo meta  
 Da soberba Tui, que a mesma sorte,  
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas,  
 Que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Mas

Mas entre tantas palmas salteado  
 Da temerosa morte, fica erdeiro,  
 Hum filho seu de todos estimado,  
 Que foy segundo Affonso, & Rei terceiro  
 No tempo deste, aos Mauros foi tomado  
 Alcaçere do sal por derradeiro:  
 Porque dantes os Mouros o tomarão,  
 Mas agora estruidos o pagarão.

Morto depois Affonso lhe succede  
 Sancho segundo, manso & descuidado,  
 Que tanto em seus descuidos se desmede,  
 Que de outrem quẽ mandava era mandado,  
 De governar o Reino que outro pede,  
 Por causa dos priuados foi priuado,  
 Porque como por elles se regia,  
 Em todos os seus vicios consentia.

Não era Sancho não tam defonesto,  
 Como Nero, que hum moço recebia  
 Por molher, & despois horrendo incesto,  
 Com a mãy Agripina cometia:  
 Nem tam cruel aas gentes & molesto,  
 Que a cidade queimasse onde vinia,  
 Nem tam mao como foi Helio gabão,  
 Nem como o mole Rei Sardanapão.

Nem

Nem era o pouo seu tiranizado,  
 Como Sicilia foy de seus tyranos,  
 Nem tinha como Phalaris achado,  
 Genero de tormentos inhumanos:  
 Mas o Reino de altiuo, & costumado  
 A senhores em tudo soberanos.  
 A Rei não obedece, nem consente,  
 Que não for mais que todos excellente. *tudo*

Por esta causa o Reino governou,  
 O Conde Bolonhes, depois alçado  
 Por Rei, quando da vida se apartou,  
 Seu yrmão Sancho, sempre ao ocio dado  
 Este que Affonso o brauo se chamou,  
 Depois de ter o Reino segurado:  
 Em dilatalo cuida, que em terreno  
 Não cabe o altiuo peito tam pequeno.

Da terra dos Algarues, que lhe fora  
 Em casamento dada, grande parte,  
 Recupera co braço, & deita fora  
 O Mouro mal querido ja de Marte:  
 Este de todo fez liure & senhora  
 Lusitania, com força & bellica arte:  
 E acabou de oprimir a nação forte,  
 Na terra que aos de Luso coube em sorte.

Eis

Eis despois vem Dinis, que bem parece,  
 Do brauo Affonso estirpe nobre & dina,  
 Com quem a fama grande se escurece,  
 Da liberalidade Alexandrina.  
 Co este o Reino prospero florece,  
 (Alcançada ja a paz iurea diuina)  
 Em constituições, leis & costumes,  
 Na terra ja tranquila claros lumes.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se,  
 O valeroso officio de Minerua,  
 E de Helicon a Musas fez passar-se,  
 A pisar de Mondego a fertil erua:  
 Quanto pode de Athenas desejar-se,  
 Tudo o soberbo Apolo aqui reserua.  
 Aqui as capellas da tecidas de ouro,  
 Do Bacaro, & do sempre verde louro.

Nobres villas de nouo edificou,  
 Fortalezas, castellos muy seguros,  
 E quasi o Reino todo reformou,  
 Com edificios grandes, & altos muros:  
 Mas despois que a dura Atropos cortou,  
 O fio de seus dias ja ma: luros:  
 Ficoulhe o filho pouco obediente,  
 Quarto Affonso: mas forte & excelte:  
 Este

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Este sempre as soberbas Castelhanas,  
Co peito desprezou firme & sereno,  
Porque não he das forças Lusitanas,  
Temer poder maior, por mais pequeno  
Mas porem quando as gentes Mauritanas,  
A possuir o Esperico terreno,  
Entrarão pelas terras de Castilla,  
Foy o soberbo Affonso a socorrella.

Nunca com Semirâmis, gente tanta  
Veio ôs campos Idaspicos enchendo,  
Nem Atila, que Italia toda espanta,  
Chamandose de Deos acontê horrendo.  
Gottica gente trouxe tanta, quanta  
Do Sarraceno barbaro estupendo,  
Co poder excessiuo de Granada,  
Foy nos campos Tartesios ajuntada.

Evendo o Rei sublime Castelhanao,  
A força inexpugnabil, grande & forte,  
Temendo mais o fim do pouo Hispano,  
La perdido hũa vez, que a propria morte  
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,  
Lhe mandava a carissima consorte,  
Molher de quem a manda, & filha amada  
Daquelle a cujo Reino foi mandada.

Entraue

Entraua a fermosissima Maria,  
 Polos paternais paços sublimados,  
 Lindo o gesto: mas fora de alegria,  
 E seus olhos em lagrimas banhados,  
 Os cabellos Angelicos trazia,  
 Pelos eburneos hombros espalhados:  
 Diante do Pay ledo, que a agasalha,  
 Estas palauras tais chorando espalha.

Quanto pouos a terra produzio  
 De Africa toda gente fera & estranha,  
 O grão Rei de Marrocos conduzio  
 Pera vir possuir a nobre Espanha:  
 Poder tamanho janto não se vio,  
 Depois que o salso Mar a terra banha.  
 Trazem ferocidade, & furor tanto,  
 Que a viuos medo, & a mortos faz espanto.

Aquelle que me deste por marido,  
 Por defender sua terra amedrontada,  
 Co pequeno poder, offerecido  
 Ao duro golpe está, da Maura espada,  
 E se não for contigo socorrido,  
 Ver-me as delle & do Reino ser priuada,  
 Viua & triste, & posta em vida escura,  
 Sem marido, sem Reino, & sem ventura.  
 Portanto

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Por tanto, ô Rei, de quem com puro medo,  
 O corrente Muluca se congella,  
 Rompe toda a tardança, acude cedo,  
 Aa miseranda gente de Castella.  
 Se esse gesto que mostras claro & ledo,  
 De pay o verdadeiro amor assella.  
 Acude & corre pay, que se não corres,  
 Pode ser que não aches quem socorres:

Não de outra sorte a timida Maria  
 Fallando está, que a triste Venus, quando  
 A Iupiter seu pay fauor pedia,  
 Pera Eneas seu filho, nauegando,  
 Que a tanta piedade o comouia,  
 Que caído das mãos o rayo infando:  
 Tudo o clemente Padre lhe concede,  
 Pesandolhe do pouco que lhe pede.

Mas ja cos esquadrões da gente armada,  
 Os Eborenses campos vão qualhados,  
 Lustra co Sol o arnes, a lança, a espada,  
 Vão rinchando os cauallos jaezados:  
 A canora trombeta embandeirada  
 Os corações aa paz acostumados:  
 Vay às fulgentes armas incitando  
 Polas concavidades retumbando.

Entre



Entre todos no meio se sublima,  
 Das insignias Reais acompanhado,  
 O valeroso Affonso, que por cima  
 De todos, leua o collo alevantado,  
 E somente co gesto esforça & anima,  
 A qualquer coração amedrontado.  
 Assim entra nas terras de Castella,  
 Com a filha gentil Rainha della.

Juntos os dons Affonsos finalmente,  
 Nos campos de Tarifa, estão defronte  
 Da grande multidão da cega gente,  
 Pera quem sam pequenos campo & monte.  
 Não ha peito tão alto & tam potente,  
 Que de desconfiança não se afronte,  
 Em quanto não conheça, & claro veja,  
 Que co braço dos seus Christo peleja.

Estão de Agar os netos casi rindo,  
 Do poder dos Christãos fraco & pequeno,  
 As terras como suas repartindo,  
 Ante mão, entre o exercito Agareno:  
 Que com titulo falso possuindo  
 Está o famoso nome Sarraceno.  
 Assim tambem com falsa conta & nua,  
 Aa nobre terra alhea chamão sua.

Qual

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Quel o membrudo & barbaro Gigante,  
 Do Rei Saul, com causa tam temido,  
 Vendo o Pastor inerte estar diante,  
 So de pedras & esforço apercebido,  
 Com palauras soberbas o arrogante,  
 Despreza o fraco moço mal vestido:  
 Que rodeando a funda o desengana,  
 Quanto mais pode a Fê que a força humana.

Desta arte o Mouro perfido despreza,  
 O poder dos Christãos, & não entende,  
 Que està ajudado da alta fortaleza,  
 A quem o Inferno horrifico se rende.  
 Co ella o Castellano, & com destreza,  
 De Marrocos o Rei comete & offende.  
 O Portugues que tudo estima em nada,  
 Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis as lanças & espadas retenião,  
 Por cima dos arneses, brauo estrago,  
 Chamão (segundo as leis que ali seguião,)  
 Hús Mafamede, & os outros Sanctiago,  
 Os feridos com grita o Ceo ferião,  
 Fazendo de seu sangue bruto lago,  
 Onde outros meios mortos se afogauão,  
 Quando do ferro as vidas escapauão.

Com

Com esforço tamanho estrue & mata,  
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço,  
 Totalmente o poder lhe desbarata,  
 Sem lhe valer defesa, ou peito de aço;  
 De alcançar tal victoria tam barata,  
 Inda não bem contente o forte braço,  
 Vay ajudar ao brauo Castelhana,  
 Que pelejando está co Mauritano.

La se hia o Sol ardente recolhendo,  
 Pera a casa de Thetis, & inclinado,  
 Pera o Ponente o vespero trazendo,  
 Estaua o claro dia memorado,  
 Quando o poder do Mauro grande & horêdo  
 Foi pelos fortes Reis desbaratado,  
 Com tanta mortindade, que a memoria,  
 Nunca no mundo vio tam gram victoria;

Não matou a quarta parte o forte Mario,  
 Dos que morrerão neste vencimento,  
 Quando as agoas co sangue do aduersario,  
 Fez beber ao exercito sedento,  
 Nem o Peno asperissimo contrario,  
 Do Romano poder de nascimento:  
 Quando tantos matou da illustre Roma,  
 Que alqueires tres de aneis dos mortos toma:

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

E se tu tantas almas fo podeste,  
 Mandar ao Reino escuro de Cocito,  
 Quando a Sancta Cidade desfizeste  
 Do pouo pertinaz no antigo rito:  
 Permissam & vingança foy celeste,  
 E não força de braço, o nobre Tito,  
 Que assi dos Vates foy profetizado,  
 E despois por IESV certificado.

Passada esta tão prospera victoria,  
 Tornado Affonso aa Lusitana terra,  
 A se lograr da paz com tanta gloria,  
 Quanta soube ganhar na dura guerra,  
 O caso triste, & dino da memoria,  
 Que do sepulchro os homens desenterra,  
 Aconteceo da misera, & mezquinha  
 Que despois de ser morta foy Rainha.

Tu so, tu puõo Amor com força crua,  
 Que os corações humano tanto obriga,  
 Deste causa aa molesta morte sua,  
 Como se fora perfida inimiga:  
 Se dizem fero Amor que a sede tua,  
 Nem com lagrimas tristes se mitiga:  
 E por que queres aspero & tirano  
 Tuas aras banhar em sangue humano.

Estauas

CANTO TERCEIRO. 35

Estavas linda Ines posta em sosiego  
 De teus annos, colhendo doce fructo,  
 Naquelle engano da alma, ledo & cego,  
 Que a fortuna não deixa durar muito,  
 Nos faudosos campos do Mondego,  
 De teus fermosos olhos nunca enxuto,  
 Aos montes insinuando, & às eruinhas  
 O nome que no peito escripto tinhas.

Do teu Principe ali te respondião,  
 As lembranças que na alma lhe morauão,  
 Que sempre ante seus olhos te trazião,  
 Quando dos teus fermosos se apartauão  
 Denoite em doces sonhos, que mentião,  
 De dia em pensamentos que voauão.  
 E quanto em fim cuidaua, & quanto via,  
 Eram tudo memorias de alegria.

De outras bellas senhoras, & Princesas,  
 Os desejados tálamos engeita,  
 Que tudo em fim, tu puro amor desprezas,  
 Quando hum gesto suaue te sogeita:  
 Vendo estas namoradas estranhezias,  
 O velho pay sesudo, que respeita  
 O murmurar do pouo, & a fantasia  
 Do filho, que casar se não queria.

OS LUSIADAS DE L. DE CAM

Tirar Ines ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho que tem preso,  
Crendo co sangue sô da morte indina,  
Matar do firme amor o fogo aceso:  
Que furor consentio, que a espada fina,  
Que pode sustentar o grande peso  
Do furor Mauro, fosse aleuantada,  
Contra hũa fraca dama delicada?

Traziaõ a os horrificos algozes,  
Ante o Rei, ja mouido a piedade:  
Mas o pouo com falsas, & ferozes  
Razões, aa morte crua o persuade:  
Ella com tristes & piedosas vozes,  
Saidas sô da magoa, & saudade  
Do seu Principe, & filhos que deixaua,  
Que mais que a propria morte a magoaua.

Pera o Ceo cristalino aleuantando,  
Com lagrimas os olhos piedosos,  
Os olhos, por que as mãos lhe estaua atando,  
Hum dos duros ministros rigurofos.  
E despois nos mininos atentando,  
Que tam queridos tinha, & tam mimosos,  
Cuja orfindade como mãy temia,  
Pera o auô cruel assi dizia.

Seja

Se ja nas brutas feras, cuja mente  
 Natura fez cruel de nascimento,  
 E nas aues agrestes, que samente  
 Nas rapinas aerias tem o intento,  
 Com pequenas crianças vio a gente,  
 Terem tam piadoso sentimento,  
 Como co a mãy de Nino ja mostrãrão,  
 E cos yrmãos que Roma edificãrão.

O tu que tês de humano o gesto & o peito  
 ( Se de humano he, matar hũa donzella  
 Fraca & sem força, so por ter subjeito  
 O coração, a quem soube vencella.)  
 A estas criancinhas tem respeito,  
 Pois o não tês aa morte escura della,  
 Mouate a piedade sua & minha,  
 Pois te não moue a culpa que não tinha:

E se vencendo a Maura resistencia,  
 A morte sabes dar com fogo & ferro,  
 Sabe tambem dar vida com clemencia,  
 A quem pera perdela não fez erro:  
 Mas se to assi merece esta innocencia,  
 Poem me em perpetuo & misero desterro,  
 Na Scitia fria, ou la na Lybia ardente,  
 Onde em lagrimas viua eternamente.

Poem me onde se vſe toda a feridade,  
 Entre Liões, & Tigres, & verey  
 Se nelles achar posso a piedade  
 Que entre peitos humanos não achey:  
 Ali co amor intrinfeco & voutade,  
 Naquelle por quem mouro, criarey  
 Estas reliquias suas que aqui viste,  
 Que refrigerio sejam da mãy triste.

Queria perdoarlhe o Rei benigno,  
 Mouido das palauras que o magoão:  
 Mas o pertinaz pouo, & seu destino  
 (Que desta sorte o quis) lhe não perdoão,  
 Arrancão das espadas de aço fino,  
 Os que por bom tal feito ali apregoão,  
 Contra hũa dama, ô peitos carniceiros  
 Feros vos amostrais, & caualleiros?

Qual contra a linda moça Policena,  
 Consolação extrema da mãy velha,  
 Porque a sombra de Achilles a condena,  
 Co ferro o duro Pirro se aparelha:  
 Mas ella os olhos com que o ar serena,  
 ( Bem como paciente, & mansa ouelha )  
 Na misera mãy postos, que endoudeçe,  
 Ao duro sacrificio se offereçe.

Tais



Tais contra Inês os brutos matadores,  
 No colo de alabastro, que soslinha  
 As obras com que amor matou de amores  
 Aquelle que depois a fez Rainha:  
 As espadas banhando, & as brancas flores,  
 Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
 Se encarniçaão, feruidos & yrosos,  
 No futuro castigo não cuidadosos.

Bem podêras, ô Sol, da vista destes  
 Teus rayos apartar aquelle dia,  
 Como da seua mesa de Tyeses,  
 Quando os filhos por mão de Atreu comia.  
 Vos, ô concauos vales que podestes,  
 A voz extrema ouuir da boca fria,  
 O nome do seu Pedro que lhe ouuistes,  
 Por muito grande espaço repetistes.

Assi como a bonina que cortada,  
 Antes do tempo foy, candida & bella,  
 Sendo das mãos lacias mal tratada,  
 Da minina que a trouxe na capella:  
 O cheiro traz perdido, & a cor murchada:  
 Tal está morta a palida donzella,  
 Secas do rosto as rosas, & perdida  
 A branca & viva cor, co a doce vida.

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

As filhas do Mondego, a morte escura  
Longo tempo chorando memorarão,  
E por memoria eterna em fonte pura  
As lagrimas choradas transformarão:  
O nome lhe poserão, que inda dura,  
Dos amores de Ines que ali passarão.  
Vede que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas sam a agoa, & o nome amores.

Não correo muito tempo que a vingança  
Não visse Pedro das mortais feridas,  
Que em tomando do Reino a governança,  
A tomou dos fugidos humicidas:  
Do outro Pedro cruissimo os alcança,  
Que ambos immigos das humanas vidas,  
O concerto fizerão duro & injusto,  
Que com Lepido, & Antonio fez Augusto.

Este castigador foy reguroso,  
De latrocinios, mortes & adulterios,  
Fazer nos maos cruezas, fero & yroso,  
Erão os seus mais certos refrigerios:  
As cidades guardando justicofo,  
De todos os soberbos vituperios,  
Mais ladrões castigando aa morte deu,  
Que o vagabundo Alcides, ou Theseu.  
Do justo.

Do justo & duro Pedro nasce o brando  
 (Vede da natureza o desconcerto)  
 Remisso, & sem cuidado algum Fernando,  
 Que todo o Reino pos em muito aperto,  
 Que vindo o Castelhana deuastando  
 As terras sem defesa, esteue perto  
 De destruirse o Reino totalmente,  
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

Ou foy castigo claro do peccado,  
 De tirar Lianor a seu marido,  
 E casar se co ella de enleuado,  
 Num falso parecer mal entendido:  
 Ou foy que o coração sogeito, & dado  
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,  
 Molle se fez, & fraco, & bem parece  
 Que hum baxo amor os fortes enfraquece.

Do peccado tiuerão sempre a pena:  
 Muitos, que Deos o quis, & permitio:  
 Os que forão roubar a bella Elena,  
 E com Apio tambem Tarquino o vio:  
 Pois por quem Dauid Sancto se condena?  
 Ou quem o Tribo illustre destruiu  
 De Benjamim? bem claro nolo insua,  
 Por Sarra Faraõ, Sychem por Dina.

E pois

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

E pois se os peitos fortes enfraqueçe,  
 Hum inconcesso amor desatinado,  
 Bem no filho de Almena se parece,  
 Quando em Omfale andaua transformado,  
 De Marco Antonio a fama se escureçe,  
 Com ser tanto a Cleopatra afeiçãoado:  
 Tu tambem Peno prospero o sentiste,  
 Despois que hũa moça vil na Apulia viste.

Mas quem pode liurar-se por ventura,  
 Dos laços que amor arma brandamente  
 Entre as rosas & a neue humana pura,  
 O ouro, & o alabaastro transparente  
 Quem de hũa peregrina fermosura  
 De hum vulto de Medusa propriamente  
 Que o coração conuerte que tem preso,  
 Em pedra não: mas em desejo aceso.

Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,  
 Hũa suaue & Angelica excellencia,  
 Que em si estã sempre as almas trãformãdo  
 Que tiuesse contra ella resistencia:  
 Desculpado por certo estã Fernando,  
 Pera quem tem de amor experencia:  
 Mas antes tendo liure a fantasia,  
 Por muyto mais culpado o julgaria.

Fim.

## Canto Quarto.



Es pois de procello

sa tempestade,

Nocturna sombra, & sibilante  
vento,

Traz a manhaã serena claridade,  
Esperança de porto, & saluamento:  
Aparta o Sol a negra escuridade,  
Remouendo o temor ao pensamento:  
Assi no Reino forte aconteceo,  
Despois que o Rei Fernando falleceo.

Porque se muito os nossos desejarão,  
Quem os danos & offensas va vingando,  
Naquelles que tãbem se aproueitãrão,  
Do descuido remisso de Fernando,  
Despois de pouco tempo o alcançãrão,  
Ioanne sempre illustre aleuantando  
Por Rei, como de Pedro vnico erdeiro  
( Ainda que bastardo ) verdadeiro.

Ser isto

Ser isto ordenação dos ceos diuina,  
 Por sinais muito claros se mostrou  
 Quando em Euora a voz de hũa minina,  
 Ante tempo falando o nomeou:  
 E como cousa em fim que o Ceo destina,  
 No berço o corpo, & a voz aleuanto,  
 Portugal, Portugal, alçando a mão  
 Disse, polo Rei nouo Dom loão.

Alteradas então do Reino as gentes,  
 Co odio que occupado os peitos tinha,  
 Absolutas cruezas, & euidentes  
 Faz do pouo o furor por onde vinha,  
 Matando vão amigos & parentes,  
 Do adultero Conde, & da Rainha,  
 Com quem sua incontinencia desonestá  
 Mais ( despois de viuua) manifesta.

Mas elle em fim com causa desonrado,  
 Diante della a ferro frio morre,  
 De outros muitos na morte acompanhado  
 Que tudo o fogo erguido queima & corre:  
 Quem como Astianas precipitado  
 ( Sem lhe valerem ordês) de alta torre  
 A quem ordês, nem aras, nem respeito,  
 Quem nu por ruas & em pedaços feito.  
 Pode-se

Po.êse por em longo esquecimento,  
As cruezas mortais que Roma viu  
Feitas do feroz Mario, & do cruento  
Syla, quando o contrario lhe fogio:  
Por isso Lianor, que o sentimento  
Do morto Conde ao mundo descobrio,  
Faz contra Lusitania vir Castella,  
Dizendo ser sua filha herdeira della.

Beatriz era a filha, que casada  
Co Castelbano està, que o Reino pede,  
Por filha de Fernando reputada,  
Se a corrompida fama lho concede.  
Com esta voz Castella alevantada,  
Dizendo que esta filha ao pay succede:  
Suas forças ajunta pera as guerras  
De varias regiões & varias terras.

Vem de toda a prouincia que de hum Brigo,  
(Se foy) ja teue o nome diriuado  
Das terras que Fernando, & que Rodrigo  
Ganharão do tirano & Mauro estado:  
Não estimão das armas o perigo,  
Os que cortando vão co duro arado  
Os campos Lioneses, cuja gente,  
Cos Mouros foi nas armas excellente.

Os Vandalos, na antiga valentia  
 Ainda confiados, se ajuntauão  
 Da cabeça de toda Andaluzia,  
 Que do Goadalquibir as agoas lauão,  
 Anobre Ilha tambem se apercebia,  
 Que antigamente os Tírios habitauão:  
 Trazendo por insignias verdadeiras  
 As Herculeas colunas nas bandeiras.

Tambem vem la do Reino de Toledo,  
 Cidade nobre & antiga, a quem cercando  
 O Tejo em torno vay suaue & ledó,  
 Que das serras de Conca vem manando:  
 A vos outros tambem não tolhe o medo,  
 O sordidos Galegos, duro bando,  
 Que pera resistirdes, vos armastes,  
 Aaquelles, cujos golpes ja prouastes.

Tambem mouem da guerra as negras furias,  
 A gente Bizcainha, que careçe  
 De polidas razões, & que as injurias  
 Muito malos e estranhos compadeçe:  
 A terra de Guipuscua, & das Asturias  
 Que com minas de ferro se ennobreçe,  
 Armou d'elle, os soberbos matadores,  
 Pera ajudar na guerra a seus senhores.



Ioane, a quem do peito o esforço crece,  
Como a Sansam Hebreo da guedelha,  
Posto que tudo pouco lhe parece  
Cos poucos de seu Reino se aparelha,  
E não porque conselho lhe fileçe,  
Cos principaes senhores se aconselha:  
Mas so por ver das gentes as sentenças,  
Que sempre ouue entre muitos diferenças.

Não falta com razões quem desconcerte,  
Da opinião de todos, na vontade,  
Em quem o esforço antigo se conuerte,  
Em desusada & ma deslealdade,  
Podendo o temor mais, gelado, inerte  
Que a propria & natural fidelidade,  
Negão o Rei & a patria, & se conuem  
Negarão (como Pedro) o Deos que tem.

Mas nunca foy que este erro se sentisse,  
No forte dom Nuno alueres: mas antes  
Posto que em seus Irmãos tão claro o visse,  
Reprouando as vontades inconstantes:  
A aquellas duuidosas gentes disse,  
Com palauras mais duras que elegantes,  
A mão na espada irado, & não facundo,  
Ameaçando a terra, o mar, & o mundo.

Como

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Como da gente illustre Portuguesa,  
 Ha de auer quem refusa o patrio Marte?  
 Como, desta prouincia que princeza  
 Foy das gentes na guerra em toda parte,  
 Ha de sair quem negue ter defesa,  
 Quem negue a Fe, o amor, o esforço & arte,  
 De Portugues, & por nenhum respeito  
 O proprio Reino queira ver sogeito?

Como, não sois vos inda os descendentes  
 Daquelles, que debaixo da bandeira,  
 Do grande Enriquez, feros & valentes  
 Vencestes esta gente tam guerreira?  
 Quando tantas bandeiras, tantas gentes  
 Poseram em fugida, de maneira,  
 Que sete illustres Condes lhe trouxerão  
 Presos, afora a presa que tiuerão?

Com quem forão contino sopeados  
 Estes, de quem o estais agora vos,  
 Por Dinis & seu filho, sublimados  
 Se não cos vossos fortes pais & auôs?  
 Pois se com seus descuidos, ou peccados,  
 Fernando em tal fraqueza assi vos pos,  
 Torne vos vossas forças o Rei nouo,  
 Se he certo que co Rei se muda o pouo.

Rei

Rei tendes tal, que se o valor tiuerdes  
 Igual ao Rei que agora aleuantastes,  
 Desbaratareis tudo o que quiserdes,  
 Quanto mais a quem ja desbaratastes:  
 E se com isto em fim vos não mouerdes,  
 Do penetrante medo que tomastes,  
 Atay as mãos a vosso vão receio,  
 Que eu so resistirey ao jugo alheio.

Eu so com meus vassallos, & com esta,  
 (E dizendo isto arranca mea espada)  
 Defenderey da força dura, & infesta  
 A terra nunca de outrem sojugada,  
 Em virtude do Rei, da patria mesta,  
 Da lealdade ja por vos negada,  
 Vencerey (não so estes aduersarios):  
 Mas quantos a meu Rei forem contrarios.)

Bem como entre os mançebos recolhidos,  
 Em Camisio, reliquias sos de Canas,  
 Ia pera se entregar quasi mouidos  
 A fortuna das forças Affricanas:  
 Cornelio moço os faz, que compelidos  
 Da sua espada jurem, que as Romanas  
 Armas, nam deixarão em quanto a vida  
 Os nam deixar, ou nellas for perdida.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Destarte a gente força, & esforça Nuno,  
Que com lhe ouir as vltimas razões  
Remouem o temor frio importuno,  
Que gelados lhe tinha os corações:  
Nos animais caualgão de Neptuno,  
Brandindo, & volteando arremessoes,  
Vão correndo & gritando a boca aberta,  
Vua o famoso Rei que nos liberta.

Das gentes populares, hũs aprouão  
A guerra com que a patria se sostinha;  
Hũs as armas alimpão & renouão,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinha:  
Capacetes estofam, peitos prouão,  
Armase cada hum como conuinha.  
Outros fazem vestidos de mil cores,  
Com letras & tenções de seus amores.

Com toda esta lustrosa companhia,  
Ioanne forte sae da fresca Abrantes,  
Abrantes, que tambem da fonte fria  
Do Tejo logra as agoas abundantes:  
Os primeiros armigeros regia,  
Quem pera reger era os muy possantes,  
Orientais exercitos, sem conto,  
Com que passaua Xerxes o Helesponto.

Dona

Dom Nuno Alueres digo, verdadeiro  
 Açoute de soberbos Castelhanos,  
 Como ja o *forte* Huno o foy primeiro  
 Pera Franceses, pera Italianos,  
 Outro tambem famoso caualleiro,  
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,  
 Apto pera mandalos, & regelos,  
 Men Rodriguez se diz de Vasconcelos.

E da outra ala que a esta corresponde,  
 Antão vazquez de Almada he Capitão,  
 Que despois foy de Abranches nobre Conde,  
 Das gentes vay regendo a sestra mão,  
 Logo não retagoarda não se esconde,  
 Das quinas & castellos o pendão,  
 Com Ioanne Rey forte em toda parte,  
 Que escurecendo o preço vay de Marte.

Estauão pelos muros temerosas,  
 E de hum alegre medo quasi frias,  
 Rezando as mais irmãs, damas, & esposas,  
 Prometendo jejús, & romarias,  
 Ia chegão as esquadras bellicosas,  
 Defronte das inimigas companhias,  
 Que com grita grandissima os recebem,  
 E todas grande dunida concebem.  
 Cometa 1 2 Recebem

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Respondem as trombetas mensageiras,  
 Pifaros sibilantes, & atambores,  
 Alferezes volteão as bandeiras,  
 Que variadas sam de muitas cores:  
 Era no seco tempo, que nas eiras  
 Ceres o fructo deixa aos lauradores,  
 Entra em Astrea o Sol, no mes de Agosto,  
 Baco das vuas tira o doce mosto.

Deu smal a trombeta Castelhana,  
 Horrendo, fero, ingente, & temeroso,  
 Ouuiu o o monte Artabro, & Guadiana,  
 A tras tornou as ondas de medroso:  
 Ouuiu o Douro, & a terra Transtagana,  
 Correo ao mar o Tejo duuidoso:  
 E as mãis que o som terribil escuitârão,  
 Aos peitos os filhinhos apertârão.

Quantos rostos ali se vem sem cor,  
 Que ao coração acode o sangue amigo,  
 Que nos perigos grandes, o temor,  
 He mayor muitas vezes que o perigo,  
 E se o não he, pareceo, que o furor  
 De offender, ou vencer o duro inimigo,  
 Faz não sentir, que he per da grande & rara  
 Dos membros corporais da vida cara.

Começa se

Começase a trauar a incerta guerra,  
 De ambas partes se moue a primeira ala,  
 Hús leua a defensam da propria terra,  
 Outros as esperanças de ganhala:  
 Logo o grande Pereira em quem se encerra  
 Todo o valar, primeiro se asmalala  
 Derriba, & encontra, & a terra é fim semea  
 Dos que a tanto desejão, sendo albea.

Ia pelo espesso ar, os estridentes  
 Farpões, setas, & varios tiros voão,  
 Debaxo dos pés duros dos ardentes  
 Cauillos, treme a terra, os vales soão:  
 Espedação se as lanças, & as frequentes  
 Quedas, co as duras armas tudo atroão.  
 Recreçem os immigos sobre a pouca  
 Gente, do fero Nuno que os apouca.

Eis ali seus yrmãos contra elle vão,  
 (Caso feo & cruel:) mas não se espanta,  
 Que menos he querer matar o yrmão,  
 Quem contra o Rei & a patria se aleuanta:  
 Destes arrenegados muitos sam,  
 No primeiro esquadrão, que se adianta,  
 Contra yrmãos & parentes (caso estranho)  
 Quaes nas guerras Ciuis de Iulio Magno.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O tu Sertorio, o nobre Coriolano  
 Catilina, & vos outros dos antigos,  
 Que contra vossas patrias, com profano  
 Coração, vos fizestes inimigos:  
 Se lá no reino escuro de Sumano  
 Receberdes grauíssimos castigos  
 Dizelhe que também dos Portugueses  
 Algũs tredores ouue algũas vezes.

Rompem se aqui dos nossos os primeiros,  
 Tãtos dos inimigos a elles vão:  
 Esta ali Nimo, qual pellos outeiros  
 De Ceita está o fortissimo lião  
 Que cercado se ve dos caualleiros  
 Que os campos vão correr de Tutuão,  
 Perseguem no com as lanças, & elle iroso  
 Toruado hũ pouco está, mas não medroso.

Com torua vista os vê, mas a natura  
 Ferina, & a yra não lhe compadecem  
 Que as costas dê, mas antes na espessura  
 Das lanças se arremessa, que recrecem:  
 Tal está o caualeiro que a verdura  
 Tinge co sangue albeyo, ali perecem  
 Algũs dos seus, que o animo valente  
 Perde a virtude contra tanta gente.

Sentio



Sentio loane a afronta que passaua  
 Nuno, que como sabio capitão,  
 Tudo corria, & via, & a todos daua  
 Com presença & palauras coração:  
 Qual parida Lioa fera & braua  
 Que os filhos que no ninho sôs estão  
 Sentio, que em quanto pasto lhe buscara,  
 O pastor de Musilia lhos furtara.

Corre raiuosa, & freme, & com bramidos  
 Os montes sete Irmãos atroa & abala,  
 Tal loane com outros escolhidos  
 Dos seus, correndo acode aa primeira ala:  
 O fortes companheiros, o subidos  
 Caualeyros, a quem nenhum se ygoala,  
 Defendey vossas terras que a esperança  
 Da liberdade, está na vossa lança.

Vedes me aqui, Rey vosso, & companheiro  
 Que entre as lanças & sêtas, & os arneses  
 Dos inimigos corro, & vou primeiro  
 Pelejay verdadeiros Portugueses:  
 Isto disse o magnanimo guerreyro  
 E sopesando a lança quatro vezes,  
 Com força tira & deste vnico tiro  
 Muytos lançarão o vltimo suspiro,

Porque eis os seus acesos nouamente  
 Dhãa nobre vergonha & honroso fogo  
 Sobre qual mais com animo valente,  
 Perigos vencerã, do Marcio jogo  
 Porfião: tingeo ferro o fogo ardente  
 Rompem malhas primeiro, & peitos logo  
 Assim recebem junto & dão feridas  
 Como a quem ja não doe per der as vidas.

Amuitos mandão ver o Estigio lago  
 Em cujo corpo a morte, & o ferro entram  
 O Mestre morre ali de Sanctiago  
 Que fortissimamente pelejava  
 Morre tambem, fazendo grande estrago  
 Outro Mestre cruel de Calatraua  
 Os Pereiras tambem arrenegados  
 Morrem, arrenegando o Ceo & os fados.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome  
 Vão, & tambem dos nobres ao profundo  
 Onde o Trifauce Cão perpetua fome  
 Tem, das almas que passão deste mundo  
 E por que mais aqui se amanse & dome  
 A soberba do imigo furibundo,  
 A sublime bandeira Castelhana  
 Foy derribada os pés da Lusitana.

Aquí a fera batalha se encruuece  
 Com mortes, gritos, sangue & cutiladas  
 A multidão da gente que perece  
 Tem as flores da propria cor mudadas:  
 Ia as costas dão & as vidas: ja falece  
 O furor, & sobejão as lançadas,  
 Ia de Castella o Rey desbaratado  
 Se vee, & de seu proposito mudado.

O campo vay deixando ao vencedor  
 Contente de lhe não deixar a vida  
 Segue no os que ficarão, & o temor  
 Lhe da não pês, mas asas aa fugida:  
 Encobrem no profundo peito a dor  
 Da morte, da fazenda despendida,  
 Da magoa, da desonra, & triste nojo  
 De ver outrem triumphar de seu despojo.

Algũs vão maldizendo & blasfemando  
 Do primeyro que guerra fez no mundo  
 Outros a sede dura vão culpando  
 Do peito cobiçoso & sitibundo:  
 Que por tomar o alheo, o miserando  
 Pouo aventura aas penas do profundo  
 Deixando tantas mãis, tantas esposas  
 Sem filhos, sem maridos desditosas.

O vencedor Ioanne esteue os dias  
 Costumados no campo, em grande gloria  
 Com offertas despois, & romarias  
 As graças deu a quem lhe deu victoria:  
 Mas Nuno que não quer por outras vias,  
 Entre as gentes deixar de si memoria  
 Se não por armas sempre soberanas  
 Pera as terras se passa Trãstaganas;

Ajudao seu destino de maneira  
 Que fez igoal o effeito ao pensamento,  
 Porque a terra dos Vandalos fronteira  
 Lhe concede o despojo & o vencimento  
 Ia de Siuilha a Betica bandeira  
 E de varios senhores nũ momento  
 Se lhe derriba aos pês sem ter defesa  
 Obrigados da força Portuguesa.

Destas & outras victorias longamente  
 Erão os Castelhanos opprimidos  
 Quando a paz desejada ja da gente  
 Derão os vencedores aos vencidos:  
 Despois que quis o Padre omnipotente  
 Dar os Reis inimigos por maridos  
 Aas duas Illustrissimas Inglesas  
 Gentis, fermosas, inclitas princefas.

Não

Não sofre o peito forte vsado aa guerra  
Não ter inimigo ja a quem faça dano,  
E a sñão tendo a quem vencer na terra  
Vay cometer as ondas do Oceano:  
Este he o primeiro Rey que se desterra  
Da patria, por fazer que o Afrinano,  
Conheça pollas armas, quanto excede  
A ley de Christo aa ley de Mafamede.

Eis mil nadantes ares pello argento  
Da furiosa Tetis inquieta,  
Abrindo as pandas asas vão ao vento  
Pera onde Alcides pos a extrema meta:  
O monte Abila, & o nobre fundamento  
De Ceita toma, & o torpe Mahometa  
Deita fora, & segura toda Espanha  
Da Iuliana, mã, & desleal manha.

Não consentio a morte tantos annos  
Que de Heroe tão ditoso se lograsse  
Portugal, mas os coros soberanos  
Do ceo supremo, quis que pouoasse:  
Mas pera defensam dos Lusitanos  
Deixou quem o leuou, quem gouernasse,  
E aumentasse a terra mais que dantes  
Inclita geração, altos Infantes.

Não

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Não foy do Rey Duarte tão ditoso  
O tempo que ficou na summa alteza,  
Que assi vay alternando o tempo iroso  
O bem co mal, o gosto co a tristeza:  
Quem vio sempre hum estado de leitoso?  
Ou quem vio em fortuna auer firmeza?  
Pois inda neste Reino, & neste Rey  
Não v sou ella tanto desta ley.

Vio ser captiuo o sancto irmão Fernando  
Que a tão altas empresas aspiraua  
Que por salvar o pouo miserando  
Cercado, ao Sarraceno sentregaua:  
Sô por amor da patria está passando  
A vida de senhora feyta escraua,  
Por não se dar por elle ha forte Ceita  
Mais o publico bem que o seu respeita.

Codro porque o inimigo não vencesse,  
Deixou antes vencer da morte a vida,  
Regulo porque a patria não perdesse,  
Quis mais a liberdade ver perdida:  
Este porque se Espanha não temesse  
A captiueiro eterno se conuida:  
Codro, nem Curcio, ouuido por espanto  
Nemos Decios leais fizeram tanto.

Mas

Mas Affonso do Reino vnico herdeiro,  
 Nome em armas ditoso, em nossa Hesperia,  
 Que a soberba do barbaro fronteiro,  
 Tornou em baxa & humilima miseria,  
 Fora por certo inuidto caualleiro,  
 Se não quisesa yr ver a terra Iberia:  
 Mas Affrica dira ser impossibil,  
 Poder ninguem vencer o Rei terribil.

Este pode colher as maçãs de ouro,  
 Que somente o Terintio colher pode,  
 Do jugo que lhe pos o brauo Mouro,  
 A ceruiz inda agora nam sacode:  
 Na frente a palma leua, & o verde louro,  
 Das victorias do barbaro, que acode  
 A defender Alcaçer forte villa,  
 Tangere populoso, & a dura Arzilli.

Porem ellas em fim por força entradas,  
 Os muros abaxarão de Diamante,  
 Aas Portuguesas forças costumadas,  
 A derribarem quanto achão diante,  
 Marauilhas em armas estremadas,  
 E de escriptura dinas elegante,  
 Fizerão caualleiros nesta empresa  
 Mais, affinando a fama Portuguesa.  
 Porem.

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Porem despois tocaão de ambição,  
E gloria de mandar amara & bella,  
Vay cometer Fernando de Aragão,  
Sobre o potente Reino de Castella,  
Ajuntase a inimiga multidão,  
Das soberbas & varias gentes della,  
Desde Caliz ao alto Perineo,  
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Não quis ficar nos Reinos occioso,  
O mancebo loanne, & logo ordena  
De ir ajudar o pay ambicioso,  
Que então lhe foy ajuda não pequena,  
Saiose em fim do trance perigoso,  
Com fronte não toruada, mas serena  
Desbaratado o pay sanguinolento:  
Mas ficou duuidoso o vencimento.

Porque o filho sublime & soberano,  
Gentil, forte, animoso caualleiro,  
Nos contrarios fazendo imenso dano,  
Todo hum dia ficou no campo inteiro:  
Desta arte foy vencido Octauiano,  
E Antonio vencedor seu companheiro,  
Quando daquelles que Cesar matarão  
Nos Philipicos campos se vingarão.

Porem



Porem de spois que a escura noite eterna,  
 Affonso apouventou no Ceo sereno,  
 O Principe que o Reino entãõ governa,  
 Foy Ioanne segundo, & Rei terzeno:  
 Este por auer fama sempiterna,  
 Mais do que tentar pode homem terreno  
 Tentou, que foy buscar da roxa Aurora  
 Os terminos, que eu vou buscando agora.

Manda seus mensageiros que passarão  
 Espanha, França, Italia celebrada,  
 E la no illustre porto se embarcãõ,  
 Onde ja foy Partenope enterrada,  
 Napoles onde os fados se mostrãõ,  
 Fazendoa a varias gentes subjugada,  
 Pola illustrar no fim de tantos annos,  
 Co senhorio de inclitos Hispanos.

Polo mar alto Siculo nauegãõ,  
 Vão se aas praias de Rodas arenosas,  
 E dali aas ribeiras altas chegãõ,  
 Que com morte de Magno sam famosas:  
 Vão a Menfis, & aas terras que se regãõ,  
 Das enchentes Niloticas vndosas,  
 Sobem aa Ethiopia, sobre Egipto,  
 Que de Christo la guarda o sancto rito:  
 Passam

Passam tambem as ondas Eritreas,  
 Que o pouo de Israel sem Nao passou,  
 Ficão lhe a tras as serras Nabateas,  
 Que o filho de Ismael co nome ornou:  
 As costas odoríferas Sabeas,  
 Que a mãy do bello Adonis tanto honrou,  
 Cercão, com toda a Arabia descuberta  
 Feliz, deixando a Petrea, & a Deserta.

Entrão no estreito Persico, onde dura  
 Da confusa Babel, inda a memoria,  
 Ali co Tigre o Eufrates se. mestura,  
 Que as fontes onde nascem tem por gloria:  
 Dali vão em demanda da agoa pura,  
 Que causa inda sera de larga historia  
 Do Indo, pellas ondas do Oceano,  
 Onde nam se atreueo passar Trajano.

Virão gentes incognitas, & estranhas  
 Da India, da Carmania, & Gedrosia,  
 Vendo varios costumes, varias manhas  
 Que cada Região produce & cria:  
 Mas de vias tão asperas, tamanhas  
 Tornarse facilmente não podia,  
 La morrerão em fim, & la ficârão.  
 Que aa desejada patria não tornârão.

Parece

CANTO QVARTO. 73

Pareſce que guardaua o claro Ceo  
 A Manoel, & ſeus merecimentos,  
 Esta empreſa tão ardua, que o moueo  
 A ſubidos & illuſtres mouimentos:  
 (Manoel, que a Ioane ſocedeo  
 No reino, & nos altiuos pensamentos)  
 Logo como tomou do reino cargo  
 Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento  
 Daquella obrigação, que lhe ficára  
 De ſeus antepaſſados, (cujo intento,  
 Foy ſempre acrecentar a terra chara)  
 Não deixaffe de ſer hum ſo momento  
 Conquiſtado: No tempo que a luz clara  
 Foge, & as eſtrellas nitidas que ſaem  
 A repouſo conuidão, quando caem.

Eſtando ja deitado no aureo leito  
 Onde ymaginações mais certas ſam,  
 Reuoluendo contino no conceito  
 De ſeu officio, & ſangue a obrigação,  
 Os olhos lhe occupou o ſomno accento  
 Sem lhe deſoccupar o coração,  
 Por que tanto que liſſo ſe adormece  
 Morſeo en varias formas lhe aparece.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Aqui se lhe apresenta que subia

Tão alto que tocava aa prima Esphera,  
Donde diante varios mundos via  
Nações de muita gente estranha, & fera:  
E laa bem junto donde nace o dia  
Depois que os olhos longos estendera,  
Vio de antiquos longinquos & altos montes  
Nacerem duas claras & altas fontes.

Aues agrestes, feras & alimarias

Pello monte seluatico habitauão,  
Mil arnuores syluestres & eruas varias  
O passo & o trato aas gentes atalhauão:  
Estas duras montanhas aduersarias  
De mais conuersação, por si mostrauão  
Que desque Adão peccou aos nossos annos  
Não as romperão nunca pês humanos.

Das agoas se lhe antolha que saião

Por elle os largos passos inclinando,  
Dous homẽs, que muy velhos parecião  
De aspecto, inda que agreste, venerando:  
Tas pontas dos cabellos lhe saião  
Cotas, que o corpo todo vão banhando,  
A cor da pelle baça & denegrada  
A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

Dambos

Dambos de dous a fronte coroadada  
 Ramos não conhecidos & eruas tinhas,  
 Hum delles a presença traz cansada  
 Como quem de mais longe ali caminha,  
 E así a agoa com impito alterada  
 Parecia que doutra parte vinha,  
 Bem como Alfeo de Arcadia em Syracusa  
 Vay buscar os abraços de Aretusa.

Este que era o mais graue na pessoa  
 Destarte pera o Rey de longe brada,  
 O tu a cujos reinos & coroa  
 Grande parte do mundo esta guardada,  
 Nos outros, cuja fama tanto voa  
 Cujá ceruiz bem nunca foy domada,  
 Te auisamos que he tempo que ja mandes  
 A receber de nos tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra  
 Celeste, tenho o berço verdadeiro,  
 Estoutro he o lndo Rey, que nesta serra  
 Que vês, seu nacimiento tem primeiro:  
 Custartemos com tudo dura guerra,  
 Mas insi lndo tu por derradeiro,  
 Com não vistas victorias, sem receyo  
 A quantas gentes vês por as o freyo:

Não disse mais o rio illustre & sancto,  
 Mas ambos desaparecem num momento,  
 Acorda Emanuel cum nouo espanto  
 E grande alteração de pensamento:  
 Estendeo nisto Febo o claro manto  
 Pello escuro Emisperio somnolento:  
 Veyo a menham no ceo pintando as côres  
 De pulibunda rosa & roxas flores.

Chama o Rei os senhores a conselho  
 E propoẽ lhe as figuras da visam,  
 As palauras lhe diz do sancto velho,  
 Que a todos forão grande admiração:  
 Determinão o nautico aparelho  
 Pera que com sublime coração  
 Vaa a gente que mandar cortando os marés  
 A buscar novos climas, novos ares.

Eu que bem mal cuidaua que em effeito  
 Se possesse o que o peito me pedia,  
 Que sempre grandes cousas deste geito  
 Presago o coração me prometia:  
 Não sey porque razão, por que respeito,  
 Ou porque bom final que em mi se via,  
 Me põe o inclyto Rei nas mãos a chaue  
 Deste cometimento grande, & graue.  
 E com

**E** com rogo & palauras amorosas  
 Que he hũ mando nos Reis que a mais obriga,  
 Me disse: As cousas arduas & lustrosas  
 Se alcanção com trabalho & com fadiga:  
 Faz as pessoas altas & famosas  
 A vida que se perde & que periga,  
 Que quando ao medo infame não se rende  
 Então, se menos dura, mais se estende.

**Eu** vos tenho entre todos escolhido  
 Para hũa empresa qual a vos se deue,  
 Trabalho illustre, duro & esclarecido,  
 O que eu sey que por mi vos sera leue:  
 Não sofri mais, mas logo: O Rey subido,  
 Auenturarme a ferro, a fogo, a neuue,  
 He tão pouco por vos, que mais me pena  
 Ser esta vida cousa tão pequena.

**Imaginay** tamanhas auenturas  
 Quaes Euristeo a Alcides inuentaua,  
 O lião Cleonêo, Arpias duras  
 O porco de Erimanto, a Ydra braua:  
 Decer em fim aas sombras vans & escuras  
 Onde os campos de Dite a Estige laua,  
 Porque a mayor perigo, a môr affronta  
 Por vos, o Rey, o esprito & carne he prôpta.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Com merces sumptuosas me agardece  
 E com razões me louua esta vontade,  
 Que a virtude louuada viue & crece,  
 E o louuor altos casos persuade:  
 A acompanhar-me logo se offerece  
 Obrigado damor & damizade,  
 Não menos cobicoso de honra & fama,  
 O charo meu irmão Paulo da Gama.

Mais se me ajunta Nicolao Coelho  
 De trabalhos muy grande soffredor,  
 Ambos sam de valia & de conselho  
 Dexperiencia em armas & furor:  
 Ia de manceba gente me aparelho  
 Em que crece o desejo do valer,  
 Todos de grande esforço, & assi parece  
 Quem a tamanhas cousas se offerece.

Forão de Emanoel remunerados,  
 Porque com mais amor se apercebessem,  
 E com palauras altas animados  
 Pera quantos trabalhos soccedessem:  
 Assi forão o Mynias ajuntados  
 Pera que o veo dourado combatessem,  
 Na Fatidiça nao, que ou sou primeira  
 Tentar o mar Euxinio, auentureira.

E ja



E ja no porto da inclita *Vlissea*  
 Cum aluoroço nobre, & cum desejo,  
 (Onde o licor mestura & branca area  
 Co sa'gado *Neptuno* o doce *Tejo*.)  
 As naos prestes estão, & não refrea  
 Temor nenhum o iuuenil despejo,  
 Porque a gente maritima & a de *Marte*  
 Estão pera seguirme a toda parte.

Pellas prayas vestidos os soldados  
 De varias cores vem, & varias artes,  
 E não menos de esforço aparelhados  
 Pera buscar do mundo nouas partes:  
 Nas fortes naos os ventos soffegados  
 Ondeão os aerios estandartes,  
 Ellas prometem vendo os mares largos  
 De ser no *Olimpo* estrellas como a de *Argos*.

Depois de aparelhados desta sorte  
 De quanto tal viagem pede & manda,  
 Aparelhamos a alma pera a morte  
 Que sempre aos nautas ante os olhos anda:  
 Pera o sumo poder que a *Etherea* corte  
 Sustenta so coa vista veneranda,  
 Imploramos fauor que nos guiasse  
 E que nossos começos aspirasse.

Partimonos assi do sancto templo  
 Que nas Praes do mar está assentado,  
 Que o nome tem da terra, pera exemplo,  
 Donde Deos foy em carne ao mundo dado:  
 Certifico te, o Rey, que se contemplo  
 Como fuy destas prayas apartado,  
 Cheyo dentro de duuida & receyo  
 Que apenas nos meus olhos ponho o freyo.

Agente da cidade aquelle dia  
 (Hús por amigos, outros por parentes,  
 Outros por ver somente) concorria  
 Saudosos na vista & descontentes:  
 E nos coa virtuosa companhia  
 De mil religiosos diligentes,  
 Em prociffam solene a Deos orando  
 Pera os bateis viemos caminhando.

Em tão longo caminho & duuidoso  
 Por perdidos as gentes nos julgauão,  
 As molheres cum choro piadoso,  
 Os homẽs com suspiros que arrancauão:  
 Mãis, Esposas, Irmãs, que o temeroso  
 Amor mais desconfia, acrecentauão  
 A desesperação, & frio medo  
 De ja nos não tornar a ver tão cedo.  
 Qual

Qual vay dizendo: O filho a quem eu tinha  
 So pera refrigerio, & doce emparo  
 Desta cansada ja velhice minha,  
 Que em choro acabarâ, penoso & amaro:  
 Porque me deixas, misera & mezquinha?  
 Porque de mi te vas, o filho charo  
*funero* Afazer o funereo enterramento  
 Onde sejas de pexes mantimento?

Qual em cabelo: O doce & amado esposo  
 Sem quem não quis amor que viuer possa,  
 Porque is auenturar ao mar iroso  
 Essa vida que he minha, & não he vossa?  
 Como por hum caminho duuidoso  
 Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
 Nosso amor, nosso vã contentamento  
 Quereis que com as vellas leue o vento.

Nestas & outras palauras que dizem  
 De amor, & de piadosa humanidade,  
 Os velhos & os mininos os seguião  
 Em quem menos esforço põe a ydade:  
 Os montes de mais perto respondião  
 Quasi mouidos de alta piedade,  
 A branca area as lagrimas banhauão  
 Que em multidão co ellas se ygoalauão:

Nos

Nos outros sem a vista aleuarmos  
 Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,  
 Por nos não magoarmos, ou mudarmos  
 Do propósito firme começado:  
 Determiney de assi nos embarcarmos  
 Sem o despedimento costumado,  
 Que posto que he de amor vsança boa  
 Aquem se aparta, on fica, mais magoa:

Mas hum velho daspeito venerando,  
 Que ficaua nas prayas, entre a gente,  
 Postos em nos os olhos, meneando  
 Tres vezes a cabeça, descontente,  
 A voz pesada hum pouco aleuantando,  
 Que no mar ouuimos claramente,  
 Cum saber so d'experiencias feyto  
 Tais palauras tiou do experto peito:

O gloria de mandar, o vã cubiça  
 Desta vaidade, a quem chamamos Fama,  
 O fraudolento gofio, que se atiça  
 Cũa aura popular, que honra se chama:  
 Que castigo tamanho & que justiça  
 fazes no peito vão que muito te ama,  
 Que mortes, que perigos, que tormentas  
 Que crueldades nelles esprimentas.

Dura

Dura inquietação da alma & da vida  
 Fonte de desemparos & adulterios,  
 Sagaz consumidora conhecida  
 De fazendas, de reynos, & de imperios:  
 Chamante illustre, chamante subida,  
 Sendo digna de infames vituperios,  
 Chamante Fama, & Gloria soberana,  
 Nomes com quem se o pouo nescio engana.

Aque novos desastres determinas  
 De leuar estes reynos & esta gente?  
 Que perigos, que mortes lhe deslinas:  
 Debaixo dalgum nome preminente?  
 Que promessas de reynos, & de minas  
 Douro, que lhe faras tão facilmente?  
 Que famas lhe prometeras, que historias?  
 Que triumphos, que palmas, que victorias?

Mas ô tu geração daquelle insano  
 Cujos peccado & desobediencia,  
 Não somente do reino soberano  
 Te pos neste desterro & triste ausencia:  
 Mas inda doutro estado mais que humano  
 Da quieta & da simples innocencia,  
 Idade douro, tanto te prinou  
 Que na de ferro & darmas te deitou.

Ia que nesta gostosa vaidade  
 Tanto enleuas a leue fantasia,  
 Ia que aa bruta crueza & feridade  
 Poseste nome esforço & valentia,  
 Ia que prezas em tanta quantidade  
 O desprezo da vida, que deuia  
 De ser sempre estimada, pois que ja  
 Temeo tanto perdella quem a dá.


Não tens junto com tigo o Ismaelita  
 Com quem sempre teras guerras sobejas?  
 Não segue elle do Arabio a ley maldita,  
 Se tu polla de Christo so pellejas?  
 Não tem cidades mil, terra infinita,  
 Se terras & riqueza mais desejas?  
 Não he elle por armas esforçado  
 Se queres por victorias ser louuado?

Deixas criar aas portas o inimigo  
 Por yres buscar outro de tão longe,  
 Por quem se despouoe o reino antigo  
 Se enfraqueça & se vaa deitando a longe:  
 Buscas o incerto & incognito perigo  
 Porque a fama te exalte & te lisonge,  
 Chamando te senhor com larga copia  
 Da India, Persia, Arabia, & de Ethiopia.  
 O maldito

O maldito o primeiro que no mundo  
 Nas ondas vella pôs en seco lenho,  
 Dino da eterna pena do profundo  
 Se he justa a justa ley que fizo & tenho:  
 Nunca juyzo algum alto & profundo,  
 Nem cythara sonora, ou viuo engenbo,  
 Te dê por isso fama, nem memoria,  
 Mas contigo se acabe o nome & gloria.

*o nome e  
a gloria -*

Trouxe o filho de Iapeto do Ceo



O fogo que ajuntou ao peito humano,  
 Fogo que o mundo em armas accendeo  
 Em mortes, em desonras (grande engano)  
 Quanto milhor nos fora Prometeo,  
 E quanto pera o mundo menos dano,  
 Que a tua estatua illustre não tiuera  
 Fogo de altos desejos, que a mouera.

Não cometera o moço miserando

O carro alto do pay, nem o ar vazio  
 O grande Achitector co filho, dando  
 Hum nome ao mar, & o outro, fama ao rio:  
 Nenhum cometimento alto & nefando  
 Por fogo, ferro, agoa, calma & frio,  
 Deixa intentado a humana geração:  
 Misera sorte, estranha Condição!

F I M.

## Canto Quinto.



Stas sentenças tais

o velho honrado

Vociferando estaua, quando as  
brimos

As alas ao sereno & sossegado

Vento, & do porto amado nos partimos:

E como he ja no mar costume vsado

A vella desfraldando, o ceo ferimos,

Dizendo Boa viagem, logo o vento

Nos troncos fez o vsado mouimento.



Entruaa neste tempo o eterno lume,

No animal Nemejo truculento,

E o mundo que com tempo se consume

Na seista idade andaua enfermo & lento:

Nella ve, como tinha por costume

Curjos do Sol quatorze vezes cento,

Com mais nouenta & sete, em que corria

quando no mar a armada se estendia.



Ia a vista pouco & pouco se desterra  
 Daquelles patrios montes que ficauão,  
 Ficaua o charo Tejo, & a fresca serra  
 De Sintra, & nella os olhos se alongauão:  
 Ficauanos tambem na amada terra  
 O coração, que as magoas lâ dixauão,  
 E ja despois que toda se escondo  
 Não vimos mais em fim que mar & ceo:

Assim fomos abrindo aquelles mares  
 Que geração algũa não abrio,  
 As nouas Ilhas vendo, & os nouos ares,  
 Que o generoso Enrique descobrio:  
 De Mauritania os montes & lugares  
 Terra que Anteo num tempo possuyo,  
 Deyxando a a mão esquerda, que aa direita  
 Não ha certeza doutra, mas sospeita.

Passamos a grande Ilha da madeira  
 Que do muito aruoredo assi se chama,  
 Das que nos pouoamos, a primeira,  
 Mais celebre por nome, que por fama:  
 Mas nem por ser do mundo a derradeira  
 Se lhe auentajão quantas Venus ama,  
 Antes sendo esta sua se esquecerá  
 De Cypro, Guido, Pafos, & Cythêra.  
 Deixamos

OS LUSIADAS DE. L. DE CA.

Deixamos de Massilia a esteril costa

Onde seu gado os Azenegues pastão,

Gente que as frescas agoas nunca gosta

Nem as eruas do campo bem lhe abastão:

A terra a nenhum fruto em fim desposta,

On le as aues no ventre o ferro gastão,

Padecendo de tudo extrema inopia

Que aparta a Barbaria de Etiopia.

Passamos o lemite aonde chega

O Sol, que pera o Norte os carros guia,

Onde jazem os pouos, a quem nega

O filho de Climene a cor do dia:

Aqui gentes estranhas laua e rega

Do negro Sanagã a corrente fria,

Onde o Cabo Arsinario o nome perde

Chamando se dos nossos Cabo verde.

Passadas tendo ja as Canareas ilhas

Que tiuerão por nome Fortunadas,

Entramos nauegando pollas filhas

Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas

Terras por onde nouas marauilhas

Andarão vendo ja a nossas armadas,

Ali tomamos porto com bom vento

Por tomarmos da terra mantimento.

A aquella

A aquella ilha aportamos, que tomou  
 O nome do guerreiro Sanctiago,  
 Sancto que os Espanhoes tanto ajudou  
 A fazerem nos Mouros brauo estrago:  
 Daqui tanto que Boreas nos ventou  
 Tornamos a cortar o immenso lago,  
 Do salgado Oceano, & assi deixamos  
 A terra onde o refresco doce achamos.

Por aqui rodeando a larga parte  
 De Africa, que ficaua ao Oriente,  
 A prouincia laloso, que reparte  
 Por diuersas nações a negra gente:  
 A muy grande Mandinga, por cuja arte,  
 Logramos o metal rico & luzente,  
 Que do curuo Gambea as agoas bebe  
 As quaes o largo Atlantico recebe.

As Dorcadas passamos, pouoadas  
 Das Irmaãs, que outrotampo ali viuião,  
 Que de vista total sendo priuadas  
 Todas tres dhum so olho se seruião:  
 Tu so, tu cujas tranças enrespadas  
 Neptuno la nas agoas acendião,  
 Torna la ja de to las a mais fea  
 De biuoras encheste a ardente area.

L Sempre

OS LUSIADAS DE L. DE C. A.

Sempre em fim pera o Austro a aguda proa  
No grandissimo golfoão nos metemos,  
Deixando a serra asperrima Lyoa  
Co Cabo a quem das Palmas nome demos:  
O grande rio, onde batendo soa  
O mar nas prayas notas, que ali temos,  
Ficou, co a Ilha illustre que tomou  
O nome dhum que o lado a Deos tocou.

Ali o muy grande reyno está de Congo  
Por no ja conuertido â fee de Christo,  
Por onde o Zaire passa claro & longo  
Rio pellos antigos nunca visto:  
Por este largo mar em fim me alongo  
Do conhecido pollo de Calisto,  
Tendo o termino ardente ja passado  
Onde o meyo do mundo he limitado.

La descuberto tinhamos diante  
La no nouo Hemisperio noua estrella,  
Nã vista de outra gente, que ignorante  
Algũs tempos esteve incerta della:  
Vimos a parte menos rutilante  
E por falta de estrellas menos bella,  
Do Polo fixo, onde inda se nã sabe  
Que outra terra comece, ou mar acabe:

Assim passando aquellas regioes  
 Por onde duas vezes passa Apolo,  
 Douz inuernos fazendo & douz veroes  
 Em quanto corre dhum ao outro Polo:  
 Por calmas, por tormentas & oppressões  
 Que sempre faz no mar o yrado Eolo,  
 Vimos as Virsas a pesar de Iuno  
 Banharem se nas agoas de Neptuno.

Contarte longamente as perigosas  
 Cousas do mar, que os homẽs não entendem,  
 Subitas trouoadas temerisas,  
 Relampados que o ar em fogo acendem:  
 Negros chuueiros, noites tenebrosas,  
 Bramidos de trouoẽs que o mundo fendem,  
 Não menos he trabalho, que grande erro  
 Ainda que tinesse a voz de ferro.

Os casos vi que os rudos marinheiros  
 Que tem por mestra a longa experiencia,  
 Contão por certos sempre & verdadeiros  
 Julgando as cousas so polla apparencia:  
 E que os que tem juizos mais inteiros  
 Que so por puro engenho & por ciencia,  
 Vem do mundo, os segredos escondidos  
 Julgão por falsos, ou mal entendidos.

OS LVSIADAS DE L. DE C.A.

Vi claramente visto o lume viuo.

Que a maritimã gente tem por santo,  
En tempo de tormenta & vento esquiuo  
De tempesta le escura & triste pranto:  
Não menos foy a todos excessiuo  
Milagre, & cousa certo de alto espanto,  
Ver as nuuês do mar com largo cano  
Soruer as altas agoas do Oceano.

Eu o vi certamente (& não presumo

Que a vista me enganaua) leuantar se,  
No ar hum vapor zinho & sutil fumo  
E do vento trazido, rodear se:  
De aqui leuado hum cano ao Polo sumo  
Se viu, tão delgado que enxergar se  
Dos olhos facilmente não podia,  
Da materia das nuuês parecia.

Hia se pouco & pouco acrecentando

E mais que hum largo masto se engrossaua,  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de agoa em si chupaua:  
Estauase co as ondas onleando,  
Encima delle hũa nuuem se espessaua,  
Fazendise mayor, mais carregada  
Co cargo grande d'agoa em si tomada.

Qual!

Qual roxa Sanguefuga se veria  
 Nos beiços da alimaria ( que imprudente,  
 Bebendo a recolheo na fonte fria)  
 Fartar co sangue alheyo a sede ardente:  
 Chupando mais & mais se engrossa & cria,  
 Ali se enche & se alarga grandemente,  
 Tal a grande coluna, enchendo aumenta  
 Asi, & a nuuem negra que sustenta.

Mas despois que de todo se fartou  
 O pê que tem no mar a si recolhe,  
 E pello ceo chouendo em fim voou  
 Porque coa agoa a jacente agoa molhe:  
 Aas ondas torna as ondas que tomou:  
 Mas o sabor do sal lhe tira, & tolhe,  
 Vejão agora os sabios na escriptura  
 Que segredos sam estes de Natura.

Se os antigos Philosophos, que andarão  
 Tantas terras, por ver segredos dellas,  
 As maravilhas que eu passei, passarão  
 A tão diuersos ventos dando as vellas:  
 Que grandes escripturas que deixarão  
 Que influicão de sinos & de estrellas,  
 Que estranhezas, que grandes qualidades,  
 E tudo sem mentir, puras verdades.

OS LVSIADAS DE L. DE CA!

Mas ja o Planeta que no ceo primeiro  
Habita, cinco vezes apressada,  
Agora meyo rosto, agora inteiro  
Mostrara, em quãto o mar cortaua a armada:  
Quando da Etereã gauea hum marinheiro  
Prompto coa vista, terra, terra, brada,  
Salta no bordo aluoroçada a gente  
Cos olhos no Orizonte do Oriente.

A maneira de nuuês se começão  
A descubrir os montes que enxergamos,  
As ancoras pesadas se adereção,  
As vellas ja chegados amainamos:  
E pera que mais certas se conheção  
As partes tão remotas onde estamos,  
Pello nouo instrumento do Astrolabio  
Inuencão de sutil juizo & sabio.

Desembarcamos logo na espaçosa  
Parte, por onde a gente se espalhou,  
De ver cousas estranhas desejosa  
Da terra que outro pouo não pisou:  
Porem eu cos pilotos na arenosa  
Praya, por vermos em que parte estou,  
Me detenho, em tomar do sol a altura  
E compassar a vniuersal pintura.

Achamos



Achamos ter de todo ja passado  
 Do Semicapro pexe a grande meta,  
 Estando entre elle & o circulo gelado  
 Austral, parte do mundo mais secreta:  
 Eis de meus companheiros rodeado  
 Vejo hum estranho vir de pelle preta,  
 Que tomarão per força, em quanto apanha  
 De mel os doces favos na montanha.

Toruado vem na vista, como aquelle  
 Que não se vira nunca em tal estremo,  
 Nem elle entende a nos, nem nos a elle,  
 Seluagem mais que o bruto Polifemo:  
 Começolbe a mostrar da rica pelle  
 De Colcos o gentil metal supremo,  
 A prata fina, a quente especiaria:  
 A nada disto o bruto se mouia.

Mando mostrarlbe peças mais somenos  
 Contas de Christalino transparente,  
 Alguns soantes cascaueis pequenos,  
 Hum barrete vermelho, cor contente:  
 Vilogo por sinais & por acenos  
 Que com isto se alegra grandemente,  
 Mando o soltar com tudo, & assi caminha  
 Pera a pouoação, que perto tinha.

Mas logo ao outro dia seus parceiros  
 Todos n'us, & da cor da escura treua,  
 Decendo pellos asperos outeiros  
 As peças vem buscar que estoutro leua:  
 Domesticos ja tanto & companheiros  
 Se nos mostrão, que fazem que se atreua,  
 Fernão Velloso a yr ver da terra o trato.  
 E partirse co elles pello mato.

He Velloso no braço confiado  
 E de arrogante cre que vay seguro;  
 Mas, sendo hum grande espaço ja passado,  
 Em que algum bom final saber procuro:  
 Estando, a vista alçada, co cuidado  
 No aventureyro, eis pello monte duro  
 Aparece, & segundo ao mar caminha:  
 Mais apressado do que fora vinha.

O batel de Coelho foy de pressa  
 Pollo tomar, mas antes que chegasse,  
 Hum Etiope ousado se arremessa  
 A elle, por que não se lhe escapasse:  
 Outro & outro lhe saem: vesse em pressa  
 Velloso, sem que alguem lhe ali ajudasse,  
 Acido eu logo, & em quanto o remo aperto  
 Se mostra hum bando negro descuberto.

Da espessa nuvem setas & pedradas  
 Chouem sobre nos outros sem medida,  
 E não forão ao vento em vão deitadas  
 Que esta perna trouxe eu dali ferida:  
 Mas nos como pessoas magoadas  
 A reposta lhe demos tão recida,  
 Que em mais que nos barretes se sospeita  
 Que a cor vermelha leuão desta feita.

E sendo já Velloso em saluamento  
 Logo nos recolhemos pera a armada,  
 Vendo a malicia fea & rudo intento  
 Da gente bestial, bruta & maluada:  
 De quem nenhum milhor conhecime:ta  
 Podemos ter da India desejada,  
 Que estarmos inda muyto longe della  
 E assi torney a dar ao vento a vella.

Disse então a Velloso hum companheiro  
 (Começando se todos a sorrir)  
 Oula Velloso amigo, aquelle outeiro  
 He milhor de decer que de subir:  
 Si he, responde o ousado aventureiro  
 Mas quando eu pera ca vi tantos vir,  
 Daquelles caës, de pressa hum pouco vim  
 Por me lembrar que estaueis ca sem mim

Contou

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Contou então que tanto que passarão  
Aquelle monte, os negros de quem fallo;  
Auante mais passar o não deixarão,  
Querendo, se não torna, ali matallo:  
E tornando se, logo se emboscarão  
Por que saindo nos pera tomallo,  
Nos podessem mandar ao reino escuro  
Por nos roubarem mais a seu seguro.

Porem ja cinco Soes erão passados  
Que dali nos partiramos, cortando  
Os mares nunca doutrem nauegados,  
Prosperamente os ventos assoprando:  
Quando hũa noite estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Hũa nuuem que os ares escurece  
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha & carregada,  
Que pos nos corações hum grande medo,  
Bramindo o negro mar, de longe brada  
Como se desse em vão nalgum rochedo:  
O potestade, disse, sublimada  
Que ameaço diuino, ou que segredo,  
Este clima, & este mar nos apresenta,  
Que mór cousa parece que tormenta?

Não

Não acabaua, quando hũa figura  
 Se nos mostra no ar, robusta & valida,  
 De disforme & grandissima estatura,  
 O rosto carregado, a barba esqualida:  
 Os olhos encouados, & a postura  
 Medonha & maa, & a cor terrena & palida,  
 Cheos de terra & crespos os cabellos,  
 A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso  
 Certificar-te, que este era o segundo  
 De Rodes estranhissimo Colosso,  
 Que hum dos sete milagres foy do mundo:  
 Cum tom de voz nos falla horrendo & grosso  
 Que pareceo sair do mar profundo,  
 Arrepião se as carnes & o cabelo  
 A mi, & a todos, soo de ounillo & vello.

E disse: O gente ousada mais que quantas  
 No mundo cometerão grandes cousas,  
 Tu que por guerras cruas, taes & tantas  
 E por trabalhos vãos nunca repousas:  
 Pois os vedados terminos quebrantas  
 E nauegar meus longos mares ousas,  
 Que eu tão tempo ha ja que guardo, & tento  
 Nunca arados de stranho, ou proprio lenho.  
 Pois

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza, & do humido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre, ou de immortal merecimento:  
Ouue os danos de mi, que apercebidos  
Estão, a teu sobejo atreuimento,  
Por todo o largo mar & polla terra  
Que inda has de sojugar com dura guerra.

Sabe que quantas naos esta viagem  
Que tu fazes, fizerem de atreuídas  
Inimiga terão esta paragem  
Com ventos & tormentas desmedidas:  
E da primeira armada que passagem  
Fizer por estas ondas insuffridas,  
Eu farey dimprouiso tal castigo  
Que seja môr o dano que o perigo.

Aqui espero tomar se não me engano  
De quem me descobrio suma vingança,  
E não se acabará so niſto o dano  
De vossa pertinace confiança:  
Antes em vossas naos vereys cada anno  
Se he verdade o que meu iuyzo alcança,  
Naufragios, perdições de toda sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.

E do

E do primeiro Illustré, que a ventura  
 Com fama alta fizer tocar os Ceos,  
 Serey eterna & noua sepoltura  
 Por juizos incognitos de Deos:  
 Aqui por à da Turca armada dura  
 Os soberbos & prosperos tropheos,  
 Comigo de seus d'inos o ameaça  
 A destruida Quiloa com Mombaça.

Outro tambem virâ de honrada fama  
 Liberal, caualeiro, enamorado,  
 É consigo trará a fermosa dama  
 Que Amor por gran merce lhe terâ dado:  
 Triste ventura, & negro fa lo os chama  
 Neste terreno meu, que duro & yra lo,  
 Os deixarâ d'hum crû naufragio viuos  
 Pera verem trabalhos excessiuos.

Verão morrer com fome os filhos charos  
 Em tanto amor gêra los & naci los,  
 Verão os Cafres asperos & auaros  
 Tirar aa lin la dama seus vestidos:  
 Os cristalinos membros & perclaros  
 Aa calma, ao frio, ao ar verão despudos,  
 Depois de ter pisado longa mente  
 Cos delicados pês a area ardente.

E verão

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Everão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes miseros ficarem  
Na feruida & implacabil espessura:  
Ali despois que as pedras abrandarem  
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,  
Abraçados as almas soltaram  
Da fermosa & miserrima prisam.

Mais bia por diante o monstro horrendo  
Dizendo nossos fados, quando alçado  
Lhe disse eu: Quem es tu? que esse estupendo  
Corpo, certo me tem marauilhado.  
A boca & os olhos negros retorcendo,  
E dando hum espantoso & grande brado,  
Me respondeo, com voz pesada & amara  
Como quem da pergunta lhe pesara.

Eu sou aquelle occulto & grande Cabo  
A quem chamais vos outros Tormentorio,  
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,  
Plinio, & quantos passarão fuy notorio:  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto Promontorio,  
Que pera o Polo Antartico se estende  
A quem vossa ousadia tanto offende.  
Fuy



Fuy dos filhos asperrimos da terra  
 Qual Encelado, Egeo, & o Centimano,  
 Chameime Adamastor, & fuy na guerra  
 Contra o que vibra os rayos de Vulcano:  
 Não que possesse serra sobre serra  
 Mas conquistando as ondas do Oceano,  
 Fuy capitão domar, por onde andava  
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

Amores da alta esposa de Peleo  
 Me fizeram tomar tamanha empresa,  
 Todas as Deosas desprezey do ceo  
 So por amar das agoas a Princeza:  
 Hum dia a vi coas filhas de Nereo  
 Sayr nua na praya, & logo presa,  
 A vontade senti, de tal maneira  
 Que inda não sinto cousa que mais queira.

*/causa* Como fosse impossibil alcançalla  
 Polla grandeza fea de meu gesto,  
 Determiney por armas de tomalla  
 E a Doris este caso manifesto:  
 De medo a Deosa então por mi lhe falla:  
 Mas ella cum fermoso riso honesto,  
 Respondeo: Qual sera o amor bastante  
 De Nimpha que sustente o dhum Gigante.  
 Com

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Com tudo por liurarmos o Oceano  
De tanta guerra, eu buscarey maneira,  
Com que com minha honra escuse o dano.  
Tal resposta me torna a mensageira:  
Eu que cair não pude neste engano,  
(Que he grande dos amantes a cigueira)  
Encherão-me com grandes abundanças  
O peito de desejos & esperanças.

La nescio, ja da guerra desistindo  
Hũa noite de Doris prometida,  
Me aparece de longe o gesto lindo  
Da branca Thetis vnica despida:  
Como doudo corri de longe, abrindo  
Os braços, pera aquella que era vida  
Deste corpo, & começo os olhos bellos  
Alhe beijar, as faces & os cabellos.

O que não sey de nojo como o conte  
Que crendo ter nos braços quem amaua,  
Abraçado me achey cum duro monte  
De aspero mato, & de espessura braua:  
Estando cum penedo fronte a fronte  
C'ueu pollo rosto angelico apertaua,  
Não fiquey homem não, mas mudo & quedo  
E junto d'hum penedo outro penedo  
O nimpha

O Nympha a mais fermosa do Oceano  
 Ia que minha presença não te agrada,  
 Que te custaua terme neste engano,  
 Ou fosse monte, nuuem, sonho, ou nada:  
 Daqui me parto irado, & quasi insano  
 Da magoa & da desonra ali passada,  
 A buscar outro mundo, onde não visse  
 Quem de meu pranto, & de meu mal se risse.

Erão ja neste tempo meus Irmãos  
 Vencidos & em miseria extrema postos,  
 E por mais segurar-se os Deoses vãos  
 Algũs a varios montes sottopostos:  
 E como contra o Ceo não valem mãos,  
 Eu que chorando andaua meus desgostos,  
 Comecey a sentir do fado imigo  
 Por meus atreuimentos o castigo.

Conuertefeme a carne em terra dura,  
 Em penedos os ossos se fizerão,  
 Estes membros que ves & esta figura  
 Por estas longas agoas se estenderão:  
 Em fim minha grandissima estatura  
 Neste remoto cabo conuerterão  
 Os Deoses, & por mais dobradas magoas  
 Me anda Thetis cercando destas agoas.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Assi contava & cum medonho choro  
 Subito dante os olhos se apartou,  
 Desfez se a nuuem negra, & cum sonora  
 Bramido, muito longe o mar soou:  
 Eu, leuando as mãos ao sancto coro  
 Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
 A Deos pedi que remouesse os duros  
 Casos, que Adamastor contou futuros.

La Phlegon, & Pyrois vinhão tirando  
 Cos outros dous o carro radiante,  
 Quando a terra alta se nos foy mostrando  
 Em que foy conuertido o grão gigante:  
 Ao longo desta costa, começando  
 Ia de cortar as ondas do Levante,  
 Por ella abaixo hum pouco nauegamos  
 Onde segunda vez terra tomamos.

A gente que esta terra possuya  
 Posto que todos Etiopes erão,  
 Mais humana no trato parecia  
 Que os outros, que tão mal nos receberão:  
 Com bailos & com festas de alegria  
 Pella praya arenosa a nos vierão,  
 As molheres consigo & o manso gado  
 Que apacentanão, gordo & bem criado.

As molheres queimadas vem encima  
 Dos vagarosos bois, ali sentadas  
 Animais que elles tem em mais estima  
 Que todo o outro gado das manadas:  
 Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,  
 Na sua lingua cantão concertadas,  
 Co doce som das rusticas auenas  
 Imitando de Titiro as Camenas.

Estes como na vista prazenteiros  
 Fosse[m], humanamente nos tratarão,  
 Trazendonos galinhas & carneiros  
 A troco doutras peças que leuarão:  
 Mas como nunca em fim meus companheiros  
 Palaura sua algũa lhe alcançarão  
 Que desse algum sinal do que buscamos:  
 As vellas dando, as ancoras leuamos.

La aqui tinhamos dado hum gram rodeyo  
 Aa costa negra de Africa, & tornaua  
 A proa a demandar o ardente meyo  
 Do Ceo, & o polo Antartico ficaua:  
 Aquelle ilheo deixamos, onde veyo  
 Outra armada primeira, que buscava  
 O tormentorio Cabo, & descuberto,  
 Naquelle ilheo fez seu limite certo.

M 2 Daqui

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Daqui fomos cortando muitos dias,  
Entre tormentas tristes & bonanças,  
No largo mar fazendo nouas vias  
So conduzi los de arduas esperanças:  
Co mar hum tempo andamos em porfias:  
Que como tudo nelle sam mudanças,  
Corrente nelle achamos tão possante  
Que passar não deixaua por diante.

Era mayor a força em demasia:  
Segundo pera tras nos obrigaua,  
Do mar, que cantro nos ali corria.  
Que por nos a do vento que assoproua:  
Injuriado Noto dá porfia:  
Em que co mar ( parece ) tanto estaua:  
Os assopros esforç a iradamente.  
Com que nos fez vencer a grão corrente.

Trazia o Sol o dia celebrado  
Em que tres Reis das partes do Oriente,  
Forão buscar hum Rey de pouco nado  
No qual Rey outros tres ha juntamente:  
Neste dia outro porto foy tomado  
Por nos, da mesma já contada gente,  
Num largo rio, no qual o nome demos.  
Do dia em que por elle nos metemos.

Deite.

Desta gente refresco algum tomamos,  
 E do rio fresca agoa, mas com tudo  
 Nenhum sinal aqui da India achamos  
 No pouo com nos outros casi mudo:  
 Ora vê Rey quamanha terra andamos  
 Sem sair nunca deste pouo rudo,  
 Sem vermos nunca noua, nem sinal,  
 Da desejada parte Oriental.

Ora imagina agora quam coitados  
 Andariamos todos, quam perdidos,  
 De fomes, de tormentas quebrantados  
 Por climas & por mares não sabidos:  
 E do esperar comprido tão cansados  
 Quanto a desesperar ja compellidos,  
 Por ceos não naturais, de qualidade  
 Inimiga de nossa humanidade.

Corrupto ja & danado o mantimento  
 Danoso & mão ao fraco corpo humano,  
 E alem disso nenhum contentamento  
 Que sequer da esperança fosse engano:  
 Cres tu que se este nosso ajuntamento  
 De soldados, não fora Lusitano,  
 Que durara elle tanto obediente  
 Por ventura a seu Rey & a seu regente?

OS LVSIADAS DEL. DE CAI

Cres tu que ja não forão leuantados  
Contra seu capitão se os resistira,  
Fazendo se Piratas, obrigados  
De desesperação, de fome, de ira?  
Grandemente, por certo estão prouados  
Pois que nenhum trabalho grande os tira  
Daquella Portuguesa alta excellencia  
De lealdade firme, & obediencia.

Deixan lo o porto em fim do doce rio  
E tornando a cortar a agoa salgada,  
Fizemos desta costa algum desuio  
Deitando pera o pego toda a armada:  
Porque ventando Noto manso & frio  
Nã nos apanhasse a agoa da enseada,  
Que a costa faz ali daquella banda  
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta passada, logo o leue leme  
Encomendado ao sacro Nicolao;  
Pera onde o mar na costa brada & geme  
A proa inclina dhũa & doutra nao.  
Quando indo o coração que espera & teme  
E que tanto fiou dhum fraco pao,  
Do que esperava ja desesperado  
Foy dhũa novidade aluorçado.

E foy



E foy, que estando ja da costa perto  
 Onde as prayas & valles bem se vião,  
 Num rio, que ali sae ao mar aberto  
 Bateis aa vela entraução & sayão:  
 Alegria muy grande foy por certo  
 Achamos ja pessoas que sabião  
 Nauegar, por que entrellas esperamos  
 De achar nouas algüas, como achamos.

Ethiopes sam todos, mas parece  
 Que com gente milhor comunicauão,  
 Palaura algüa Arabia se conbece  
 Entre a lingoagem sua que falauão.  
 E com pano delgado que se tece  
 De algodão, as cabeças apertauãa,  
 Com otro que de tinta azul se tinge  
 Cadabum as vergonhosas partes cinge.

Pella Arabica lingoa que mal falão,  
 E que Fernão martinz muy bem entende  
 Dizem, que por nös, que em grãdeza ygoalão  
 As nossas, o seu mar se corta & fende.  
 Mas que la donde sae o Sol, se abalão  
 Pera onde a costa ao Sul se alarga, & estende  
 E do Sul pera o Sol, terra onde auia  
 Gente aysi como nos da cor do dia.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Muy grandemente aqui nos alegramos  
Coa gente, & com as nouas muito mais.  
Pellos sinais que neste rio achamos  
O nome lhe ficou dos bons sinais:  
Hum padrão nesta terra aleuantamos  
Que pera asinalar lugares tais  
Trazia alguns, o nome tem do bello  
Guiador de Tobias a Gabello.

Aqui de limos, cascas & dostrinhos,  
Nojosa criação das agoas fundas,  
Alimpamos as naos, que dos caminos  
Longos do mar, vem sordidas & immundas:  
Dos ospedes que tinhamos vizinhos  
Com mostras apraziueis & jocundas,  
Ouuemos sempre o vsado mantimento  
Limpos de todo o falso pensamento.

Mas não foy, da esperança grande & immensa  
Que nesta terra ouuemos, limpa & pura  
A alegria: mas logo a recompensa  
A Ramnusia com noua desventura:  
Assi no ceo sereno se dispensa,  
Coesta condição pesada & dura  
Nacemos, o pesar terá firmeza,  
Mas o bem logo muda a natureza.

E foy

E foy que de doença crua & feya  
 A mais que eu nunca vi, de separarão  
 Muitos a vida, & em terra estranha & alheia  
 Os ossos pera sempre sepultarão:  
 Quem auerã que sem o ver o creya  
 Que tão disformemente ali lhe incharão,  
 As gingiuas na boca, que crecia  
 A carne, & juntamente apodrecia.

Apodrecia cum fetido & bruto  
 Cheiro, que o ar vizinho inficionaua,  
 Não tinhamos ali medico astuto,  
 Sururgião sutil menos se achaua:  
 Mas qualquer neste officio pouco instructo  
 Pella carne ja podre assi cortaua,  
 Como se fora morta, & bem conuinha  
 Pois que morto ficaua quem a tinha.

Em fim que nesta incognita espessura  
 Deixamos pera sempre os companheiros,  
 Que em tal caminho & em tanta desventura  
 Forão sempre com nosco aventureiros:  
 Quam facil he ao corpo a sepultura  
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros,  
 Estranhos, a simefmo como aos nossos,  
 Receberão de todo o illustre os ossos.

Assi

Assim que deste porto nos partimos  
 Com mayor esperança & mór tristeza,  
 E pella costa abaixo o mar abrimos  
 Buscando algum final de mais firmeza:  
 Na dura Moçambique em fim surgimos,  
 De cuja falsidade & má vileza  
 Ia seras sabedor, & dos enganos  
 Dos pouos de Mombaça pouco humanos.

Ate que aqui no teu seguro porto,  
 Cuja brandura & doce tratamento,  
 Dará saude a hum viuo, & vida a hū morto,  
 Nos trouxe a piedade do alto assento:  
 Aqui repousou, aqui doce conforto,  
 Noua quietação do pensamento  
 Nos deste, & vês aqui se atente ouuiste,  
 Te contey tudo quanto me pediste.

Julgas agora Rey se ouue no mundo  
 Gentes que tais caminhos cometessem?  
 Crês tu que tanto Eneas & o facundo  
 Vlisses, pello mundo se estendessem?  
 Ousou algum a ver do mar profundo  
 Por mais versos que d'elle se escreuessem,  
 Do que eu vi, a poder desforço & de arte,  
 E do que inda ei de ver, a oitaua parte?  
 Esse

Esse que bebo tanto da agoa Aonia  
 Sobre quem tem contenda peregrina,  
 Entre si, Rodes, Smirna, & Colofonia,  
 Atenas, Yos, Argo, & Salamina:  
 E soutró que esclarece toda Ausonia,  
 A cuja voz altifona & diuina  
 Ouindo, o patrio Mincio se adormece,  
 Mas o Tibre co som se ensoberuece.

Cantem, louuem, & escreuão sempre estremos  
 Desses seus Semideoses, & encareção,  
 Fingindo Magas Circes, Polifemos,  
 Syrenas que co canto os adormeção:  
 Dem lhe mais nauegar â vella & remos  
 Os Cicones, & a terra onde se esquecem  
 Os companheiros em gostando o Loto,  
 Dem lhe perder nas agoas o Piloto.

Ventos soltos lhe finjão & imaginem  
 Dos odres, & Calipsos namoradas,  
 Harpias, que o manjar lhe contaminem  
 Decer aas sombras nuas ja passadas:  
 Que por muito & por muito que se afin m  
 Nestas Fabulas vaãs tambem sonh. das,  
 A verdade que eu conto nua & pura  
 Vence toda grandiloca escriptura.

Da

Da boca do facundo capitão

Pendendo estauão todos embibidos,  
 Quando deu fim aa longa narraçãõ  
 Dos altos feitos grandes & subidos:  
 Louua o Rey o sublime coraçãõ  
 Dos Reis em tantas guerras conhecidos,  
 Da gente louua a antiga fortaleza,  
 A lealdade danimo & nobreza.

Vay recontando o pouo que se admira

O caso cada qual que mais notou,  
 Nenhum delles da gente os olhos tira  
 Que tãõ longos caminhos rodeou:  
 Mas ja o mancebo Delio as redeas vira  
 Que o irmão de Lampecia mal guiou,  
 Por vir a descansar nos Thetios braços  
 E el Rey se vay do mar aos nobres paços.

Quam doce he o louuor & a justa gloria

Dos proprios feitos, quando sam soados,  
 Qualquer nobre trabalha que em memoria  
 Vença, ou ygoale os grandes ja passados:  
 As enuejas da illustre & alhea historia  
 Fazem mil vezes feitos sublimados,  
 Quem valerosas obras exercita  
 Louuor alheo muito o esperta & incita.

Não

Não tinha em tanto os feitos gloriosos  
 De Achilles, Alexandro na pelleja,  
 Quanto de quem o canta, os numerosos  
 Versos, isso so louua, isso deseja:  
 Os tropheos de Melciades famosos  
 Temistocles despertão so de enueja,  
 E diz, que nada tanto o deleitaua  
 Como a vez que seus feitos celebraua.

Trabalha por mostrar Vasco da Gama:  
 Que essas nauegações que o mundo canta,  
 Não merecem tamanha gloria & fama:  
 Como a sua, que o ceo & a terra espanta:  
 Si mas aquelle Heroe que estima & ama  
 Com doês, merces, fauores, & honra tanta.  
 A lira Mantuana faz que soe  
 Eneas, & a Romana gloria voe.

Dã a terra Lusitana Scipioës  
 Cesares, Alexandros, & da Augustos,  
 Mas não lhe dà com tudo aquelles doës  
 Cuja falta os faz duros & robustos.  
 Octauio, entre as mayores oppressões  
 Compunha versos doutos & venustos,  
 Não dirã Fulvia certo que he mentira  
 Quando a deixaua Antonio por Glasira:

Vay

Vay Cesar sojugando toda França  
 E as armas não lhe empedem a sciencia,  
 Mas nũa mão a pena, & noutra a Lança  
 Igoalaua de Cicero a eloquencia:  
 O que de Scipião se sabe & alcança  
 He nas comedias grande experiencia,  
 Lia Alexandro a Homero de maneira  
 Que sempre se lhe sabe aa cabeceira.

Em fim não ouue forte capitão  
 Que não fosse tambem douto & sciente,  
 Da Lacia, Grega, ou Barbara nação  
 Se não da Portuguesa tão somente:  
 Sem vergonha o não digo, que a rezão  
 Dalgum não ser por versos excelente,  
 He não se ver prezado o verso & rima,  
 Porque quem não sabe arte não na estima.

Por isso & não por falta de Natura  
 Não ha tambem Virgilio nem Homeros,  
 Nem auerá se este costume dura  
 Pios Eneas, nem Achilles feros:  
 Mas o pior de tudo he que a ventura  
 Tão asperos os fez, & tão Austeros,  
 Tão rudos, & de ingenho tão remisso  
 Que a muitos lhe dá pouco, ou nada d'isso.



Aas Musas agardeça o nosso Gama  
 O muito amor da patria, que as obriga  
 A dar aos seus na lira nome & fama  
 De toda a illustre & bellica fadiga:  
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,  
 Caliope não tem por tão amiga,  
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem  
 As tellas douro fino, & que o cantassem:

Porque o amor fraterno & puro gosto  
 De dar a todo o Lusitano feito  
 Seu louuor, he samente o profuposto  
 Das Tagides gentis, & seu respeito:  
 Porem não deixe em fim de ter desposto  
 Ninguem a grandes obras sempre o peito,  
 Que por esta, ou por outra qualquer via  
 Não perdera seu preço & sua valia.

F I M.

## Canto Seisto.



**N**A M sabia em que

modo festejasse

O Rey Pagão os fortes nauegan-  
tes,

Pera que as amizades alcançasse

Do Rey Christão, das gentes tão possantes:

Pesalhe que tão longe o apouentasse

Das Europeas terras abundantes,

Aventura, que namno fez vizinho

Donde Hercules ao mar abriu o caminho.

Com jogos, danças, & outras alegrias

A segundo a policia Melindana,

Com vsadas & ledas pescarias

Com que a Lageia Antonio alegre & engana:

Este famoso Rey todos os dias

Festeja a companhia Lusitana,

Com banquetes, manjares de vsados

Com frutas, aues, carnes, & pescados.

Mas

Mas vendo o Capitão que se detinha  
 Ia mais do que deuia, & o fresco vento  
 O conuida que parta & tome a sinha,  
 Os Pilotos da terra & mantimento,  
 Não se quer mais deter, que ainda tinha  
 Muito pera cortar do salso argento,  
 Ia do Pagão benigno se despede  
 Que a todos amizade longa pede.

Pedelhe mais, que aquelle porto seja  
 Sempre com suas Frotas visitado,  
 Que nenhum outro bem mayor deseja  
 Que dar a tais baroões seu reino & estado:  
 E que em quanto seu corpo o sprito reja  
 Estará de continuo aparelhado,  
 A pôr a vida & reino totalmente  
 Por tão bom Rey, por tão sublime gente.

Outras palauras tais lhe respondia  
 O Capitão, & logo as vellas dando,  
 Pera as terras da Aurora se partia,  
 Que tanto tempo ha ja que vay buscando:  
 No Piloto que leua não auia  
 Falsidade, mas antes vay mostrando  
 A nauegação certa, & assi caminha  
 Ia mais seguro do que dantes vinha.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

As ondas nauegauão do Oriente  
La nos mares da India, & enxergauão  
Os talamos do Sol, que nace ardente,  
La quasi seus desejos se acabauão:  
Mas o mao de Tioneo, que na alma sente  
As venturas, que então se aparelhauão.  
Aa gente Lusitana dellas dina,  
Arde, morre, blasfema, & desatina.

Via estar todo o Ceo determinado  
De fazer de Lisboa noua Roma,  
Não no pode estoruar, que destinado  
Estã. doutro poder que tudo doma,  
Do Olimpo dece em fim desesperado,  
Nouo remedio em terra busca, & toma,  
Entra no humido reino, & vaise aa corte  
Daquelle, a quem o mar cayo em sorte.

No mais interno fundo das profundas  
Cauernas altas, onde o mar se esconde,  
La donde as ondas saem furibundas,  
Quando aas iras do vento o mar responde,  
Neptuno mora, & morão as jocundas  
Nereidas, & outros Deoses do mar, onde  
As agoas campo deixão aas cidades,  
Que habitão estas humidas deidades.

Descobra

Descobre o fundo nunca descoberto  
 As areas ali de prata fina,  
 Torres altas se vem no campo aberto  
 Da transparente massa cristalina,  
 Quanto se chegãõ mais os olhos perto,  
 Tanto menos a vista determina  
 Se he cristal o que vê, se diamante,  
 Que assi se mostra claro & radiante.

As portas d'ouro fino, & marchetadas  
 Do rico aljofar que nas conchas nace,  
 De esculptura fermosa estãõ lauradas,  
 Na qual do irado Baco a vista pace:  
 E vê primeiro em cores variadas  
 Do velho Chaos a tão confusa face,  
 Vem se os quatro elementos trasladados  
 Em diuerfos officios occupados.

Ali sublime o Fogo estaua encima,  
 Que em nenhũa materia se sustinha,  
 Daqui as cousas viuas sempre anima,  
 Despois que Prometeo furtado o tinha:  
 Logo a pos elle leue se sublima  
 O inuisibil Ar, que mais asinha  
 Tomou lugar, & nem por quente, ou frio,  
 Algum deixa no mundo estar vazio

OS LVSIADAS DE L. DE CAJ

Estava a terra em montes reueſtida  
De verdes eruas & aruores floridas,  
Dando paſto diuerſo & dando vida  
Aas alimarias nella produzidas:  
A clara forma ali eſtana eſculpida  
Das agoas entre a terra deſparzidas,  
De peſcados criando varios modos,  
Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

Noutra parte eſculpida eſtaua a guerra  
Que tiuerão os Deoſes cos Gigantes,  
Eſta Tiſeo debaixo da alta ſerra  
De Etna, que as flamas lança crepitantes:  
Eſculpido ſe vê ferindo a terra  
Neptuno, quando as gentes ignorantes.  
Delle o cauallo ouuerão, & a primeira  
De Minerua pacifica Oulueira.

Pouca tardança faz Lyeo irado  
Na viſta deſtas couſas, mas entrando  
Nos paços de Neptuno, que auisado  
Da vinda ſua, o eſtaua ja aguardando:  
Aas portas o recebe, acompanhado  
Das Nymphas, que ſe eſtão marauilhando,  
De ver que cometendo tal caminho,  
Entre no reino d'agoa o Rey do vinho.  
O Neptuno

O Neptuno, lhe disse, não te espantes,  
 De Baco nos teus reinos receberes,  
 Porque também cos grandes & possantes  
 Mostra a Fortuna injusta seus poderes:  
 Manda chamar os Deoses do mar, antes  
 Que fale mais, se ouir me o mais quiseres,  
 Verão da desventura grandes modos,  
 Oução todos o mal que toca a todos.

Julgando ja Neptuno que seria  
 Estranho caso aquelle, logo manda  
 Tritão, que chame os Deoses da agoa fria,  
 Que o mar habitão dhũa & doutra banda,  
 Tritão, que de ser filho se gloria  
 Do Rey, & de Salacia veneranda,  
 Era mancebo grande, negro & feyo  
 Trombeta de seu pay, & seu Correyo.

Os cabellos da barba, & os que decem  
 Da cabeça nos ombros, todos erão,  
 Hús limos prenhes d'agoa, & bem parecem  
 Que nunca brando pentem conhecerão:  
 Nas pontas pendurados não falecem  
 Os negros Misilboës, que ali se gerão,  
 Na cabeça por gorra tinha posta  
 Hũa muy grande casca de Lagosta.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O corpo nu, & os membros genitais  
Por não ter ao nadar impedimento,  
Mas porem de pequenos animais  
Do mar, todos cubertos cento & cento:  
Camarões, & Cangrejos, & outros mais  
Que recebem de Phebe crescimento,  
Ostras, & Camarões do musco çujos,  
As costas coa casca os Caramujos.

Na mão a grande Concha retorcida  
Que trazia, com força ja tocava,  
A voz grande canora foy ouuida  
Por todo o mar, que longe retumbava:  
La toda a companhia apercebida  
Dos Deoses, pera os paços caminhava  
Do Deos, que fez os muros de Dardania,  
Destroidos despois da Grega insania.

Vinha o padre Oceano acompanhado  
Dos filhos & das filhas que gerara,  
Vem Nexeo, que com Doris foy casado,  
Que todo o mar de Nymphas pouoara:  
O Propheta Proteo, deixando o gado  
Maritimo pacer pella agoa amara,  
Ali veyo tambem, mas ja sabia  
O que o padre Eyeo no mar queria.

Vinha



Vinha por outra parte a linda esposa  
 De Neptuno, de Celo & Vesta filha,  
 Graue, & leda no gesto, & tão sermosa  
 Que se amansaua o mar de maravilha:  
 Vestida bũa camisa preciosa  
 Trazia de delgada beatilha,  
 Que o corpo cristalino dexa verse,  
 Que tanto bem não he pera esconderse.

Anfitrite fermosa como as flores,  
 Neste caso não quis que falecesse,  
 O Delfim traz consigo, que aos amores  
 Do Rey lhe aconselhou que obedecesse:  
 Cos olhos que de tudo sam senhores  
 Qualquer parecera que o Sol vencesse,  
 Ambas vem pella mão, ygoal partido  
 Pois ambas sam esposas dhum marido.

Aquella que das furias de Atamante  
 Fugindo, veyo a ter diuino estado,  
 Consigo traz o filho, bello Infante,  
 No numero dos Deoses relatado:  
 Pella praya brincando vem diante  
 Com as lindas conchinhas, que o salgado  
 Mar sempre cria, & aas vezes pella areia  
 No colo o toma a bella Panopea.

OS LVSTADAS DE E. DE CA:

E o Deos que foy num tempo corpo humano,  
E por virtude da erua poderosa  
Foy conuertido em peixe, & deste dano  
Lhe resultou deidade gloriosa,  
Inda vinha chorando o feio engano,  
Que Circes tinha usado coa fermosa  
Scylla, que elle ama, desta sendo amado  
Que a mais obriga amor mal empregado.

Ja finalmente todos assentados  
Na grande sala nobre & diuinal,  
As Deosas em riquissimos estrados,  
Os Deoses em cadeiras de cristal:  
Forão todos do Padre agasalhados,  
Que co Thebano tinha assento ygoal:  
De fumos enche a casa a rica massa  
Que no mar nace, & Arabia em cheiro passa.

Estando sossegado ja o tumulto  
Dos Deoses, & de seus recebimentos,  
Começa a descubrir do peito occulto,  
A causa o Tyoneo de seus tormentos:  
Hum pouco carregando se no vulto,  
Dando mostra de grandes sentimentos,  
So por dar aos de Luso triste morte  
Coferro a. heyo, fala desta sorte.

Princepe

Principe que de juro senboreas  
 Dhum Polo, ao outro Polo o mar iralo,  
 Tu que as gentes da terra toda enfreas,  
 Que não passem o termo limitado:  
 E tu padre Oceano, que rodeas  
 O mundo vniuersal, & o tens cercado:  
 E com justo decreto assi permites,  
 Que dentro viuão so de seus limites.

E vos Deoses do mar, que não soffreis  
 Injuria algũa em vosso reino grande,  
 Que com castigo ygoal vos não vingueis,  
 De quemquer que por elle corra, & ande:  
 Que descuido foy este em que viueis?  
 Quem pode ser que tanto vos abrande,  
 Os peitos, con razão endurecidos  
 Contra os humanos fracos & atreuidos?

Vistes que com grandissima ousadia  
 Forão ja cometer o Ceo supremo,  
 Vistes aquella insana fantasia  
 De tentarem o mar com vella & remo:  
 Vistes, & ainda vemos cada dia,  
 Soberbas & insolencias tais, que temo  
 Que do mar & do Ceo em poucos anos,  
 Venhão Deoses a ser, & nos humanos.

Vedes

OS LUSIADAS DEL. DE CA:

Vedes agora a fraca geração  
 Que dhum vassallo meu o nome toma,  
 Com soberbo, & altiuo coração,  
 A vos, & a mi, & o mundo todo doma:  
 Vedes o vosso mar cortando vão,  
 Mais do que fez a gente alta de Roma,  
 Vedes o vosso reino deuassando  
 Os vossos estatutos vão quebrando.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro  
 No vosso reino este caminho abrirão,  
 Boreas injuriado, & o companheiro  
 Aquilo, & os outros todos resistirão:  
 Pois se do ajuntamento aventureiro  
 Os ventos esta injuria assi sentirão,  
 Vos a quem mais compete esta vingança,  
 Que esperais, porque a pondeis em tardança?

Enão consinto Deoses que ciuideis  
 Que por amor de vos do ceo deci,  
 Nem da magoa da injuria que sofreis,  
 Mas da que seme faz tambem a mi:  
 Que aquellas grandes honras, que sabeis  
 Que nommando ganbey, quando venci  
 As terras Indianas do Oriente,  
 Todas vejo abatidas desta gente.

Que

Que o gran Senhor & fados que destinão,  
 Como lhe bem parece, o baxo mundo,  
 Famas mores que nunca determinão  
 De dar a estes barões no mar profundo:  
 Aqui vereis o Deoses como insinão  
 O mal tambem a Deoses: que a segundo  
 Se ve, ninguem ja tem menos valia  
 Que quem com mais razão valer deuia:

E por isso do Olimpo ja fugi,  
 Buscando algum remedio a meus pesares,  
 Por ver o preço, que no Ceo perdi,  
 Se por dita acharey nos vossos mares:  
 Mais quis dizer, & não passou daqui,  
 Por que as lagrimas ja correndo a pares  
 Lhe saltarão dos olhos, com que logo  
 Se acendem as Deidades dagoa em fogo.

Alra com que subito alterado  
 O coração dos Deoses foy num ponto,  
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,  
 Nem dilacão, nem outro algum desconto:  
 Ao grande Eolo mandão ja recado  
 Da parte de Neptuno, que sem conto  
 Solte as furias dos ventos repugnantes,  
 Que não aja no mar mais nanegantes.

Bem quísera primeiro ali Protheo  
 Dizer neste negocio o que sentia,  
 E segundo o que a todos pareceo,  
 Era algũa profunda prophecia:  
 Porem tanto o tumulto se moueo  
 Subito na diuina companhia,  
 Que Thetis inclinada lhe bradou,  
 Neptuno sabe bem o que mandou.

Ia la o soberbo Hypotades soltaua  
 Do carcere fechado os furiosos  
 Ventos, que com palauras animaua,  
 Contra os varoẽs audaces & animosos:  
 Subito o ceo sereno se obumbraua,  
 Que os ventos mais que nunca impetuosos  
 Começão nouas forças a yr tomando,  
 Torres, montes & casas derribando.

Em quanto este conselho se fazia  
 No fundo aquoso, a leda lassa Frota  
 Com vento sossegado proseguia  
 Pello tranquilo mar, a longa rota:  
 Era no tempo quando a luz do dia  
 Do Eoo Emisperio estâ remota,  
 Os do quarto da prima se deitauão  
 Pera o segundo os outros despertauão.  
 Vencidos

Vencidos vem do sono, & mal despertos  
 Bocijando a miúdo se encoftauão,  
 Pellas antenas, todos mal cubertos,  
 Contra os agudos ares que affoprauão:  
 Os olhos contra feo querer abertos  
 Mas estregando os membros estirauão,  
 Remedios contra o sonno buscar querem,  
 Historias contão, casos mil referem.

Com que milhor podemos, hum dizia,  
 Este tempo passar, que he tão pesado,  
 Se não com algum conto de alegria  
 Com que nos deixe o sono carregado?  
 Responde Lionardo, que trazia  
 Pensamentos de firme namorado,  
 Que contos paderemos ter milhores  
 Pera passar o tempo, que de amores?

Não he, disse Veloso, cousa justa  
 Tratar branduras em tanta aspereza,  
 Que o trabalho do m. w, que tanto custa,  
 Não soffre amores, nem delicadeza:  
 Antes de guerra feruida & robusta  
 A nossa historia seja, pois dureza  
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo  
 Que o trabalho por vir mo esta dizendo.  
Consente

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Consentem nisto todos, & encomendão  
A Veloso que conte isto que aproua,  
Contarei disse, sem que me reprehendão  
De contar cousa fabulosa, ou noua:  
E por que os que me ouuirem daqui aprendão  
A fazer feitos grandes de alta proua,  
Dos nascidos direy na nossa terra,  
E estes sejam os doze de Inglaterra.

No tempo que do reino a redea leue  
Ioão filho de Pedro moderaua,  
Despois que sossegado & liure o teue  
Do vizinho poder que o molestaua:  
La na grande Inglaterra, que da neue  
Boreal sempre abunda, semeaua  
A fera Erinis dura & mâ cizania  
Que lustre fosse a nossa Lusitania.

Entre as damas gentis da corte Inglesa,  
E nobres cortejaõs, a caso hum dia  
Se leuantou discordia em ira acesa,  
Ou foy opiniao, ou foy porfia:  
Os Cortejaõs a quem tam pouco pesa  
Soltar palauas graues de ousadia  
Dizem que prouarão, que honras & famas  
Em tais damas não ha, pera ser damas.  
E que



E que se ouuer alguém com lança & espada  
 Que queira sustentar a parte sua,  
 Que elles em campo raso, ou estacada,  
 Lhe darão fea infamia, ou morte crua:  
 A femeníl fraqueza pouco usada  
 Ou nunca a oprobrios tais, vendo se nua  
 De forças naturais conuenientes,  
 Socorro pede a amigos & parentes.

Mas como fossem grandes & possantes  
 No reino os inimigos, não se atreuem  
 Nem parentes, nem feruidos amantes  
 A sustentar as damas, como deuem:  
 Com lagrimas fermosas & bastantes  
 A fazer que em socorro os Deoses leuem:  
 De todo o Ceo, por rostos de alabaastro  
 Se vão todas ao duque de Alencastro.

Era este Ingres potente, & militar  
 Cos Portugueses já contra Castella;  
 Onde as forças magnanimas prouara  
 Dos companheiros, & benigna estrellar.  
 Não menos nesta terra esperimentara  
 Namorados affeitos, quando nella  
 A filha viu, que tanto o peito doma  
 Do forte Rey, que por molher a toma.

Este

Este que socorrer lhe não queria,  
 Por não causar discordias intestinas  
 Lhe diz, quando o direito pretendia  
 Do reino la das terras Iberinas,  
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,  
 Tanto primor, & partes tão diuinias,  
 Que elles sos poderião, se não erro  
 Sustentar vossa parte a fogo & ferro.

E se agrauadas damas sois seruidas,  
 Por vos lhe mandarei embaixadores,  
 Que por cartas discretas & polidas,  
 De vosso agrauo os fação sabedores:  
 Tambem por vossa parte encarecidas  
 Com palauras das fagos & damores,  
 Lhe sejam vossas lagrimas, que eu creyo  
 Que ali terees socorro & forte esteyo.

Deslarte as aconselha o Duque experto,  
 E logo lhe nomea doze fortes,  
 E porque cada dama hum tenha certo,  
 Lhe manda que sobrelles lancem sortes,  
 Que ellas so doze sam: & descuberto  
 Qual a qual tem caido das consortes,  
 Caudhã escreue ao seu por varios modos,  
 E todas a seu Rey, & o Duque a todos.

Ia chega a Portugal o mensageiro,  
 Toda a corte aluoroça a novidade,  
 Quiserá o Rey sublime ser primeiro,  
 Mas não lho soffre a Regia Magestade:  
 Qualquer dos cortesãos aventureiro  
 Deseja ser, com feruida vontade,  
 E so fica por bemaumenturado,  
 Quem ja vem pello Duque nomeado.

La na leal cidade, donde teue  
 Origem (como he fama) o nome eterno  
 De Portugal, armar madeiro leue  
 Manda o que tem o leme do gouerno:  
 Apercebem se os doze em tempo breue  
 Darnas, & roupas de uso mais moderno,  
 De elmos, cimeras, letras, & primores  
 Caualos, & Concertos de mil cores.

Ia do seu Rey tomado tem licença  
 Pera partir do Douro celebrado,  
 Aqueles, que escolhidos por sentença  
 Forão do Duque Ingles esprimentado:  
 Não ha na companhia differença  
 De caualeiro, de stro, ou e forçado:  
 Mas hum so, que Magriço se dizia,  
 Destarte fala a a forte companhia,  
 O Fortissimos

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Fortissimos confocios, eu desejo  
A muito ja de andar terras estranhas,  
Por ver mais agoas, que as do Douro & Tejo,  
Varias gentes, & leis, & varias manhas:  
Agora que aparelho certo vejo,  
(Pois que do mundo as cousas sam tamanhas)  
Quero se me deixais, ir sô por terra,  
Porque eu serey conuoso em Inglaterra.

E quando caso for, que eu impedido  
Por quem das cousas he vltima linha,  
Não for com vosco ao prazo instituido,  
Pouca falta vos faz a falta minha:  
Todos por mi fareis o que he diuido:  
Mas se a verdade o sprito me adiuinha,  
Rios, montes, fortuna, ou sua enueja,  
Não farão que eu com vosco la não seja.

Assi diz, & abraçados os amigos,  
E tomada licença, em fim se parte,  
Passa Lião, Castella vendo antigos  
Lugares, que ganhara o patrio Marte:  
Nauarra, cos altissimos perigos  
Do Perineo, que Espanha & Galia parte:  
Vistas em fim de França as cousas grandes,  
No grande emperio foy parar de Frandes.

Ala

Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,  
 Sem passar se deteu muitos dias,  
 Mas dos onze a illustrissima companha  
 Cortão do mar do Norte as ondas frias:  
 Chegados de Inglaterra aa costa estranha,  
 Pera Londres ja fazem todos vias,  
 Do Duque sam com festa agasalhados,  
 E das damas seruidos, & amimados. *amimados*

Chegasse o prazo, & dia afinalado,  
 De entrar em campo ja cos doze Ingleses,  
 Que pello Rey ja tinhão segurado,  
 Armanse delmos, greuas, & de arneses:  
 Ia as damas tem por si fulgente & armado  
 O Mauorte feroz dos Portugueses,  
 Vestem se ellas de cores & de sedas  
 De ouro, & de joyas mil, ricas, & ledas.

Mas aquella, a quem fora em sorte dado  
 Magriço, que não vinha, com tristeza  
 Se veste, por não ter quem nomeado  
 Seja seu caualeiro, nesta empresa:  
 Bem que os onze apregoão, que acabado  
 Sera o negocio assi na corte Inglesa,  
 Que as damas vencedoras se conheçao  
 Posto que dous & tres dos seus falleçao.

OS LVSIADAS DEL. DE CA:

La num sublime & pubrico theatro  
Se assenta o Rey Ingles com toda a corte,  
Estauão tres & tres, & quatro & quatro,  
Bem como a cada qual coubera em sorte: *cate*  
Não sam vistos do Sol do Tejo ao Batro,  
De força, esforço, & d' animo mais forte,  
Outros doze sayr como os Ingleses  
No campo, contra os onze Portugueses.

Mastigão os caualos escumando  
Os aureos freos, com feroz semblante,  
Estaua o Sol nas armas rutilando,  
Como em cristal, ou rigido diamante:  
Mas enxergase num & noutro bando  
Partido de sigual & dissonante  
Dos onze contra os doze: quando a gente  
Começa a aluoroçar se geralmente.

Virão todos o rosto aonde auia  
A causa principal do reboliço,  
Eis entra hum caualeiro, que trazia  
Armas, caualo, ao bellico seruiço.  
Ao Rey & aas damas fala, & logo se hia  
Pera os onze, que este era o gram Magriço,  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem não falta certo nos perigos.

A dama

A dama como ouuio, que este era aquelle,  
 Que vinha a defender seu nome, & fama,  
 Se alegre, & veste ali do animal de Hele,  
 Que a gente bruta mais que vertude ama:  
 La dão sinal, & o som da tuba impelle  
 Os belicosos animos, que inflama,  
 Picão desporas, largão redeas logo  
 Abaxão lanças, fere a terra fogo.

Dos caualos o estrepito parece  
 Que faz, que o chão debaixo todo treme,  
 O coração no peito, que estremece  
 De quem os olha, se aluoroça, & teme:  
 Qual do caualo voa, que não dece,  
 Qual co caualo em terra dando, geme,  
 Qual vermelhas as armas faz de brancas,  
 Qual cos penachos do elmo açouta as ancas.

Algum dali tomou perpetuo sono,  
 E fez da vida ao fim breue interualo,  
 Correndo algum cauallo vay sem dono,  
 Encontra parte o dono sem caualo:  
 Cai a soberba Inglesa de seu trono,  
 Que dous ou tres ja fora vão do valo,  
 Os que de espada vem fazer batalha,  
 Mais achão ja que arnes, escudo, & malha:

Gastar palauras em contar estremos  
 De golpes feros, cruas estocadas,  
 He desses gastadores, que sabemos  
 Maos do tempo, com fabulas sonhadas:  
 Basta por fim do caso, que entendemos  
 Que com finezas altas & affamadas,  
 Cos nossos fica a palma da victoria,  
 E as damas vencedoras, & com gloria.

Recolhe o Duque os doze vencedores  
 Nos seus paços, com festas & alegria,  
 Cozinhaes occupa, & caçadores  
 Das damas a fermosa companhia,  
 Que querem dar aos seus libertadores  
 Banquetes mil, cada hora, & cada dia,  
 Em quanto se detem em Inglaterra,  
 Ate tornar aa doce & chara terra.

Mas dizem que com tudo o gram Magriço  
 Desejoso de ver as cousas grandes,  
 La se deixou ficar, onde hum seruiço  
 Notauel aa condessa fez de Frandes:  
 E como quem não era ja nouiço  
 Em todo trance, onde tu Marte mandes,  
 Hum Frances mata em campo, que o destino  
 La teue de Torcato & de Coruino.

Outro



Outro tambem dos doze em Alemanha  
 Se lança, & teue hum fero desafio  
 Cum Germano enganoso, que com manha  
 Não diuida o quis pôr no estremo fio:  
 Contando assi Veloso, ja a companha  
 Lhe pede, que não faça tal desuiio  
 Do caso de Magriço, & vencimento  
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento:

Mas neste passo assi promptos estando,  
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,  
 O apito toca, acordão despertando  
 Os marinheiros dhũa & doutra banda:  
 E porque o vento vinha refrescando,  
 Os traquetes das gaueas tomar manda,  
 Alerta, disse, estay, que o vento crece  
 Daquella nuuem negra que aparece.

Não erão os traquetes bem tomados,  
 Quando dà a grande & subita procella,  
 Amaina, disse o mestre a grandes brados  
 Amaina, disse, amaina a grande vella,  
 Não esperão os ventos indinados  
 Que amainassem, mas juntos dando nella,  
 Em pedaços a fazem, cum ruido  
 Que o mundo pareceo ser destruydo.

Oceo fere com gritos nisto a gente,  
 Cum subito temor, & desacordo,  
 Que no romper da vela a Nao pendente  
 Toma gram suma dagoa pello bordo,  
 Alija, disse o mestre, rijamente,  
 Alija tudo ao mar, não falte acordo,  
 Vão outros dar a bomba não cessando,  
 Aa bomba que nos imos alagando.

Correm logo os soldados animosos.  
 A dar aa bomba, & tanto que chegarão,  
 Os balanços, que os mares temerosos  
 Derão aa Nao, num bordo os derribarão.  
 Tres marinheiros duros, & forçosos,  
 A menear o leme não bastarão,  
 Talhas lhe pumbão dhũa & doutra parte.  
 Se aproueitar dos homens força & arte.

Os ventos erão tais, que não poderão  
 Mostrar mais força dimpeto cruel,  
 Se pera derribar então vierão  
 A fortissima torre de Babel.  
 Nos altissimos mares, que crescerão,  
 A pequena grandura dhum batel,  
 Mostra a possante nao, que moue espanto  
 Vendo que se sostem nas ondas tanto.

A nao.

Anão grande, em que vay Paulo da Gama,  
 Quebrado leua o masto pello meyo,  
 Quasi toda alga da: a gente chama  
 Aquelle que a saluar o mundo veyo:  
 Não menos gritos vão ao ar derrama  
 Toda a N.ão de Coelho, com receyo,  
 Com quanto teue o mestre tanto tento  
 Que primeiro amainou que desse o vento:

Agora sobre as nuuens os subião  
 As ondas de Neptuno furibundo,  
 Agora a ver parece que decião  
 As intimas entranhas do profundo:  
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião  
 Arruinar a machina do mundo,  
 Anoite negra & feya se alumia,  
 Cos rayos, em que o Polo todo ardia.

As Alcioneas aues triste canto  
 Junto da costa braua leuantarão,  
 Lembrando se de seu passado pranto,  
 Que as furiosas agoas lhe causarão:  
 Os Delfins namorados entre tanto  
 La nas couas maritimas entrarão,  
 Fugindo aa tempestade, & ventos duros  
 Que nem no fundo os deixa estar seguros  
 Nunca

Nunca tam viuos rayos fabricou  
 Contra a fera soberba dos Gigantes,  
 O gram ferreiro sordido, que obrou  
 Do enteado as armas radiantes:  
 Nem tanto o gram Tonante arremessou  
 Relampados ao mundo fulminantes,  
 No gram diluuiio, donde sos viuerão  
 Os dous que em gente as pedras conuerterão.

Quantos montes então, que derribarão  
 As ondas que batião denodadas,  
 Quantas arvores velhas arrancarão  
 Do vento brauo as furias indinadas:  
 As forçosas raizes não cuidarão  
 Que nunca pera o ceo fossem viradas,  
 Nem as fundas arêas que podessem  
 Tanto os mares que encima as reuoluessem.

Vendo Vasco da Gama que tam perto  
 Do fim de seu desejo se perdia,  
 Vendo ora o mar ate o inferno aberto,  
 Ora com noua furia ao ceo subia,  
 Confuso de temor, da vida incerto,  
 Onde nenhum remedio lhe valia,  
 Chama aquelle remedio sancto & forte  
 Que o impossibil pode, desta sorte.

Diuina

Diuina guarda, angelica, celeste,  
 Que os ceos, o mar & terra senhoreas,  
 Tu que a todo Israel refugio deste  
 Por metade das agoas Eritreas:  
 Tu que liuraste Paulo & defendeste  
 Das Syrtes arenosas & ondas feas,  
 E guardaste cos filhos o segundo  
 Pouoador do alagado & vacuo mundo:

Se tenho nouos medos perigosos

*Do outro* Doutra Scylla & Caribdis ja passados,  
 Outras Syrtes, & baxos arenosos,  
 Outros Acroceraunios infamados,  
 No fim de tantos casos trabalhosos,  
 Por que somos de ti desemparedos,  
 Se este nosso trabalho não te offende,  
 Mas antes teu seruiço so pretende?

O ditosos aquelles que puderão

Entre as agudas lanças Affricanas  
 Morrer, em quanto fortes sustiuerão  
 A sancta Fe, nas terras Mauritanas:  
 De quem feitos illustres se soberão,  
 De quem ficão memorias soberanas,  
 De quem se ganha a vida com perdella,  
 Doce fazendo a morte as honras della.

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

Assi dizendo os ventos que lutauão,  
 Como touros indomitos bramando,  
 Mais & mais a tormenta acrecentauão,  
 Pella miuda enxarcia assuuiando:  
 Relampados medonhos não cessauão,  
 Feros trouões que vem representando  
 Cair o ceo dos exos sobre a terra,  
 Configo os elementos terem guerra.

Mas ja a amorosa strela scintilaua  
 Diante do Sol claro, no Orizante  
 Mensageira do dia, & visitaua  
 A terra, & o largo mar, com leda fronte:  
 A deosa que nos ceos a governaua,  
 De quem foge o ensifero Oriente,  
 Tanto que o mar, & a chara armada vira,  
 Tocada junto foy de medo, & de ira.

Estas obras de Baco sam por certo,  
 Disse, mas não ser.â, que auante leue  
 Tão danada tenção, que descuberto  
 Me sera sempre o mal a que se atreue,  
 Isto dizendo, dece ao mar aberto,  
 No caminho gastando espaço breue,  
 Em quanto manda as nimphas amorosas  
 Grimaldas nas cabeças por de rosas.

Grimaldas

Grin illas manda por de varias cores  
 Sobre cabellos louros a porfia,  
 Quem não dirâ, que nacement roxas flores  
 Sobre ouro natural, que amor insia:  
 Abrandar determina por amores  
 Dos ventos a nojosa companhia,  
 Mostrandolhe as amadas Nymphas bellas,  
 Que mais fermosas vinhão que as estrellas.

Assi foy, por que tanto que chegarão  
 A vista dellas, logo lhe falecem  
 As forças com que dantes pellejarão,  
 E ja como rendidos lhe obedecem.  
 Os pés e mãos, parece, que lhe atarão  
 Os cabellos que os rayos escurecem,  
 A Boreas, que do peito mais queria,  
 Assi disse a bellissima Oritia.

Não creas, fero Boreas, que te creyo  
 Que me tiueste nunca amor constante,  
 Que brandura he de amor mais certo arreyo,  
 E não conuem furor a firme amante:  
 Se ja não pões a tanta insania freyo,  
 Não esperes de mi daqui em diante,  
 Que possa mais amar te, mas te nerte,  
 Que amor contigo, em medo se conuerte.

Assi

Assi mesmo a fermosa Galatea

Dizia ao fero Noto, que bem sabe  
 Que dias ha que em vella se recrea,  
 E bem crê que com elle tudo acaba,  
 Não sabe o brauo tanto bem se o crea,  
 Que o coração no peito lhe não cabe,  
 De contente de ver que a dama o manda,  
 Pouco cuida que faz se logo abranda.

De sta maneira as outras amansauão

Subitamente os outros amadores,  
 E logo aa linda Venus se entregauão,  
 Amansadas as iras & os furores,  
 Ella lhe prometeo vendo que amauão.  
 Sempiterno fauor em seus amores,  
 Nas bellas mãos tomandolhe omenagem  
 De lhe serem leais esta viagem.

La a menham clara d'aua nos outeiros,

Por onde o Ganges murmurando soa,  
 Quando da celsa gauea os marinheiros  
 Enxergarão terra alta pella proa,  
 Lá fora de tormenta, & dos primeiros  
 Mares, o temor vão do peito voa,  
 Disse alegre o Piloto Melindano,  
 Terra he de Calecu, se não me engano.

Esta



Esta he por certo a terra que buscais  
 Da verdadeira India, que aparece:  
 E se do mundo mais não desejaes,  
 Vosso trabalho longo aqui senece:  
 Soffrer aqui não pode o Gama mais,  
 De ledo em ver que a terra se conhece,  
 Os geolhos no chão, as mãos ao ceo  
 A merce grande a Deos agardeceo.

As graças a Deos daua, e razão tinha  
 Que não somente a terra lhe mostraua,  
 Que com tanto temor buscando vinha:  
 Por quem tanto trabalho esperimentaua,  
 Mas via se liurado tão asinha  
 Da morte, que no mar lhe aparelhaua  
 O vento duro, feruido, e medonho,  
 Como quem despertou de horrendo sonho.

Por meyo destes horridos perigos  
 Destes trabalhos graues e temores,  
 Alcanção os que sam de fama amigos  
 As honras immortais, e graos mayores:  
 Não encostados sempre nos antigos  
 Troncos nobres de seus antecessores,  
 Não nos leitos dourados, entre os finos  
 Animais de Moscouia Zebellinos.

Não


Não cos manjares nouos & exquisitos,  
 Não cos passeos molles & ouciosos,  
 Não cos varios deleites & infinitos  
 Que afeminão os peitos generosos:  
 Não cos nunca vencidos apetitos  
 Que a Fortuna tem sempre tão mimosos,  
 Que não soffre a nenhum que o passo mude  
 Pera algũa obra heroica de virtude.


Mas com buscar co seu forçoso braço  
 As honras, que elle chame proprias suas,  
 Vigiando, & vestindo o forjado aço  
 Soffrendo tempestades & ondas cruas:  
 Vencendo os torpês frios no regaço  
 Do Sul, & regioës de abrigo nuas,  
 Engulindo o corrupto mantimento  
 Temperado com hum arduo sofrimento.

E com forçar o rosto que se enfia,  
 A parecer seguro ledo, inteiro,  
 Pera o pilouiro ardente, que affouia  
 E leua a perna, ou braço ao companheiro:  
 Destarte o peito hum calo honroso cria  
 Desprezador das honras, & dinheiro,  
 Das honras, & dinheiro, que a ventura  
 Forjou, & não vertude justa, & dura.  
 Destarte

Destarte se esclarece o entendimento,  
 Que experiencias fazem repousado,  
 E fica vendo, como de alto assento,  
 O baxo tracto humano embaraçado,  
 Este onde tiuer força o regimento  
 Direito, & nam de affeitos occupado,  
 Subirá ( como deue) a illustre mando,  
 Contra vontade sua, & não rogando.

FIM.

 Canto Septimo.

 A se viã chegados  
 junto aa terra,  
 Que desejada ja de tantos fora,  
 Que entre as correntes Indicas se  
 encerra,

E o Ganges, que no ceo terreno mora:  
 Ora sus gente forte que na guerra  
 Quereis leuar a palma vencedora,  
 Ia sois chegados, ja tendes diante  
 A terra de riquezas abundante.

P

A vos

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

A vos, ô geraçam de Luso digo,  
Que tam pequena parte sois no mundo:  
Nãõ digo inda no mundo, mas no amigo  
Curral de quem gouerna o çeo rotundo:  
Vos, a quem nãõ somente algum perigo  
Estorna conquistar o pouo immundo:  
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia  
Da Madre, que nos çeos estã em essencia.

Vos Portugueses poucos, quanto fortes,  
Que o fraco poder vosso nãõ pesais,  
Vos que aa custa de vossas varias mortes  
A lei da vida eterna dilatais:  
Assi do çeo deitadas sam as sortes,  
Que vos por muito poucos que seiais,  
Muito façais na sancta Christandade:  
Que tanto, ô Christo exaltas a humildade.

Vedelos Alemães, soberbo gado,  
Que por tam largos campos se apacenta,  
Do successor de Pedro rebelado,  
Nouo pastor, & noua ceita inuenta:  
Vedelo em feas guerras occupado,  
Que inda co cego error se nam contenta,  
Nãõ contra o superbissimo Otomano:  
Mas por sair do jugo soberano.

Vedelo

Vedelo duro Ingles, que se nomea  
 Rei da velha & sanctissima cidade,  
 Que o torpe Ismaelita senhorea,  
 (Quem vio honra tam longe da verdade)  
 Entre as Boreais neues se recrea,  
 Noua maneira faz de Christandade,  
 Pera os de Christo tem a espada nua,  
 Nam por tomar a terra que era sua:

Guardalhe por entanto hum falso Rei,  
 A cidade Hierosolima terreste,  
 Em quanto elle não guarda a sancta lei,  
 Da cidade Hierosolima celeste:  
 Pois de ti Gallo indigno que direy?  
 Que o nome Christianissimo quiseste,  
 Nam pera defendelo, nem guardalo,  
 Mis pera ser contra elle, & derribalo:

Achas que tês direito em senhorios  
 De Christãos, sendo o teu tam largo & tão,  
 E nam contra o Cynifio & Nulo rios  
 Inimigos do antigo nome sancto,  
 Ali se ande prouar da espada os fios,  
 Em quem quer reprovar da Igreja o canto:  
 De Carlos, de Luis, o nome & a terra  
 Erdaste, & as causas nam da justa guerra?

Pois que direy daquelles que em delicias,  
 Que o vil ocio no mundo traz consigo,  
 Gastão as vidas, logrão as diuicias,  
 Esquecidos de seu valor antigo:  
 Nascem da tyrania inimicicias,  
 Que o pouo forte tem de si inimigo,  
 Contigo Italia fallo, ja sumersa  
 Em vicios mil, & de ti mesma aduersa.

O miseros Christãos, pola ventura  
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,  
 Que hũs aos outros se dão aa morte dura,  
 Sendo todos de hum ventre produzidos?  
 Nam vedes a diuina sepultura  
 Possuida de cães, que sempre vnidos  
 Vos vem tomar a vossa antiga terra,  
 Fazendo se famosos pela guerra?

Vedes que tem por vso & por decreto,  
 Do qual sam tão inteiros obseruantes,  
 Ajuntarem o exercito inquieto,  
 Contra os pouos, que sam de Christo amantes.  
 Entre vos nunca deixa a fera Aleto  
 De semean cizanias repugnantes,  
 Olhay festais seguros de perigos,  
 Que elles & vos, sois vossos inimigos.  
 Se cobiça

Se cobiça de grandes senhorios  
 Vos faz yr conquistar terras alheas,  
 Nam vedes que Pactolo & Hermo rios,  
 Ambos voluem auríferas areas,  
 Em Lidia, Assiria laurão de ouro os fios,  
 Affrica esconde em si luzentes veas,  
 Mouauos ja se quer riqueza tanta,  
 Pois mouer vos não pode a casa Sancta,

Aquellas inuencões feras & nouas,  
 De instrumentos mortais da artelharía,  
 Ia deuem de fazer as duras prouas,  
 Nos muros de Bizancio, & de Turquia:  
 Fazei que torne la aas siluestres couas,  
 Dos Caspios montes, & da Citia fria,  
 A Turca geração, que multiplica  
 Na policia da vossa Europa rica.

Gregos, Traces, Armenios, Georgianos  
 Bradando vos estão, que o pouo bruto  
 Lhe obriga os caros filhos aos profanos  
 Preceptos do alcorão (duro tributo)  
 Em castigar os feitos inhumanos  
 Vos gloriay de peito forte, & astuto,  
 E não queirais lououres arrogantes,  
 De serdes contra os vossos muy possantes.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Mas em tanto que cegos, & sedentos  
Andais de vosso sangue, o gente insana,  
Não faltarão Christãos atreuimentos,  
Nesta pequena casa Lusitana  
De Affrica tem maritimos assentos,  
He na Asia mais que todas soberana,  
Na quarta parte noua os campos ara,  
E se mais mundo ouuera la chegãra.

E vejamos em tanto que acontece  
Aaquelles tam famosos nauegantes,  
Despois que a branda Venus enfraquece  
O furor vão dos ventos repugnantes:  
Despois que a larga terra lhe aparece,  
Fim de suas perfiãs tam constantes,  
Onde vẽ samear de Christo a ley,  
E dar nouo costume, & nouo Rei.

Tanto que aa noua terra se chegãrãõ,  
Leues embarcações de pescadores  
Acharãõ, que o caminho lhe mostrãrãõ  
De Calecu onde eram moradores:  
Pera la logo as proas se inclinarãõ,  
Porque esta era a cidade das milhores.  
Do Malabar milhor, onde viuia  
O Rei que a terra toda possuia.

Além



Alem do Indo jaz, & âquem do Gange,  
 Hum terreno muy grande, & assaz famoso,  
 Que pela parte Austral o mar abrange,  
 E pera o Norte o Emodio cauernoso.  
 Iugo de Reis diuersos o constringe  
 A varias leis: algũs o vicioso  
 Mahoma, algũs os Idolos adorão,  
 Algũs os animais, que entre elles morão.

La bem no grande monte, que cortando  
 Tam larga terra, toda Asia discorre,  
 Que nomes tam diuersos vai tomando,  
 Segundo as regiões por onde corre,  
 As fontes saem, donde vem manando  
 Os rios, cuja gram corrente morre  
 No mar Indico, & cercão todo o peso  
 Do terreno, fazendo o Chersonejo.

Entre hum & o outro rio, em grande espaço  
 Say da larga terra hũa longa ponta  
 Quasi piramidal, que no regaço  
 Do mar com Ceilão insula confronta,  
 E junto donde nasce o largo braço  
 Gangetico, o rumor antigo conta.  
 Que os vizinhos da terra moradores  
 Do cheiro se mantem das finas flores.

OS LVSIADAS DEL. DE CA:

Mas agora de nomes, & de vsança,  
Nouos & varios sam os habitantes:  
Os Delijs, os Patanes, que em possança  
De terra, & gente, sam mais abundantes,  
Decanis, Oriãs, que a esperança  
Tem de sua saluação nas resonantes  
Agoas do Gange, & a terra de Bengala  
Fertil de sorte que outra não lhe igoala.

O Reino de Cambaia bellicoso  
( Dizem que foy de Poro Rei potente)  
O Reino de Narsinga poderoso,  
Mais de ouro & pedras, que de forte gente:  
Aqui se enxerga la do mar vndoso  
Hum monte alto, que corre longamente,  
Seruindo ao Malabar de forte muro,  
Com que do Canarã viue seguro..

Da terra os naturais lhe chamão Gate;  
Do pê do qual pequena quantidade  
Se estende hũa fralda estreita, que combate  
Do mar a natural ferocidade:  
Aqui de outras cidades sem debate,  
Calecu tem a illustre dignidade,  
De cabeça de Imperio rica, & bella,  
Samorim se intitula o senhor della.

Chegada:

Chegada a frota ao rico senhoxio,  
 Hum Portugues mandado logo parte,  
 Afazer sabedor o Rei gentio  
 Da vinda sua a tam remota parte:  
 Entrando o mensageiro pelo Rio,  
 Que ali nas ondas entra, a não vista arte  
 A cor, o gesto estranho, o traço nouo  
 Fez concorrer a vello todo o pouo.

Entre a gente que a vello concorria,  
 Se chega hum Mahometa, que nascido  
 Fora na região da Berberia,  
 La onde fora Anteo obedecido:  
 Ou pela vezinhança ja teria  
 O Reino Lusitano conhecido,  
 Ou foy ja a sinalado de seu ferro,  
 Fortuna o trouxe a tam longo de ferro.

Em vendo o mensageiro com jocundo  
 Rosto, como quem sabe a lingua Hispana:  
 Lhe disse, quem te trouxe a estoutro mundo;  
 Tam longe da tua patria Lusitana?  
 Abrindo lhe responde o mar profundo,  
 Por onde nunca veio gente humana,  
 Vimos buscar do Indo a grão corrente,  
 Por onde a Lei diuina se acrecente.

Espantado

Espantado ficou da gram viagem,  
 O mouro que Monçaide se chamaua,  
 Ouuindo as oppressões que na possessão  
 Do mar, o Lusitano lhe contaua,  
 Mas vendo em fim, que a força da mensajem  
 So pera o Rei da terra releuaua,  
 Lhe diz que estaua fora da cidade.  
 Mas de caminho pouca quantidade.

E que em tanto que a noua lhe chegasse  
 De sua estranha vinda, se queria  
 Na sua pobre casa repousasse,  
 E do manjar da terra comeria:  
 E despois que se hum pouco recreasse,  
 Coelle pera a armada tornaria,  
 Que alegria não pode ser tamanha,  
 Que achar gente vezinha em terra estranha:

O Portugues accita de vontade  
 O que o ledo Monçaide lhe offerece  
 Como se longa fora ja a amizade,  
 Coelle come & bebe, & lhe obedece:  
 Ambos se tornão logo da cidade,  
 Pera a frota, que o Mouro bem conhece,  
 Sobem aa Capitaina, & toda a gente  
 Monçaide recebeo benignamente.

O capitão

O Capitão o abraça em cabo ledo,  
 Ouuindo clara a lingoa de Castella,  
 Junto de si o assenta, & prompto & quedo  
 Pela terra pergunta, & cousas della:  
 Qual se ajuntaua em Rodope o aruoredo,  
 So por ouuir o amante da donzella  
 Euridice, tocando a lira de ouro,  
 Tala gente se ajunta a ouuir o Mouro:

Elle começa, o gente que a natura  
 Vizinha fez de meu paterno ninho,  
 Que destino tam grande, ou que ventura  
 Vos trouxe a cometerdes tal caminho:  
 Nam he sem causa não occulta, & escura  
 Vir do longinco Tejo, & ignoto Minho,  
 Por mares nunca doutro lenho arados,  
 A Reinos tam remotos & apartados.

Deos por certo vos traz, porque pretende  
 Algum seruiço seu por vos obrado:  
 Por isso so vos guia, & vos defende  
 Dos inimigos do mar, do vento yrado:  
 Sabey que estais na India, onde se estende  
 Diuerso pouo, rico & prosperado,  
 De ouro luzente, & fina pedraria,  
 Cheiro suauo, ardente especiaria.

Esta

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Esta prouincia, cujo porto agora  
Tomado tendes, Malabar se chama,  
Do culto antigo os Idolos adora,  
Que ca por estas partes se derrama:  
De diuersos Reis he, mas dum so fora  
Noutro tempo, segundo a antiga fama,  
Saramâ Perimal foy derradeiro  
Rei, que este Reino teue vnido & inteiro:

Porem como a esta terra entam viessem,  
De la do seyo Arabico outras gentes,  
Que o culto Mahometico trouexsem,  
No qual me instituirão meus parentes,  
Succedeo que pregando conuertesssem  
O Perimal, de sabios & elloquentes,  
Fazem lhe a ley tomar com feruor tanto,  
Que profupos de nella morrer sancto.

Naos arma, & nellas mete curioso  
Mercadoria que offereça rica,  
Pera yr nellas a ser religioso,  
Onde o propheta jaz, que a ley publica:  
Antes que parta, o Reino poderoso  
Cos seus reparte, porque não lhe fica  
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,  
Ricos de pobres, liures de sojeitos.

A hum

A hum Cochim, & a outro Cananor,  
 A qual Chale, a qual a ilha da pimenta,  
 A qual Coulão, a qual dá Cranganor  
 E os mais, a quem o mais serue & contenta  
 Hum so moço, a quem tinha muito amor,  
 Despois que tudo deu, se lhe apresenta,  
 Pera este Calecu somente fica,  
 Cidade ja por tracto nobre & rica.

Esta lhe dá co titulo excellente  
 De Emperador, que sobre os outros mande,  
 Isto feito se parte diligente,  
 Pera onde em sancta vida acabe, & ande,  
 E daqui fica o nome de potente  
 Camori, mais que todos digno, & grande  
 Ao moço & descendentes, donde vem  
 Este, que agora o Imperio manda & tem.

A ley da gente toda rica & pobre,  
 De fabulas composta se imagina:  
 Andão nius, & somente hum pano cobre  
 As partes, que a cubrir natura insina:  
 Dous modos ha de gente, porque a nobre  
 Naires chamados sam, & a menos digna  
 Poleâs tem por nome, a quem obriga  
 A ley não meſturar a caſta antiga.  
Porque

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Porque os q̄ vsaram sempre hum mesmo officio,  
 De outro nam podẽ receber consorte,  
 Nẽm os filhos terem outro exercicio,  
 Senão o de seus passados ate morte,  
 Pera os Naires he certo grande vicio  
 Destes serem tocados de tal sorte,  
 Que quando algum se toca por ventura,  
 Com ceremonias mil se alimpa & apura.

Destta sorte o ludaico pouo antigo  
 Nam tocava na gente de Samaria,  
 Mais estranhezas inda das que digo  
 Nesta terra vereis de vsança varia,  
 Os Naires sos sam dados ao perigo  
 Das armas, sos defendem da contraria  
 Banda o seu Rei, trazendo sempre usada  
 Na ezquerda a adarga, e na direita a espada:

Bramenes sam õs seus religiosos,  
 Nome antigo, & de grande preminencia,  
 Obseruão os preceitos tam famosos  
 Dhum, que primeiro pos nome aa ciencia:  
 Nam matãõ cousa viua, & temerosos  
 Das carnes tem grandissima abstinencia,  
 Somente no venereo ajuntamento  
 Tem mais licença, & menos regimento.

Gerais



Gerais sam as molheres: mas somente  
 Pera os da geração de seus maridos:  
 Ditosa condiçam, ditosa gente,  
 Que nam sam de ciumes offendidos.  
 Estes & outros costumes variamente  
 Sam pelos Malabares admitidos,  
 A terra he grossa em trato, em tudo aquilo  
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

Assim contava o Mouro: mas vagando  
 Andava a fama ja pela cidade,  
 Da vinda desta gente e Stranha, quando  
 O Rei saber mandava da verdade,  
 Ia vinham pelas ruas caminhando,  
 Roleados de todo sexo, & idade,  
 Os principaes que o Rei buscar mandára,  
 O Capitão da armada que chegára.

Mas elle, que do Rei ja tem licença  
 Pera desembarcar, acompanhado  
 Dos nobres Portugueses sem detença  
 Parte de ricos panos adornado:  
 Das cores a fermosa diferença  
 A vista alegre ao pouo aluoroçado,  
 O rema compassado fere frio  
 Agora o mar, despois o fresco rio.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Na praia hum regedor do Reino estava,  
Que na sua lingua Catual se chama,  
Rodeado de Naires, que esperava  
Com desusada festa o nobre Gama:  
Ia na terra nos braços o leuava,  
E num portatil leito hũa rica cama  
Lhe offereçe em que va, costume usado,  
Que nos hombros dos homẽs he leuado.

Deſta arte o Malabar, deſtarte o Luſo,  
Caminhão la pera onde o Rei o espera:  
Os outros Portugueſes vão ao uſo  
Que infantaria ſegne eſquadra fera:  
O pouo que concorre vay confuſo  
De ver a gente eſtranha, & bem quiſera  
Perguntar: mas no tempo ja paſſado  
Na torre de Babel lhe foi vedado.

O Gama, & o Catual hião fallando  
Nas couſas que lhe o tempo offerecia,  
Monçaide entrelles vay interpretando  
As palauras que de ambos entendia:  
Aſſi pela cidade caminhando,  
Onde hũa rica fabrica ſe erguia  
De hum ſumptuoſo templo ja chegauão,  
Pelas portas do qual juntos entravão.

Ali

Ali estam das deidades as figuras  
 Esculpidas em pao, & em pedra fria,  
 Varios de gestos, varios de pinturas,  
 A segundo o Demonio lhe fingia:  
 Vem se as abõminaveis esculturas,  
 Qual a Chimêra em membros se varia,  
 Os Christãos olhos a ver Deos vsados  
 Em forma humana estam marauilhados.

Hum na cabeça cornos esculpidos,  
 Qual Iupiter Amon em Lybia esclaua,  
 Outro num corpo rostos tinha vnidos,  
 Bem como o antigo Iano se pintoua:  
 Outro com muitos braços diuididos  
 A Briareo parece que imitaua:  
 Outro fronte Canina tem de fora,  
 Qual Anubis Menfítico se adora.

Aqui feita do barbaro gentio  
 A supersticiosa adoração,  
 Direitos vão sem cõtro algum desuio,  
 Pera onde estaua o Rei do pouo vão:  
 Engrossando se vay da gente o fio,  
 Cos que vem ver o estranho Capitão,  
 Estão pelos telhados & janellas  
 Velhos & moços, donas & donzellas.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Ia chegão perto, & não passos lentos,  
 Dos jardins odoriferos fermosos,  
 Que em si escondem os regios apouentos,  
 Altos de torres não, mas sumptuosos,  
 Edificação se os nobres seus assentos,  
 Por entre os aruoredos deleitosos,  
 Assim viuem os Reis daquella gente,  
 No campo & na cidade juntamente.

Pelos portais da cerca a sutileza  
 Se enxerga da Dedalea facultade,  
 Em figuras mostrando por nobreza  
 Da India a mais remota antiguidade:  
 Affiguradas vão com tal viueza  
 As historias daquella antiga idade,  
 Que quem dellas tiuer noticia inteira,  
 Pela sombra conhece a verdadeira.

Estaua hum grande exercito que pisa  
 A terra Oriental, que o Idaspe laua,  
 Rege o hum capitam de fronte lisa,  
 Que com frondentes Tirsos pelejava,  
 Por elle edificada estaua Nisa  
 Nas ribeiras do rio, que manaua,  
 Tão proprio, que se ali estiuer Semelle,  
 Dirâ por certo, que he feu filho aquelle.

Mais

Mais auante bebendo seca o rio,  
 Mui grande multidão da Assiria gente,  
 Sujeta a feminino senhorio,  
 De hũa tam bella, como incontinente:  
 Ali tem junto ao lado nunca frio,  
 Esculpido o feroz ginete ardente,  
 Com quem teria o filho competencia,  
 Amor nefando, bruta incontinencia.

Daqui mais apartadas tremolauão  
 As bandeiras de Grecia gloriosas,  
 Terceira Monarchia, & sojugauão,  
 Ate as agoas Gangeticas vndosas:  
 Dum capitão mancebo se guiauão  
 De palmas rodeado valerosas,  
 Que ja não de Filipo, mas sem falta  
 De progenie de Iupiter se exalta.

Os Portugueses vendo estas memorias,  
 Dizia o Catual ao Capitão,  
 Tempo cedo virà que outras victorias,  
 Estas que agora olhais abaterão:  
 Aqui se escreuerão nouas historias,  
 Por gentes estrangeiras que virão  
 Que os nossos sabios magos o alcançarão,  
 Quando o tempo futuro especularão.

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

E dizlhe mais a magica sciencia,  
 Que pera se euitar força tamanha,  
 Não valerã dos homẽs resistencia,  
 Que contra o Ceo não val da gente manha:  
 Mas tambem diz que a bellica excellencia  
 Nas armas, & na paz, da gente estranha  
 Sera tal, que sera no mundo ouuido  
 O vencedor, por glória do vencido.

Assi fallando entraão ja na sala,  
 Onde aquelle potente Emperador  
 Nua camilha jaz, que nam se igoala  
 De outra algũa no preço & no lauor:  
 No recostado gesto se assinala  
 Hum venerando & prospero senhor,  
 Hum p.no de ouro cinge, & na cabeça  
 De preciosas gemas se adereça.

Bem junto delle hum velho reuerente,  
 Cos giolhos no chão, de quando em quando  
 Lhe daua a verde folha da erua ardente  
 Que a seu costume estaua ruminando:  
 Hum Bramene, pessoa preminente,  
 Pera o Gama vem com passo brando,  
 Pera que ao grande Principe o apresente,  
 Que diante lhe acena que se assente.

Sentado.

Sentado o Gama junto ao rico leito,  
 Os seus mais afastados, prompto em vista  
 Estava o Samori no trajo e geito  
 Da gente, nunca de antes delle vista:  
 Lançando a graue voz do sabio peito,  
 Que grande authoridade logo aquista  
 Na opinião do Rei, e do pouo todo  
 O Capitão lhe falla deste modo.

Hum grande Rei, de la das partes, onde  
 O ceo volubil com perpetua roda  
 Da terra a luz solar coa terra esconde,  
 Tingindo a que deixou de escura nodá,  
 Ouvindo do rumor que la responde  
 O eco, como em ti da India toda  
 O principado está, e a magestade,  
 Vinculo quer contigo de amizade.

E por longos rodeos a ti manda,  
 Por te fazer saber que tudo aquillo  
 Que sobre o mar, que sobre as terras anda  
 De riquezas, de lâ do Tejo ao Nilo:  
 E desda fria plaga de Gelandá,  
 Ate bem donde o Sol nam muda o estilo  
 Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,  
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.

OS LVSIADAS DE L. DE CAJ

E se queres com pactos, & alianças  
 De paz, & de amizade sacra, & nua,  
 Comercio consentir das abundanças  
 Das fazendas da terra sua, & tua,  
 Porque creção as rentas, & abastanças,  
 Por quem a gente mais trabalha & sua,  
 De vossos Reinos, sera certamente  
 De ti proueito, & delle glória ingente.

E sendo assi que o nô desta amizade,  
 Entre vos firmemente permaneça,  
 Estara prompto a toda aduersidade,  
 Que por guerra a teu Reino se offereça:  
 Com gente, armas, & naos de qualidade  
 Que por yr mão te tenha, & te conheça,  
 E da vontade em ti sobristo posta  
 Me des a my certissima repostã.

Tal embaxada daua o Capitão,  
 A quem o Rei gentio respondia;  
 Que em ver embaxadores de nação  
 Tam remota, gram glória recebia:  
 Mas neste caso a vltima tençam  
 Com os de seu conselho tomaria,  
 Informando se certo de quem era  
 O Rei, & a gente, & terra que differa:  
 E que



E que em tanto podia do trabalho  
 Passado yr repousar, & em tempo breue  
 Daria a seu despacho hum justo talho,  
 Com que a seu Rei reposta alegre leue:  
 Ia nisto punha a noite o vsado atalho  
 Aas humanas canseiras, porque ceue  
 De doce sono os membros trabalhados,  
 Os olhos ocupando ao ocio dados.

Agasalhados foram juntamente,  
 O Gama, & Portugueses no apouento  
 Do nobre Regedor da Indica gente,  
 Com festas & geral contentamento:  
 O Catual no cargo diligente  
 De seu Rei, tinha ja por regimento  
 Saber da gente estranha donde vinha  
 Que costumes, que lei, que terra tinha.

Tanto que os igneos carros do fermoso  
 M. ricebo Delio vio, que a l. z renoua,  
 Manda chamar Monçaide, deseioso  
 De poder se informar da gente noua:  
 Ia lhe pergunta prompto & curioso,  
 Se tem noticia inteira, & certa proua,  
 Dos estranhos quem sam. que ouuido tinha  
 Que he gente de sua patria muy vizinha.

OS LVSIADAS DEL. DE CA.

Que particularmente ali lhe desse  
 Informação muy larga, pois fazia  
 Nisso seruiço ao Rei, porque soubesse  
 O que neste negocio se faria:  
 Monçaide torna, posto que eu quisesse  
 Dizerte disto mais nam saberia,  
 Somente sey que he gente la de Hespanha  
 Onde o meu ninho, & o Sol no mar se banha.

Tem a ley dum Propheta, que gerado  
 Foi sem fazer na carne detrimento  
 Da mãy, tal que por baso está aprouado:  
 Do Deos, que tem do mundo o regimento:  
 O que entre meus antigos he vulgado  
 Delles, he que o valor sanguinolento  
 Das armas, no seu braço resplandeçe,  
 O que em nossos passados se parece.

Porque elles com virtude sobre humana,  
 Os deitarão dos campos abundosos.  
 Do rico Tejo, & fresca Goadiana,  
 Com feitos memorauéis, & famosos:  
 E não contentes inda, & na Affricana  
 Parte, cortando os mares procelosos.  
 Nos não querem deixar viuer seguros,  
 Tomando nos cidades, & altos muros.

Não

Nam menos tem mostrado esforço, & manha,  
 Em quaesquer outras guerras que acõteção,  
 Ou das gentes beligeras de Espanha,  
 Ou la dalgũs que do Pirene deçãõ.  
 Assim que nunca em fim com lança estranha  
 Se tem, que por vencidos se conbeçãõ,  
 Nem se sabe inda não, te afirmo & assello  
 Pera estes Anibais nenhum Marcello.

E esta informação nam for inteira  
 Tanto quanto conuem, delles pretende  
 Informarte, que he gente verdadeira,  
 A quem mais falsidade enoja & offende:  
 Vay verlhe a frota, as armas, & a maneira  
 Do fundido metal, que tudo rende,  
 E folgaras de veres a policia  
 Portuguesa na paz, & na milicia.

La com desejos o Idolatra ardia,  
 De ver isto, que o Mouro lhe contaua,  
 Manda esquipar bateis, que yr ver queria  
 Os lenhos em que o Gama nauegaua.  
 Ambos partem da praia, a quem seguia  
 A Naira geraçam, que o mar coalhaua,  
 Aa Capitaina sobem forte & bella,  
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

Purpureos:

Purpureos sam os toldos, & as bandeiras  
 Do rico fio sam, que o bicho gera,  
 Nellas estam pintadas as guerreiras  
 Obras, que o forte braço ja fizera:  
 Batalhas tem campais aventureu as,  
 Desafios crueis, pintura fera,  
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,  
 A tento nella os oll. os apacenta.

Pelo que ve pergunta: mas o Cama  
 Lhe pedia primeiro que se assente,  
 E que aquelle deleite que tanto ama  
 A ceita Epicurea, experimente:  
 Dos espumantes vasos se derrama  
 O licor, que Noe mostrâra aa gente:  
 Mas comer o Gentionam pretende,  
 Que a ceita que seguia lho defende.

Atrombeta que em paz no pensamento,  
 Imagem faz de guerra, rompe os ares,  
 Co fogo o diabol. o instrumento,  
 Se faz ouuir no fundo la dos mares:  
 Tudo o Gentiono nota: mas o intento  
 Mostraua sempre ternos singulares  
 Feitos dos homês, que em retrato brieue  
 A muda possia ali descreue.

Alçase

Alçase em pê, co elle os Gamis junto  
 Coelho de outra parte, & o Mauritano  
 Os olhos poem no bellico trasunto  
 De hum velho branco, aspeito venerando,  
 Cujos nome nam pode ser defuncto  
 Em quanto ouuer no mundo trato humano,  
 No trajo a Grega vsança está perfeita,  
 Hum ramo por insignia na direita.

Hum ramo na mão tinha: mas o cego  
 Eu que cometo insano, & temerario,  
 Sem vos Nymphas do Tejo, & do Mondego,  
 Por caminho tam arduo, longo, & vario:  
 Vosso fauor inuoco, que nauego  
 Por alto mar, com vento tam contrario,  
 Que se nam me ajudais, ei grande medo,  
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

Olhay que ha tanto tempo, que cant'indo  
 O vosso Tejo, & os vossos Lusitanos,  
 A fortuna me traz peregrinando,  
 N'ouos trabalhos vendo, & nouos danos:  
 Agora o mar, agora esprimentando  
 Os perigos Mauorcios inhumanos,  
 Qual Canace que â morte se condena,  
 N'ua mão sempre a espada, & noutra a pena:  
 Agora

Agora com pobreza auorrecida,  
 Por hospícios alheios degradado,  
 Agora da esperança ja adquirida,  
 De nouo mais que nunca derribado:  
 Agora aas costas escapando a vida,  
 Que dum fio pendia tam delgado,  
 Que não menos milagre foi saluar-se,  
 Que pera o Rei Iudaico acrecentar-se.

E ainda Nymphas minhas não bastaua,  
 Que tamanhas misérias me cercassem:  
 Senão que aquelles que eu cantando andaua,  
 Tal premio de meus versos me tornassem  
 A troco dos descansos que esperaua,  
 Das capellas de louro que me honrassem,  
 Trabalhos nunca vsados me inuentarão,  
 Com que em tam duro estado me deitirão.

Vede Nymphas que engenhos de senhores  
 O vosso Tejo cria valerosos,  
 Que assi sabem prezas com tais fauores  
 A quem os faz cantando gloriosos:  
 Que exemplos a futuros escriptores,  
 Pera espertar engenhos curiosos,  
 Pera porem as cousas em memoria,  
 Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

Pois logo em tantos males he forçado,  
 Que so vosso fauor me não falleça,  
 Principalmente aqui, que sou chegado  
 Onde feitos diuersos engrandeça:  
 Daimo vos sos, que eu tenho ja jurado  
 Que não no empregue em quem o não mereça  
 Nem por lisonja louue algum subido,  
 Sob pena de não ser agradecido.

Nem creais Nymphas nam que fama desse  
 A quem ao bem comum, & do seu Rei  
 Anteposer seu proprio interesse:  
 Imigo da diuina & humana ley,  
 Nenhum ambicioso, que quisesse  
 Subir a grandes cargos, cantarey,  
 So por poder com torpes exercicios  
 Usar mais largamente de seus vicios.

Nenhum que use de seu poder bastante  
 Pera seruir a seu desejo feio,  
 E que por comprazer ao vulgo errante  
 Se muda em mais figuras que Proteio,  
 Nem Camenas tambem cuideis que cante  
 Quem com habito honesto & graue veio,  
 Por contentar o Rei no officio nouo,  
 A despir & roubar o pobre pouo.

Nem

O S LUCIADAS DE L. DE CAI

Nem quem acha que he justo & que he direito  
Guardase a ley do Rei seueramente,  
E não acha que he justo & bom respeito,  
Que se pague o suor da seruil gente.  
Nem quem sempre com pouco experto peito  
Razões aprende, & cuida que he prudente,  
Pera taxar com mão rapace & escassa,  
Os trabalhos alheios, que nam passa.

Aquelles sos direy que auenturârão  
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida  
Onde perdendoa, em fama a dilatârão,  
Tambem de suas obras merecida.  
Apolo, & as Musas que me acompanbarão;  
Me dobraram a furia concedida  
Em quanto eu tomo alento descansado,  
Per tornar ao trabalho mais folgado.

F I M.



## Canto Octauo.



A primeira figura

se detinha

O Catual, que vira estar pintada.

Que por diuifa hum ramo na mão tinha,  
 A barba branca, longa, & penteada:  
 Quem era, & porque causa lhe conuinha  
 A diuifa que tem na mão tomada,  
 Paulo responde, cuja voz discreta  
 O Maurilano sabio lhe interpreta.

Estas figuras tod'is que aparecem,  
 Brauos em vista, & feros nos aspeitos,  
 Mais brauos, & mais feros se conhecem  
 Pela fama, nas obras, & nos feitos  
 Antigos sam, mas inda resplandecem  
 Co nome, entre os engenhos mais perfeitos,  
 Este que ves he Luso, donde a fama  
 O nosso Reino Lusitania chama.

Foi

Foy filho & companheiro do Thebano,  
 Que tam diuersas partes conquistou  
 Parece vindo ter ao ninho Hispano,  
 Seguindo as armas que continuo vson,  
 Do Douro, Guadiana o campo vspano,  
 La dito Elifio, tanto o contentou  
 Que ali quis dar, aos ja cansados ossos  
 Eterna sepultura, & nome aos nossos.

O ramo que lhe ves pera diuisa,  
 O verde Tyrso foi de Baco usado,  
 O qual aa nossa idade amostra & auisa  
 Que foi seu companheiro & filho amado:  
 Ves outro, que do Tejo a terra pisa,  
 Despois de ter tam longo mar arado,  
 Onde muros perpetuos edefica,  
 E templo a Palas, que em memoria fica

Ulisses he o que faz a sancta casa  
 Aa Deusa, que lhe da lingua facunda,  
 Que se lana Asia Troia insigne abraça,  
 Ca na Europa Lisboa ingente funda:  
 Quem sera estoutro ca que o campo arrasa  
 De mortos, com presenca furibunda?  
 Grandes batalhas tem desbaratada,  
 Que as Agueas nas bandeiras tem pintadas.

Assim o Gentio diz, responde o Gama,  
 Este que ves pastor ja foi de gado,  
 Viriato sabemos que se chama,  
 Destro na lança mais que no cajado:  
 Injuriada tem de Roma a fama,  
 Vencedor inuencibil afamado,  
 Nam tem coelle não, nem ter puderão  
 O primor que com Pirro ja tiuerão.

Com força não: com manha vergonhosa,  
 A vida lhe tirarão que os espanta,  
 Que o grande aperto em gente, inda q̃ honrosa  
 Aas vezes leis magnanimas quebranta:  
 Outro está aqui que contra a patria yrosa  
 Degradado com nosco se aleuanta,  
 Escolheo bem com quem se aleuantasse  
 Pera que eternamente se illustrasse.

Vês com nosco tambem vence as bandeiras  
 Dessas aues de Iupiter validas,  
 Que ja naquelle tempo as mais guerreiras  
 Gentes de nos souberam ser vencidas:  
 Olha tam sotis artes & maneiras,  
 Pera adquerir os pouos tam fingidas  
 A fatidica Cerua que o auisa,  
 Elle he Sertorio, & ella a sua diuisa.

R Olha

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Oiba estoutra bandeira & ve pintado,  
 O gram progenitor dos Reis primeiros,  
 Nos Vngaro o fazemos, porem nado  
 Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:  
 Depois de ter cos Mouros superado  
 Galezos, & Leonefes caualleiros,  
 Aa casa Sancta passa o sancto Enrique,  
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

Quem he me dize estoutro que me espanta,  
 Pergunta o Malabar maravilhado,  
 Que tantos esquadrões, que gente tanta,  
 Com tam pouca, tem roto & destrocado:  
 Tantos muros asperrimos quebranta,  
 Tantas batalhas d'innunca cansado,  
 Tantas coroas tem por tanteas partes,  
 A seus pès derribadas, & estandar tes?

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,  
 Que todo Portugal aos Mouros toma,  
 Por quem no Estigio lago jura a fama,  
 De mais não celebrar nenhum de Roma:  
 Este he aquelle zeloso a quem Deos ama,  
 Com cujo braço o Mouro inimigo doma,  
 Pera quem de seu Reino abaxa os muros,  
 Nada deixando ja pera os futuros.

Se

Por quem no Estigio jura a fama

Se Cesar, se Alexandre Rei tiuerão,  
 Tam pequeno poder, tam pouca gente,  
 Contra tantos inimigos quantos erão,  
 Os que desbarataua este excellente,  
 Nam creas que seus nomes se estenderão  
 Com glorias imortais tam largamente:  
 Mas deixa os feitos seus inexplicauéis,  
 Ve que os de seus vassallos sam notauéis.

Este que ves olhar com gesto yrado,  
 Pera o rompido Alumno mal sofrido,  
 Dizendo lbe que o exercito espalhado,  
 Recolha, & torne ao campo defendido:  
 Torna o moço do velho acompanhado,  
 Que vencedor o torna de vencido,  
 E gas moniz se chama o forte velho  
 Pera leais vassallos claro espelho.

Vello ca vai cos filhos a entregarse,  
 A corda ao colo, nu de seda & pano,  
 Porque nam quis o moço sojeitarse,  
 Como elle prometera ao Castelhanao:  
 Fez com siso & promessas leuantarse  
 O cerco que ja estaua soberano,  
 Os filhos & molher obriga aa pena,  
 Pera que o senhor salue, a si condena.

R 2 Nam

OS LUSIADAS DEL. DE CA:

Nam fez o Consul tanto que cercado  
Foi nas forcas Caudinas de ignorante  
Quando a passar por baxo foi forçado  
Do Sammitico jugo triumphante:  
Este pelo seu pouo injuriado,  
Assi se entrega so firme & constante,  
Estoutro assi, & os filhos naturais,  
E a consorte sem culpa, que doe mais.

Ves este que saindo da cilada,  
Dâ sobre o Rei que cerca a villa forte,  
Ia o Rei tem preso, & a villa descercada  
Illustre feito digno de Mauorte,  
Velo ca vay pintado nesta armada  
No mar tambem aos Mouros dando a morte,  
Tomando lhe as galês, leuando a gloria,  
Da primeira maritima victoria.

E dom Fuas Roupinho que na terra,  
E no mar resplandece juntamente,  
Co fogo que acendeo junto da serra  
De Abila, nas gales da Maura gente  
Olha como então justa & sancta guerra  
De acabar pelejando está contente:  
Das mãos dos Mouros entra a felice alma  
Triunfando nos ceos com justa Palma.

Não

Nam ves hum ajuntamento de estrangeiro  
 Trajo, sair da grande armada noua,  
 Que ajuda a combater o Rei primeiro  
 Lisboa, de si dando sancta proua:  
 Olha Enrique famoso caualleiro,  
 A Palma que lhe nasce junto aa coua,  
 Por elles mostra Deos milagre visto,  
 Germanos sam os Martyrns de Christo.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada,  
 Contra Arronches que toma, por vingança  
 De Leiria, que de antes foi tomada,  
 Por quem por Maphame de enresta a lança:  
 He Teotonio Prior: mas vê cercada  
 Sanctarem, & veras a segurança  
 Da figura nos muros, que primeira  
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira:

Vello ca donde Sancho desbarata  
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra,  
 Os inimigos rompendo, o Alferez mata,  
 E Hispalico pendão derriba em terra,  
 Mem Moniz he, que em si o valor retrata,  
 Que o sepulchro do pay cos ossos cerra,  
 Digno destas bandeiras, pois sem falta  
 A contraria derriba, & a sua exalta.

Olha aquelle que deçe pela lança,  
 Com as duas cabeças dos vigias,  
 Onde a çilada esconde, com que alcança  
 A cidade por manbas & ousadias:  
 Ella por armas toma a semelhança  
 Do caualleiro, que as cabeças frias  
 Na mão teuaua, feito nunca feito,  
 Giraldo sem pavor he o forte peito.

Nam vês hum Castelhana, que agrauado,  
 De Affonso nono Rei, pelo odio antigo,  
 Dos de Lara cos Mouros he deitado,  
 De Portugal fazendose inimigo?  
 Abrantes villa toma acompanhado  
 Dos duros infieis que traz consigo:  
 Mas vê que hum Portugues com pouca gente  
 O desbarata & o prende ousadamente.

Martim Lopez se chama o caualleiro,  
 Que destes leuar pode a palma, & o louro:  
 Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,  
 Que em lança de aço torna o Bago de ouro:  
 Vello entre os duuidosos tam inteiro,  
 Em não negar batalha ao brauo Mouro,  
 Olha o sinal no ceo que lhe aparece,  
 Com que nos poucos seus o esforço crece.  
 Vês



Vês Vão os Reis de Cordoua & Seuilha,  
 Rotos, cos outros dous, & não de espaço,  
 Rotos<sup>2</sup> mas antes mortos, marauilha  
 Feita de Deos, que não de humano braço:  
 Vês ja a villa de Alcaçare se humilha,  
 Sem lhe valer defesa, ou muro de aço,  
 A dom Matheus o Bispo de Lisboa,  
 Que a coroa de palma ali coroa.

Olha hum Mestre que deçe de Castella,  
 Portugues de nação, como conquista  
 A terra dos Algarues, & ja nella  
 Nam acha que por armas lhe resista,  
 Com manha, esforço, & com benigna estrella  
 Villas, castellos toma a escalla vista:  
 Ves Tauila tomada aos moradores,  
 Em vingança dos sete caçadores.

Vês com belica astucia ao Mouro ganha  
 Silues, que elle ganhou com força ingente,  
 He dom Paio Correa, cuja manha  
 E grande esforço faz enueja aa gente:  
 Mas não passes os tres q̃ e Frãça & Espanha  
 Se fazem conhecer perpetuamente,  
 Em desafios, justas & torneos,  
 Nellas deixando publicos trofeos.

OS LUSIADAS DEL. DE CAI

Vellos co nome vem de aventureiros,  
 A Castella, onde o preço sos leuârão  
 Dos jogos de Belona verdadeiros,  
 Que com dano de algũs se exercitârão,  
 Vê mortos os soberbos caualleiros,  
 Que o principal dos tres desafiârão,  
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,  
 Que pode não temer a ley Letea.

Atenta num que a fama tanto estende,  
 Que de nenhum passado se contenta,  
 Que a patria que de hum fraco fio pende  
 Sobre seus duros hombros a sustenta,  
 Não no ves tinto de yra, que reprende  
 A vil desconfiança inerte & lenta  
 Do pouo, & faz que tome o doce freyo,  
 De Rei seu natural, & nam de alheyo.

Olha por seu conselho & ousadia,  
 De Deos guiada so, & de sancta Estrella  
 So pode o que impossibil parecia,  
 Vencer o pouo ingente de Castella:  
 Ves por in la trix, esforço, & valentia  
 Outro estrago & victoria clara & bella  
 Na gente, a si feroz como infinita,  
 Que entre o Tartejo, & Goadiana habita.

Mas

Mas não vês quasi já desbaratado,  
 O poder Lusitano, pela ausencia  
 Do Capitão deuoto, que apartado  
 Orando inuoca a summa & trina essencia:  
 Vello com pressa já dos seus achado,  
 Que lhe dizem que falta resistencia  
 Contra poder tamanho, & que viesse,  
 Porque consigo esforço aos fracos desse.

Mas olha com que sancta confiança,  
 Que inda não era tempo respondia,  
 Como quem tinha em Deos a segurança  
 Da victoria, que logo lhe daria:  
 Assim Pompilio, ouuindo que a possança  
 Dos inimigos a terra lhe corria,  
 A quem lhe a dura noua estava dando,  
 Pois eu, responde, estou sacrificando.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreue;  
 Ouuir quizeres como se nomea,  
 Portugues Cipião chamar se deue:  
 Mas mais de dom Nuno Aluarez se arrea,  
 Ditosa patria que tal filho teue:  
 Mas antes pui, que em quanto o Sol rodea  
 Este globo de Ceres & Neptuno,  
 Sempre suspirará por tal aluno.

Na

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Na mesma guerra vê que presas ganha,  
Estoutro Capitão de pouca gente,  
Comendadores vence, & o gado apanha,  
Que leuão roubado onfadamente:  
Outra vez vê que a lança em sangue banha  
Destes, so por liurar com amor ardente  
O preso amigo, preso por leal,  
Pero Rodriguez he do Landroal.

Olha este desleal o como paga  
O perjurio que fez & vilengano,  
Gil Fernandez he de Eluas quem o estraga,  
E faz vir a passar o vltimo dano:  
De Xerez rouba o campo, & quasi alaga  
Co sangue de seus donos Castelhanao:  
Mas olha Rui Pireira que co rosto  
Faz escudo aas gales, diante posto.

Olha que dezesete Lusitanos,  
Neste outeiro subidos se defendem,  
Fortes de quatrocentos Castelhanos,  
Que em derredor pelos tomar se estendem,  
Porem logo sentiram com seus danos,  
Que nam so se defendem, mas offendem,  
Digno feito de ser no mundo eterno,  
Grande no tempo antigo & no moderno.  
Sabe se

Sabese antigamente que trezentos  
 Ia contra mil Romanos pelejarão,  
 No tempo que os viris atreuimentos  
 De Viriato tanto se illustrarão,  
 E delles alcançando vencimentos  
 Memoraveis, de erança nos deixarão,  
 Que os muitos por ser poucos nam temamos  
 O que despois mil vezes amostramos.

Olha ca dous Infantes Pedro & Henrique,  
 Progenie generosa de loane,  
 Aquelle faz que fama illustre fique  
 Delle em Germania, com que a morte engane:  
 Este, que ella nos mares o pubrique,  
 Por seu descobridor, & desengane  
 De Ceita a Maura tumida vaidade,  
 Primeiro entrando as portas da cidade.

Vês o Conde dom Pedro que sustenta  
 Dous cercos contra toda a Barbaria,  
 Vês outro Conde está que representa  
 Em terra Marte, em forças & ousadia,  
 De poder defender se nam contenta  
 Alçacere da ingente companhia:  
 Mas do seu Rei defende a cara vida,  
 Pondo por muro a sua, ali perdida.

Outros.

Outros muitos verias que os pintores

Aqui tambem por certo pintarião:  
 Mas faltalhe pincel, faltão lhe cores,  
 Honra, premio, fauor que as artes crião,  
 Culpa dos viciosos successores,  
 Que degenerão certo, & se desuião  
 Do lustre, & do valor dos seus passados,  
 Em gostos & vaidades atolados.

Aquelles pais illustres que ja derão  
 Principio aa geraçam que delles pende,  
 Pela virtude muyto antão fizerão,  
 E por deixar a casa que descende,  
 Cegos, que dos trabalhos que tiuerão,  
 Se alta fama & rumor delles se estende,  
 Escuros deixão sempre seus menores,  
 Com lhe deixar descansos corruptores.

Outros tambem ha grandes & abastados,  
 Sem nenhum tronco illustre donde venhão,  
 Culpa de Reis, que aas vezes a priuados  
 Dão mais que a mil, q̄ e forço & saber tenhã  
 Estes os seus nam querem ver pintados,  
 Crendo que cores vãs lhe não conuenhão,  
 E como a seu contraino natural,  
 Aa pintura que falla querem mal.

Não

Não nego que â com tudo descendentes  
 Do generoso tronco, & casa rica  
 Que com costumes altos & excellentes  
 Sustentão a nobreza que lhe fica:  
 E se ha luz dos antigos seus parentes  
 Nelles mais o valor não clarifica,  
 Nam falta ao menos, nem se faz escura:  
 Mas destes acha poucos a pintura.

Assi estâ declarando os grandes feitos,  
 O Gama que ali mostra a varia tinta,  
 Que a douta mão tam claros, tam perfeitos:  
 Do singular artifice ali pinta:  
 Os olhos tinha promptos & dereitos,  
 O Catual na historia bem distinta,  
 Mil vezes perguntava, & mil ouuia,  
 As gostosas batalhas que ali via.

Mas ja a luz se mostrava duvidosa,  
 Porque a alampada grande se escondia  
 Debaxo do Orizonte & luminosa  
 Leuava aos Antipodas o dia,  
 Quando o Gentio, & a gente generosa,  
 Dos Naires, da nao forte se partia.  
 A buscar o repouso que descansa,  
 Os lassos animais, na noite mansa.

Entre:

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Entre tanto os Aruspices famosos  
Na falsa opinião, que em sacrificios  
Anteuem sempre os casos duuidosos,  
Por sinais diabolicos, & indicios  
Mandados do Rei proprio, estudiosos  
Exercitauão a arte & seus officios,  
Sobre esta vinda desta gente estranha,  
Que aas suas terras vem da ignota Espanha.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,  
De como a noua gente lhe seria  
Iugo perpetuo, eterno catiueiro,  
Destruicam de gente, & de valia:  
Vaise espantado o atonito agoureiro  
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)  
Os sinais temerosos que alcançara  
Nas entranhas das victimas que oulbara:

A isto mais se ajunta que hum devoto  
Sacerdote da ley de Maphamede,  
Dos odios concebidos nam remoto,  
Contra a diuina Fe, que tudo excede,  
Em forma do Propheta falso & noto,  
Que do filho da escrava Agar procede,  
Baco odioso em senhos lhe aparece,  
Que de seus odios inda se nam dece.

E diz



E diz lhe assi, guardaiuos gente minha,  
 Do mal que se aparelha pelo imigo  
 Que pelas agoas humidas caminha,  
 Antes que esteis mais perto do perigo:  
 Isto dizendo acorda o Mouro asinha,  
 Espantado do sonho: mas consigo  
 Cuida que não he mais que sonho usado  
 Torna a dormir quieto & sosegado.

Torna Bacho dizendo, nam conheces  
 O gram legislador que a teus passados  
 Tem mostrado o preceito a que obedeces  
 Sem o qual foreis muitos baptizado?  
 Eu parti rudo vello, & tu adormeces?  
 Pois saberas que aquelles que chegados  
 De nouo sam, seram muy grande dano.  
 Da lei que eu dei ao nescio pouo humano:

Em quanto he fraca a forza desta gente,  
 Ordena como em tudo se resista,  
 Porque quando o Sol sae facilmente  
 Se pode nelle por a aguda vista:  
 Porem despois que sobe claro & ardente,  
 Se agudeza dos olhos o conquista,  
 Tam cega fica, quanto ficareis  
 Se raizes criar lhe nam tolheis.

OS LVSIADAS DE L. DECCA.

Isto dito, elle & o sono se despede,  
Tremendo fica o atonito Agareno  
Salta da cama, lume aos seruos pede,  
Laurando nelle o feruido veneno:  
Tanto que a noua luz que ao Sol precede  
Mostrara rosto Angelico & sereno,  
Conuoca os principais da torpe ceita,  
Aos quais do que sonhou dá conta estreita.

Diuerfos pareceres & contrarios  
Ali se dão segundo o que entendião,  
Astutas traições, enganos varios,  
Perfidias inuentauam & tecião:  
Mas deixando conselhos temerarios,  
Destruçam da gente pretendião,  
Por manhas mais sotis & ardis milhores,  
Com peitas adquerindo os regedores,

Com peitas, ouro, & dadiuas secretas  
Concilião da terra os principais,  
E com razões notauéis & discretas  
Mostram ser perdiçam dos naturais,  
Dizendo que sam gentes inquietas,  
Que os mares discorrendo Occidentais,  
Viuem so de piraticas rapinas,  
Sem Rei, sem leis humanas ou diuinas.

O quanto

*este*  
 O quanto deue o Rei que bem gouerna,  
 De olhar que os conselheiros, ou priuados,  
 De consciencia, & de virtude interna,  
 E de sincero amor sejam dotados:  
 Porque como estê posto na superna  
 Cadeira, pode mal dos apartados  
 Negocios, ter noticia mais inteira,  
 Do que lhe der a lingua conselheira.

Nem tam pouco direy que tome tanto  
 Em grosso, a consciencia limpa & certa  
 Que se enleue num pobre & humilde manto,  
 Onde ambição a caso ande encuberta,  
 E quando hũ bom em tudo he justo & sancto  
 E em negocios do mundo pouco acerta,  
 Que mal coelles poderã ter conta,  
 A quieta innocencia, em so Deos pronta.

Mas aquelles auaros Catuais,  
 Que o Gentilico pouo governauão,  
 Induzidos das gentes infernais,  
 O Portugues despacho dilatauão:  
 Mas o Gama, que não pretende mais,  
 De tudo quanto os Mouros ordenauão,  
 Que levar a seu Rei hum final certo  
 Do mundo, que deixa descuberto.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Nisto trabalha so, quem bem sabia  
Que despois que leuasse esta certeza,  
Armas, & naos, & gentes mandaria *gentes*  
Manoel, que exercita a summa alteza,  
Com que a seu jugo & ley someteria  
Das terras, & do mar a redondeza,  
Que elle não era mais que hum diligente  
Descobridor das terras do Oriente.

Fallar ao Rei Gentio determina,  
Porque com seu despacho se tornasse,  
Que ja sentia em tudo da malina  
Gente impedir se quanto desejasse:  
O Rei que da noticia falsa, & inclina  
Nam era despantar se sespantasse,  
Que tam credulo era em seus agouros,  
E mais sen lo affirmados pelos Mouros.

Este temor lhe esfria o baixo peito:  
Por outra parte a força da cobiça,  
A quem por natureza está sугeito,  
Hum desejo immortal lhe acende, & atica:  
Que bem vê que grandissimo proveito  
Fará, se com verdade, & com justiça  
O contrato fizer por longos annos,  
Que lhe comete o Rei dos Lusitanos.

Sobre

Sobre isto nos conselhos que tomava,  
 Achava muy contrarios pareceres,  
 Que naquelles, com quem se aconselhava,  
 Executa o dinheiro seus poderes:  
 O grande Capitão chamar mandava,  
 A quem chegado disse, se quiseses  
 Confessar-me a verdade limpa, & nua,  
 Perdão alcançaras da culpa tua.

Eu sou bem informado, que a embaxada  
 Que de teu Rei me deste, que he fingida:  
 Porque nem tu tês Rei, nem patria amada;  
 Mas vagabundo vas passando a vida:  
 Que quem da Hisperia vltima alongada  
 Rei, ou senhor de insania desmedida,  
 Ha de vir cometer com naos, & frotas  
 Tam incertas viagês, & remotas?

E se de grandes Reinos poderosos,  
 O teu Rei tem a regia magestade,  
 Que presentes me trazes valerosos,  
 Sinais de tua incognita verdade:  
 Com peças & dões altos sumptuosos  
 Se lia dos Reis altos a amizade:  
 Que final nem penhor não he bastante,  
 As palauras dum vago navegante.

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Se por ventura vindes desterrados,  
 Como ja foram homẽs dalta sorte,  
 Em meu Reino sereis agasalhados,  
 Que toda a terra he patria pera o forte:  
 Ou se piratas sois ao mar vsados,  
 Dizemo sem temor de infamia, ou morte:  
 Que por se sustentar em toda idade,  
 Tudo faz a vital necessidade.

Isto assi dito, o Gama que ja tinha  
 Suspeitas das insidias que ordenaua  
 O Mahometico odio, donde vinha  
 Aquillo que tam mal o Rei cuidaua:  
 Cũa alta confiança, que conuinha,  
 Com que seguro credito alcançaua,  
 Que Venus Acidalia lhe influia,  
 Tais palauras do sabio peito abria.

Se os antigos delitos, que a malicia  
 Humana cometeo na prisca idade,  
 Nam causaram, que o vaso da niquicia, *De iniquicia*  
 Aconte tão cruel da Christandade,  
 Viera por perpetua inimicicia  
 Na geraçam de Adão, co a falsidade  
 O poderoso Rei da torpe seita,  
 Nam conceberas tu tam mã sospeita.

Mas

Mas por que nenhum grande bem se alcança  
Sem grandes opressões, & em todo o feyto  
Segue o temor os passos da esperança,  
Que em suor viue sempre de seu peyto,  
Me mostras tu tão pouca confiança  
Desta minha verdade: sem respeito  
Das razões em contrario que acharias  
Senão cresses a quem não crer deuias.

Por que se eu de rapinas so viuesse  
Vndiuago, ou da patria desterrado,  
Como cres que tão longe me viesse,  
Buscar assento incognito & apartado?  
Por que esperanças, ou por que interesse,  
Viria esprimentando o mar yrado,  
Os Antarticos frios, & os ardores  
Que sofrem do Carneyro os moradores?

Se com grandes presentes dalta estima  
O credito me pedes do que digo,  
Eu não vim mais q̃ a achar o estranho Clima  
Onde a natura pos teu Reyno antigo:  
Mas se a Fortuna tanto me sublima,  
Que eu torne à minha patria, & Reino amigo  
Então verês o dom soberbo & rico  
Com que minha tornada certifico.

OS LVSIADAS DE L. DE CAJ

Se te parece inopinado feito,  
Que Rei da vltima Hisperia ati me mande,  
O coraçam sublime, o regio peito,  
Nenhum caso possibil tem por grande.  
Bem parece que o nobre & gram conceito  
Do Lusitano espirito demande  
Maior credito, & fe de mais alteza,  
Que crea delle tanta fortaleza.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos  
Reis nossos firmemente propuserão  
De vencer os trabalhos, & perigos,  
Que sempre às grandes cousas se opuserão  
E descobrindo os mares inimigos  
Do quieto descanso, pretenderão  
De saber que fim tinhão, & onde estauão  
As derradeiras praias que lanauão.

Conceito digno foi do ramo claro  
Do venturoso Rei, que arrou primeiro  
O mar, por yr deitar do ninho caro  
O morador de Abila derradeiro:  
Este por sua industria, & engenho raro,  
Num madeiro ajuntando outro madeiro,  
Descobrir pode a parte, que faz clara  
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.  
Crecendo



Crescendo cos successos bons primeyros  
 No peyto as ousadias, descobrirão  
 Pouco & pouco caminhos estrangeyros,  
 Que hũs succedendo aos outros proseguirão:  
 De Affrica os moradores derradeyros  
 Austrais, que nunca as sete flammaz virão,  
 Forão vistos de nos, atras deyxando  
 Quantos estão os Tropiccos queymando.

Assi com firme peyto, & com tamanbo  
 Proposito vencemos à Fortuna,  
 Ate que nos no teu terreno estranho  
 Viemos pôr a vltima coluna:  
 Rompendo a força do liquido Estanbo  
 Da tempestade horrifica, & importuna  
 Ati chegamos, de quem so queremos  
 final, que ao nosso Rey de ti leuemos.

Esta he a verdade Rey, que não faria  
 Por tão incerto bem, tão fraco premio  
 Qual, não sendo isto assi, esperar podia,  
 Tão longo tão fingido, & vão proemio:  
 Mas antes descansar me deyxaria  
 No nunca descansado & fero gremio  
 Da madre Thetis, qual pirata inico  
 Dos trabalhos alheys feyto rico.

OS LUSIADAS DEL. DE CAI

Assim que o Rey, se minha grão verdade  
 Tês por qual he, sincera, & não dobrada,  
 Ajuntame ao despacho breuidade,  
 Não me impidas o gosto da tornada:  
 E se inda te parece falsidade,  
 Cuyda bem na razão que esta prouada,  
 Que com claro juyzo pode verse,  
 Que facil he a verdade dentenderse.

A tento estaua o Rey na segurança,  
 Com que prouaua o Gama o que dezia,  
 Concebe d'elle certa confiança,  
 Credito firme, em quanto proferia,  
 Pondera, das palauras ha abastança,  
 Iulga na autoridade grão valia,  
 Começa de julgar por enganados  
 Os Catuais currutos, mal julgados.

Iuntamente a cobiça do proueyto,  
 Que espera do contrato Lusitano,  
 O faz obedecer, & ter respeyto,  
 Co Capitão, & não co Mauro engano:  
 Enfim ao Gama manda, que direyto  
 Aas naos se vâ, & seguro dalgum dano  
 Possa a terra mandar qualquer fazenda,  
 Que pela especiaria troque, & venda.

Que

Que mande da fazenda enſim lhe manda,  
 Que nos Reynos Gangeticos faleça,  
 Salgũa traz idonea la da banda  
 Donde a terra ſe acaba, & o mar começa.  
 Iã da Real preſença veneranda  
 Se parte o Capitão, pera onde peça  
 Ao Catual, que delle tinha cargo  
 Embarcação, que a ſua eſta de largo.

Embarcação que o leue aas naos lhe pede:  
 Mas o mao Regedor, que novos laços  
 Lhe machinava, nada lhe concede,  
 Interpondo tardanças & embaraços:  
 Coelle parte ao caes, porque o arrede  
 Longe quanto poder dos regios paços,  
 Onde, ſem que ſeu Rei tenha noticia,  
 Faça o que lhe inſinar ſua malicia.

La bem longe lhe diz, que lhe daria  
 Embarcaçam baſtante, em que partiſſe,  
 Ou que pera a luz craſtina do dia  
 Futuro, ſua partida diffiriſſe:  
 Ia com tantas tardanças entendia  
 O Gama, que o Gentio conſentiſſe  
 Na ma tençam dos Mouros, torpe & fera,  
 O que delle ate li nam entendêra.

Era

Era este Catual, hum dos que estauão  
 Corruptos pela Maumetana gente,  
 O principal por quem se governauão  
 As cidades do Samorim potente:  
 Delle somente os Mouros esperauão  
 Efeyto a seus enganos torpemente,  
 Elle, que no concerto vil conspira  
 De suas esperanças nam delira.

O Gama com instancia lhe require  
 Que o mande por nas naos, & não lhe val,  
 E que assi lho mandara, lhe refere,  
 O nobre successor de Perimal:  
 Porque razão lhe empede & lhe difere  
 A fazenda trazer de Portugal,  
 Pois aquillo que os Reis ja tem mandado  
 Nam pode ser por outrem derogado?

Pouco obedece o Catual corrupto  
 A tais palauras, antes reuoluendo  
 Na fantasia algum sutil, & astuto  
 Engano. diabolico, & estupendo,  
 Ou como banhar possa o ferro bruto  
 No sangue auorrecido, estaua vendo,  
 Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,  
 Porque nenhũa aa patria mais tornasse.  
 Que

Que nenhum torne aa patria so pretende  
O conselho infernal dos Maumetanos,  
Porque nam saiba nunca onde se estende  
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:  
Não parte o Gama em fim, que lho defende  
O Regedor dos barbaros profanos,  
Nem sem licença sua yrse podia,  
Que as almãdias todas lhe tolhia.

Aos brados & razões do Capitão,  
Responde o Idolatra, que mandasse  
Chegar aa terra as naos, que longe estão,  
Porque milhor dali fosse, & tornasse:  
Sinal he de inimigo, & de ladrão,  
Que la tam longe a frota se alargasse,  
Lhe diz, porque do certo & fido amigo  
He nam temer do seu nenhum perigo.

Nestas palauras o discreto Gama  
Enxerga bem, que as naos deseja perto  
O Catual, porque com ferro, & flama  
Lhas assalte, por odio descuberto:  
Em varios pensamentos se derrama:  
Fantasiando estã remedio certo,  
Que desse a quanto mal se lhe ordenava,  
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

Qual

Qual o reflexo lume do polido  
 Espelho de aço, ou de cristal fermoso,  
 Que do rayo solar sendo ferido,  
 Vai ferir noutra parte luminoso,  
 E sendo da ouciosa mão mouido  
 Pela casa do moço curioso,  
 Anda pelas paredes, & telhado,  
 Tremulo, aqui & ali, & deffo segado.

Tal o vago juyzo fluctuaua  
 Do Gama preso, quando lhe lembrara  
 Coelho, se por caso o esperaua  
 Na praia cos bateis, como ordenara:  
 Logo secretamente lhe mandaua,  
 Que se tornasse aa frota, que deixâra,  
 Nam fosse salteado dos enganos,  
 Que esperaua, dos feros Maumetanos.

Tal ha de ser, quem quer co dom de Marte]  
 Imitar os illustres, & igoalalos.  
 Voar co pensamento a toda parte,  
 Adiunhar pirigos, & euitallos:  
 Com militar engenho, & sutil arte  
 Entender os imigos, & enganalos,  
 Crer tudo em fim, que nunca louuarey  
 O Capitão que diga, não cuidey.

Insiste

Infisle o Malabar em telo preso,  
 Senão manda chegar a terra a armada,  
 Elle constante, & de yra nobre aceso,  
 Os ameaços seus nam teme nada:  
 Que antes quer sobre si tomar o peso,  
 De quanto mal a vil malicia ousada  
 Lhe andar armando, que por em ventura  
 Afrota de seu Rei, que tem segura.

Aquella noite estene ali detido,  
 E parte do outro dia, quando ordena  
 De se tornar ao Rei. mas impedido  
 Foi da guarda que tinha não pequena:  
 Comete lhe o Gentio outro partido,  
 Temendo de seu Rei castigo, ou pena,  
 Se sabe esta malicia, a qual a sinba  
 Saberá, se mais tempo ali o detinha.

Diz lhe que mande vir toda a fazenda  
 Vendibil, que trazia, pera a terra,  
 Pera que de vagar se troque, & venda,  
 Que quem nam quer commercio, busca guerra:  
 Posto que os maos prepositos entenda  
 O Gama, que o danado peito encerra,  
 Consente, porque sabe por verdade,  
 Que compra co a fazenda a liberdade.

Concertãse

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Concertã se que o negro mande dar,  
Embarcações idoneas com que venha,  
Que os seus bateis não quer aventurar,  
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha:  
Partem as almãdias a buscar  
Mercadoria Hispana, que conuenha,  
Escreue a seu yrmão, que lhe mandasse  
A fazenda, com que se resgatasse.

Vem a fazenda a terra, aonde logo  
A agasalhou o infame Catual:  
Coella ficam Alvaro & Diogo,  
Que a podessem vender pelo que val,  
Se mais que obrigação, que mando & rogo  
No peito vil o premio pode, & val,  
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda,  
Pois o Gama soltou pela fazenda.

Por ella o solta, crendo que ali tinha  
Penhor bastante, donde recebesse  
Interesse maior do que lhe vinha,  
Se o Capitão mais tempo detiu esse:  
Elle vendo que ja lhe nam conuinha  
Tornar a terra, porque nam podisse  
Ser mais retido, sendo aas naos chegado  
Nellas estar se deixa descanjado.

Nas



Nas náos estar se deyxá vagaroso,  
 Atê ver o que o tempo lhe descobre,  
 Que não se fia já do cobiçoso  
 Regedor corrompido, & pouco nobre.  
 Veja agora o juyzo curioso  
 Quanto no rico, aſſi como no pobre  
 Pode o vil intereſſe & ſede imiga  
 Do dinbeyro, que a tudo nos obriga.


A Polidoro mata o Rey Treicio,  
 Sò por ficar ſenhor do grão teſouro:  
 Entra, pelo fortifſimo edificio,  
 Com a filha de Acrifo a chuua douro:  
 Pode tanto em Tárpeia auaro vicio,  
 Que a troco do metal luzente, & louro,  
 Entrega aos inimigos a alta torre,  
 Do qual quaſi afozada empago morre.

Este rende munidas fortalezas,  
 Faz tredoros, & falſos os amigos,  
 Este a mais nobres faz fazer vilezas,  
 E entrega Capitães aos inimigos:  
 Este corrompe virginais purezas,  
 Sem temer de honra, ou fama algũs perigos,  
 Este depraua as vezes às ciencias,  
 Os juyzos cegando, & as consciencias.

Este

Este interpreta mais que sutilmente  
 Os textos. este faz & desfaz leis:  
 Este causa os perjuros entre a gente:  
 E mil vezes tirânos torna os Reis.  
 A te os que so a Deos omnipotente  
 Se dedicão, mil vezes ouuireis,  
 Que corrompe este encantador, & illude:  
 Mas não sem cor com tudo de virtude.

F I M.

 Canto Nono.



Tuerão longamen-  
 te na cidade  
 Sem vender se a fazenda os do-  
 us feitores,  
 Que os infieis por manha, & falsidade  
 Fazem, que nam lha comprem mercadores,  
 Que todo seu proposito, & vontade  
 Era, deter ali os descubridores  
 Da India, tanto tempo que viessem  
 De Meca as naos, que as suas desfizessem.

La no

La no seio Eritreo, onde fundada  
 Arsinoe foi do Egipcio Ptholomeo,  
 Do nome da irmã sua assi chamada,  
 Que despois em Suez se conuerteo,  
 Não longe, o porto jaz da nomeada  
 Cidade Meca, que se engrandeceo  
 Com a supersticam falsa, & profana,  
 Da relegiosa agoa Maumetana.

Gidâ se chama o porto, aonde o trato  
 De todo o roxo mar mais florescia,  
 De que tinha proueito grande, & grato  
 O Soldão que esse Reino possuia:  
 Daqui aos Malabares, por contrato  
 Dos infieis, fermosa companhia  
 De grandes naos, pelo Indico Oceano,  
 Especiaria vem buscar cada anno.

Por estas naos os Mouros esperauão,  
 Que como fossem grandes & possantes  
 Aquellas, que o commercio lhe tomauão,  
 Com flamas abrasassem crepitantes:  
 Neste socorro tanto confiauão,  
 Que ja nam querem mais dos nauegantes,  
 Se nam que tanto tempo ali tardassem,  
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

OS ADVSIADAS DE L. DE CA!

Mas o Governador dos ceos, & gentes,  
Que pera quanto tem determinado,  
De longe os meios dá conuenientes,  
Por onde vem a effeito o fim fadado,  
Influi piadosos accidentes  
De affeição em Monçaide, que guardado  
Estava pera dar ao Gama auiso,  
E merecer por isso o Paraiso.

Este de quem se os Mouros não guardauão,  
Por ser Mouro como elles, antes era  
Participante em quanto machinauão,  
A tençam lhe descobre torpe, & fera:  
Muitas vezes as naos que longe estauão  
Visita, & com piedade considera  
O dano, sem razão, que se lhe ordena,  
Pela maligna gente Sarracena.

Informa o cauto Gama das armadas,  
Que de Arabica Meca vem cadano,  
Que agora sam dos seus tam desejadas,  
Pera ser instrumento deste dano:  
Diz lhe que vem de gente carregadas,  
E dos trouões horrendos de Vulcano,  
E que pode ser dellas oprimido,  
Segundo estava mal apercebido.

O Gama

O Gama que também considerava  
 O tempo, que pera a partida o chama,  
 E que despacho ja não esperava  
 Milhor do Rei, que os Maumetanos ama:  
 Aos feitores, que em terra estão, mandava  
 Que se tornem aas naos: & porque a fama  
 Desta subita vinda os não impida,  
 Lhe manda que a fizessem escondida.

Porem não tardou muito, que voando  
 Hum rumor nam soasse com verdade,  
 Que forão presos os feitores, quando  
 Foram sentidos virse da cidade:  
 Esta fama as orelhas penetrando  
 Do sabio capitão, com breuidade,  
 Faz represaria nús, que aas naos vierão,  
 A vender pedraria que trouxerão.

Eram estes antigos mercadores  
 Ricos em Calecu, & conhecidos  
 Da falta delles, logo entre os milhores  
 Sentido foi, que estão no mar retidos:  
 Mas ja nãs naos os bõs trabalhadores,  
 Vluem o cabrestante, & repartidos  
 Pelo trabalho, hūs puxão pela amarra,  
 Outros quebrão co peito duro a barra.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Outros pen tem da verga, & ja desatão  
 A vella, que com grita se soltaua,  
 Quando com maior grita ao Rei relatão  
 A pressa, com que a armada se leuaua:  
 As molheres & filhos, que se matão  
 Daquelles que vão presos, onde estaua  
 O Samorim, se aqueixão que perdidos  
 Hús tem os pais, as outras os maridos.

Manda logo os feitores Lusitanos  
 Com toda sua fazenda liuremente,  
 A pesar dos inimigos Maumetanos,  
 Porque lhe torne a sua presa gente:  
 Desculpas manda o Rei de seus enganos,  
 Recebe o Capitão de melhormente  
 Os presos, que as desculpas, & tornando  
 Algũs negros, se partava vellas dando.

Parte se costa abaxo, por que entende  
 Que em vão co Rei gentio trabalhaua,  
 Em querer delle paz, a qual pretende  
 Por firmar o comercio que tratava:  
 Mas como aquella terra que se estende  
 Pela Aurora, sabida ja deixaua,  
 Com estas nouas torna a a patria cara,  
 Certos finais leuando do que achara.

Leua algũs Malabares, que tomou  
 Per força, dos que o Samorim mandâra,  
 Quando os presos feitores lhe tornou:  
 Leua pimenta ardente que comprâra:  
 A seca flor de Banda não ficou,  
 A Noz, & o negro crauo, que faz clara  
 A noua ilha Maluco, coa canella,  
 Com que Ceilão he rica illustre & bella.

Isto tudo lhe ouuera a deligencia  
 De Monçaide fiel, que tambem leua,  
 Que inspirado de Angelica influencia,  
 Quer no liuro de Christo que se escreua,  
 O ditoso Affricano, que a clemencia  
 Diuina assi tirou de scura treua,  
 E tam longe da patria achou maneira,  
 Pera subir aa patria verdadeira.

Apartadas assi da ardente côsta,  
 As venturosas naos, leuando a proa  
 Pera onde a natureza tinha posta  
 A Meta Austrina da esperança boa,  
 Leuando alegres nouas & reposta,  
 Da parte Oriental pera Lisboa,  
 Outra vez cometendo os duros medos  
 Do mar incerto, temidos & ledos.

O prazer de chegar aa patria cara,  
 A seus penates caros & parentes,  
 Pera contar a peregrina, & rara  
 Nauegaçam, os varios ceos, & gentes,  
 Vir a lograr o premio, que ganhara  
 Por tão longos trabalhos, & accidentes,  
 Cada hum tem por gosto tam perfeito,  
 Que o coração para elle he vaso estreito.

Porem a Deosa Cipria, que ordenada  
 Era pera fauor dos Lusitanos.  
 Do Padre eterno, & por bom genio dada:  
 Que sempre os guia ja de longos annos.  
 Agloria por trabalhos alcançada,  
 Satisfação de bem sofridos danos,  
 Lhe andaua ja ordenando, & pretendia:  
 Darlhe nos mares tristes alegria.

Despois de ter hum pouco reuoluido  
 Na mente, o largo mar que nauegarão,  
 Os trabalhos, que pelo Deos nascido,  
 Nas Amphioneas Thebas, se causarão,  
 Ia trazia de longe no sentido,  
 Pera premio de quanto mal passarão,  
 Buscarlhe algum deleite, algum descanso.  
 No Reino de cristal liquido, & manso.  
 Alguma.



Algum repouso em fim, com que pudesse  
Refucilar a lassa humanidade  
Dos nauegantes seus, como interesse  
Do trabalho, que incurta a breue idade:  
Parecelhe razão que conta desse  
A seu filho, por cuja potestade  
Os Deoses faz decer ao vil terreno,  
E os humanos subir ao ceo sereno.

Isto bem reuoluido, determina  
De terlhe aparelhada la no meio  
Das agoas, algũa insula diuina,  
Ornada desmaltado & verde arreio:  
Que muitas tem no reino, que confina  
Da primeira co terreno seio,  
Afora as que possue soberanas,  
Pera dentro das portas Herculanãs.

Ali quer que as aquaticas donzellas,  
Esperem os fortissimos barões,  
Todas as que tem titolo de bellas,  
Gloria dos olhos, dor dos corações,  
Com danças, & coreas, porque nellas  
Influirã secretas affeições,  
Pera com mais vontade trabalharem  
De contentar a quem se affeçoarem.

Tal manha buscou ja, pera que a quelle  
 Que de Achises pario, bem recebido  
 Fosse no campo que a bouina pelle  
 Tomou de espaço, por sutil partido:  
 Seu filho vai buscar, porque so nelle  
 Tem todo seu poder, fero Cupido,  
 Que assi como na quella empresa antiga  
 A ajudou ja, nestoutra a ajude & siga.

No carro ajunta as aues, que na vida  
 Vão da morte as exequias celebrando,  
 E aquellas em que ja foi conuertida  
 Peristera, as boninas apanhando.  
 • Em derredor da Deosa ja partida,  
 No ar lasciuos beijos se vão dando,  
 Ella por onde passa o ar, & o vento  
 Sereno faz, com brando mouimento.

Pa. sobre os Idalios montes pendê,  
 Onde o filho frecheiro estava então,  
 Ajuntando outros muitos, que pretende  
 Fazer bũa famosa expedição  
 Contra o mundo reuelde, por que emende  
 Erros grandes, que ha dias nelle estão,  
 Amando cousas que nos forão dadas,  
 Nam pera ser amadas, mas vsadas.

Via:

Via Acleon na caça, tam austero,  
 De cego na alegria bruta, insana,  
 Que por seguir hum feo animal fero,  
 Foge da gente, & bella forma hum ma:  
 E por castigo quer doçe, & severo,  
 Mostra lbe a fermosura de Diana,  
 E guarde se nam seja inda comido  
 Desses cães que agora ama, & consumido.

È vè do mundo todo os principais,  
 Que nenhum no bem publico imagina,  
 Vè nelles, que não tem amor a mais  
 Que a si somente, & a quem Philauctia insina:  
 Vè que esses que frequentão os reais  
 Paços, por verdadeira & saã doutrina  
 Vendem adulação, que mal consente  
 Mondarse o nouo trigo florecente.

Vè que aquelles que deuem aa pobreza  
 Amor diuino, & ao pouo charidade,  
 Amão somente mandos, & riqueza,  
 Simulãdo justiça, & integridade:  
 Da fea tyrania, & de aspereza  
 Fazem direito, & vã seueridade:  
 Leis em fauor do Rei se estabelecem,  
 As em fauor do pouo so perecem.

Ve em

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Vê em fim que ninguém ama o que deue,  
 Se não o que somente mal deseja,  
 Não quer que tanto tempo se releue,  
 O castigo que duro, & justo seja:  
 Seus ministros ajunta, porque leue  
 Exercitos conformes aa peleja,  
 Que espera ter coa mal regida gente,  
 Que lhe não for agora obediente.

Muitos destes mininos voadores,  
 Estão em varias obras trabalhando, *on das*  
 Hũs amolando ferros passadores,  
 Outros asteas de setas delgaçando,  
 Trabalhando cantando estão de amores,  
 Varios casos em verso modulando,  
 Melodia sonora, & concertada,  
 Suaue a letra, angelica a soada.

Nas fragoas immortais, onde forjaão,  
 Pera as setas as pontas penetrantes,  
 Por lenha, corações ardendo estauão,  
 Viuas entranhas inda palpitantes:  
 As agõas onde os ferros temperauão,  
 Lagrimas sam de miseros amantes,  
 A viua flama, o nunca morto lume,  
 Desejo he so que queima, & não consume.  
 Algũs

Algũs exercitando a mão andauão,  
 Nos duros corações da plebe ruda,  
 Crebros sospiros pelo ar soauão,  
 Dos que feridos vão, da seta aguda,  
 Fermosas Nymphas sam, as que curauão  
 As chagas recebidas, cuja ajuda  
 Não somente dá vida aos mal feridos:  
 Mas poem em vida os inda não nascidos.

Fermosas sam algũas, & outras feas,  
 Segundo a qualidade for das chagas,  
 Que o veneno espalhado pelas veas,  
 Curão no aas vezes asperas triagas  
 Algũs ficão ligados em cadeas,  
 Por palauras sutis de sabias Magas,  
 Isto acontece aas vezes quando as setas  
 Acertão de leuar eruas secretas.

Destes tiros asfi desordenados,  
 Que estes moços mal destros vão tirando,  
 Nascem amores mil desconcertados,  
 Entre o pouo ferido miserando,  
 E tambem nos heroes de altos estados,  
 Exemplos mil se vem de amor nefando,  
 Qual o das moças, Bibli, & Cynirea  
 Hum mancebo de Assiria, hum de Iudaea.

E vos

E vos ô poderosos por pastoras  
 Muytas vezes ferido o peyto vedes,  
 E por bayxos, & rudas vos senhoras  
 Tambem vos tomão nas Vulcanias redes,  
 Hũs esperando andais nocturnas horas,  
 Outros subis telhados & paredes,  
 Mas eu creyo que deste amor indino,  
 He mais culpa a da mãy, que a do minino.

Mas ja no verde prado o carro leue,  
 Punhão os brancos Cisnes mansamente,  
 E Dione, que as rosas entre a neuê  
 No rosto traz, decia diligente:  
 O frecheiro, que contra o ceo se atreue,  
 A recebella vem, ledo, & contente,  
 Vem todos os cupidos seruidores,  
 Beijar a mão aa Deosa dos amores.

Ella porque não gaste o tempo em vão,  
 Nos braços tendo o filho, confiada  
 Lhe diz, amado filho, em cuja mão  
 Toda minha potencia està fundada:  
 Filho em quem minhas forças sempre estão,  
 Tu que as armas Tifeas tês em nada,  
 A socorrer me a tua potestade,  
 Me traz especial neccesidade.

Bem

Bem ves as Lusitanicas faligas,  
 Que eu ja de muito longe fauoreço,  
 Porque das Parcas sey minhas amigas,  
 Que me ande venerar & ter em preço,  
 E porque tanto imitação as antigas  
 Obras de meus Romanos, me offereço  
 Alhe dir tanta ajuda em quanto posso,  
 A quanto se estender o poder nosso.

E porque das insidias do odioso  
 Baco foram na India molestados,  
 E das injurias sos do mar vndoso,  
 Poderão mais ser mortos, que cansados:  
 No mesmo mar, que sempre temeroso  
 Lhe foi, quero que sejão repousados,  
 Tomando aquelle premio, & doce gloria  
 Do trabalho que faz clara a memoria.

E pera isso queria que feridas  
 As filhas de Nereo, no ponto fundo,  
 Da mor dos Lusitanos encendidas,  
 Que vem de descobrir o nouo mundo,  
 Todas nũa ilha juntas & subidas,  
 Ilha que nas entranhas do profundo  
 Oceano, terei aparelhada,  
 De dões de Flora, & Zefiro adornada.

Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Ali com mil refrescos, & manjares,  
 Com vinhos odoriferos, & rosas,  
 Em cristalinos paços singulares,  
 Fermosos leitos, & ellas mais fermosas:  
 Em fim com mil deleites não vulgares,  
 Os esperem as Nymphas amorosas,  
 Damor feridas, pera lhe entregarem  
 Quanto dellas os olhos cobiçarem.

Quero que aja no reino Neptunino  
 Onde eu nasci, pro genie forte & bella,  
 E tome exemplo o mundo vil, malino,  
 Que contra tua potencia se reuella,  
 Porque entendão que muro Adamantino,  
 Nem triste hypocresia val contra ella.  
 Mal auerã na terra quem se guarda,  
 Se teu fogo immortal nas agoas arde.

Assi Venus propos, & o filho inico  
 Pera lhe obedecer ja se apercebe,  
 Manda trazer o arco eburneo rico,  
 Onde as setas de ponta de ouro embebe:  
 Com gesto ledo a Cipria, & impudico,  
 Dentro no carro o filho seu recebe,  
 Ha re dea larga aas aues, cujo canto  
 Ha Phaetontea morte chorou tanto.

Mas



Mas diz Cupido, que era necessaria  
 Hũa famosa, & celebre terceyra,  
 Que posto que mil vezes lhe he contraria,  
 Outras muytas ha tem por companheira:  
 A Deosa Gigantea temeraria,  
 Iactante, mintirosa, & verdadeyra,  
 Que com cem olhos ve, & por onde voa  
 O que vê com mil bocas apregoa.

Vão a buscar, & mandam a diante,  
 Que celebrando va com tuba clara,  
 Os louvores da gente nauegante,  
 Mais do que nunca os doutrem celebrara:  
 Ia murmurando a fama penetrante  
 Pelas fundas cauernas se espalhara,  
 Fala verdade, a vida por verdade,  
 Que junto a Deosa traz Credulidade.

O louuor grande, o rumor excellente  
 No coração dos Deoses, que inclinados  
 Forão por Baco contra a illustre gente,  
 Mudando os fez hum pouco aseyçoados:  
 O peyto feminil, que leuemente  
 Muda quaesquer' propositos tomados,  
 Ia julga por mau zelo, & por crueza  
 Desejar mal a tanta fortaleza.

Despede

OS LUSIADAS DEL. DE CA.

Despede nisto o fero moço as setas  
 Hũa apos outra, geme o mar cos tiros,  
 Dereitas pelas ondas inquietas,  
 Algũas vãõ, & algũas fazem giros:  
 Caem as Nymphas, lançam das secretas  
 Entranbas ardentissimos sospiros,  
 Cae qualquer, sem ver o vulto que ama,  
 Que tanto como a vista pode a fama.

Os cornos ajuntou da eburnea Lũa,  
 Com força o moço indomito excessiua,  
 Que Thetis quer ferir mais que nenbũa,  
 Porque mais que nenbũa lhe era esquiua:  
 Ia não fica na aljaua seta algũa,  
 Nem nos equoreos campos Nympha viua,  
 E se feridas inda estão viuendo,  
 Sera pera sentir que vãõ morrendo.

Day lugar altas & ceruleas ondas,  
 Que vedes Venus traz a medicina,  
 Mostrando as brancas vellas, & redondas,  
 Que vem por cima da agoa Neptunina:  
 Pera que tu reciproco respondas  
 Ardente Amor aa flama feminina,  
 He forçado que a pudicicia honesta  
 Faça quanto lhe Venus amoesta.

Ia todo o bello coro se aparelha  
 Das Nereidas, & junto caminhaua  
 Em coreas gentis, vsança velha,  
 Pera a ilha, a que Venus as guiaua:  
 Ali a fermosa Deosa lhe aconselha  
 O que ella fez mil vezes, quando amaua,  
 Ellas que vão do doce amor vencidas,  
 Estão a seu conselho offerecidas.

Cortando vão as naos a larga via  
 Do mar ingente, pera a patria amada,  
 Desejando prouerse de agoa fria,  
 Pera a grande viagem prolongada:  
 Quando juntas com subita alegria,  
 Ouuerão vista da ilha namorada,  
 Rompendo pelo ceo a mãi fermosa  
 De Menonio, suaue & deleitosa.

De longe a Ilha virão fresca, & bella,  
 Que Venus pelas ondas lha leuaua.  
 (Bem como o vento leua branca vella)  
 Pera onde a forte armada se enxergaua,  
 Que porque não passassem, sem que nella  
 Tomassem porto, como desejava,  
 Pera onde as naos nauegão a mouia  
 A accidalia, que tudo em fim podia.

V Mas

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Mas firme a fez & imobil, como vio  
 Que era dos Nautas vista, & demandada,  
 Qual ficon Delos, tanto que pario  
 Latona Phebo, & a Deosa aa caça usada:  
 Pera la logo a proa o mar abrio,  
 Onde a costa fazia hũa enseada  
 Curua, & quieta, cuja branca area  
 Pintou de ruiuas conchas Cyterea.

Tres fermosos outeiros se mostrauão,  
 Erguidos com soberba graciosa,  
 Que de gramineo esmalte se adornauão,  
 Na fermosa ilha alegre, & deleitosa:  
 Claras fontes & limpidas manauão  
 Do cume, que a verdura tem viçosa,  
 Por entre pedras altas se diriuu,  
 A sonora Limpha fugitiua.

Num valle ameno, que os outeiros fende;  
 Vinhão as claras agoas ajuntarse,  
 Onde hũa mesa fazem, que se estende  
 Tam bella, quanto pode imaginarse:  
 Aruoredo gentil sobre ella pende,  
 Como que prompto está pera afeitar-se,  
 Vendose no cristal resplandecente,  
 Que em si o está pintando propriamente:

Mil arvores estão ao ceo subindo,  
 Com pomos odoríferos & bellos,  
 A Lorangeira tem no fruto lindo  
 A cor, que tinha Daphne nos cabellos:  
 Encostase no chão, que está caindo  
 A Cidreira cos pesos amarellos,  
 Os fermosos limoões ali cheirando  
 Estam virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os outeiros  
 Tem com frondente coma emnobrecidos  
 Aemos sam de Alcides, & os Loureiros  
 Do louro Deos amados, & queridos:  
 Mirtos de Cyterea, cos Pinheiros  
 De Cybele por outro amor vencidos,  
 Está apontando o agudo Cipariso  
 Pera onde he posto o Etereo paraíso.

Os dões que dâ Pomona, ali natura  
 Produze diferentes nos sabores,  
 Sem ter neceſsidade de cultura,  
 Que sem ella se dão muito milhores.  
 As Cerejas por puras na pintura,  
 As Amoras, que o nome tem de amores,  
 O pomo, que da patria Persia veio,  
 Milhor tornado no terreno alheio.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Abre a Romã, mostrando a rubicunda  
 Cor, com que tu Rubi teu preço perdes:  
 Entre os braços do Vlneiro estã a jocunda  
 Vide, cõs cachos roxos, & outros verdes:  
 E vos se na vossa aruore fecunda  
 Peras pyramidais viuer quiserdes,  
 Entregaiuos ao dano, que cos bicos,  
 Em vos fazem os passaros inicos.

Pois a tapeçaria bella & fina,  
 Com que se cobre a rustico terreno,  
 Faz ser a de Achemenia menos dina:  
 Mas o sombrio valle mais ameno:  
 Ali a cabeça o flor Cysistia inclina,  
 Sobollo tanque lucido & sereno,  
 Florece o filho & neto de Cyniras,  
 Por quem tu Deosa Paphia inda suspiras:

Pera julgar difficil cousa fora,  
 No ceo vendo, & na terra as mesmas cores,  
 Se daua aas flores cor a bella Aurora,  
 Ou se lha dam a ella as bellas flores:  
 Pintando estaua ali Zefiro, & Flora  
 As violas da cor dos amadores,  
 O Lirio roxo, a fresca Rosa bella,  
 Qual reluze nas faces da donzella.

A cano

*Ruciada*  
A candida Cecêm das Matutinas,

Lagrims ruciada, & a Manjarona,  
Venſe as letras nas flores Hyacintinas,  
Vam queridas do filho de Latona:  
Bem ſe enxerga nos pomos & boninas,  
Que competia Cloris com Pomona:  
Pois ſe as aues no ar cantando voão,  
Alegres animais o chão pouoão.

A longo da agoa o niueo Cifne canta,  
Responde lhe do ramo *Philomina* *Philomina*  
Da ſombra de ſeus cornos nam ſe espanta  
Ateon nagoa cristalina & bella:  
Aqui a fugace Lebre ſe leuanta  
Da eſpeſſa mata, ou temida Gazella,  
Alino bico traz ao caro ninho,  
O mantimento ô leue paſſarinho.

Neſta freſcura tal deſembarcauão  
la das naos os ſegundos Argonautas,  
Onde pela floreſta ſe deixauão  
Andar as bellas Deoſas como incantas,  
Algũas doces Cytaras tocauão,  
Algũas arpas, & ſonoras frautas,  
Outras cos arcos de ouro ſe fingiãõ  
Seguir os animais, que nam ſeguiãõ.

Assim lho aconselhara a mestra experta,  
 Que andassem pelos campos espalhadas,  
 Que vista dos barões a presa incerta,  
 Se fizessem primeyro desejadas  
 Algũas, que na forma descuberta  
 Do bello corpo estauão confiadas,  
 Posta a artificiosa fermosura,  
 nuas lauar-se deyxão na agoa pura.

Mas os fortes mancebos, que na praya  
 Punhão os pes de terra cubicosos,  
 Que não ha nenhum delles, que não saye  
 De acharem caça agreste desejosos:  
 Não cuydão que sem laço, ou redes caya  
 Caça naquelles montes deleytosos  
 Tão suauẽ, domestica, & benina,  
 Qual ferida lha tinha ja Ericina.

Algũs que em espingardas, & nas bestas  
 Pera ferir os Ceruos se fiaũo,  
 Pelos sombrios matos, & florestas  
 Determinadamente se lançauão:  
 Outros nas sombras, que de as altas sestras  
 Defendem a verdura, passeauão  
 Ao longo da agoa, que suauẽ, & queda  
 Por aluas pedras corre aa praya leda.

Començaõ



Começão de enxergar subitamente  
 Por entre verdes ramos varias cores,  
 Cores de quem a vista julga, & sente,  
 Que não erão das rosas, ou das flores,  
 Mas da lam fina, & seda diferente  
 Que mais incita a força dos amores,  
 De que se vestem as humanas rosas,  
 Fazendo se por arte mais fermosas.

Da Velofo espantado hum grande grito,  
 Senhores caça estranha disse he esta,  
 Se inda durão o Gentio antigo rito,  
 A Deosas he sagrada esta floresta:  
 Mais descobrimos do que humano espirito  
 Desejou nunca, & bem se manifesta  
 Que sam grandes as cousas, & excellentes  
 Que o mundo encobre aos homẽs imprudẽtes.

Sigamos estas Deosas, & vejamos,  
 Se fantasticas sam, se verdadeiras,  
 Isto dito velloces mais que Gamos,  
 Selançam a correr pelas ribeiras:  
 Fugindo as Nimphas vão por entre os ramos,  
 Mas mais industriosas que ligeiras,  
 Pouco & pouco surrindo, & gritos dando,  
 Se deixão yr dos Galgos alcançando.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

De hũa os cabellos de ouro o vento leua  
 Correndo, & da outra as fraldas delicadas,  
 Acendese o desejo que se ceua  
 Nas aluas carnes subito mostradas,  
 Hũa de industria cae, & ja releua  
 Com mostras mais miasias, que indinadas,  
 Que sobre ella empecendo tambem caia  
 Quem a seguio pela arenosa praia.

Outros por outra parte vão topar,  
 Com as Deosas despidas, que se lauão,  
 Ellas começam subito a gritar,  
 Como quẽ assalto tal nam esperauão,  
 Hũas fingindo menos estimar  
 A vergonha, que a força, se lançauão  
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando  
 O que aas mãos cobiçosas vão negando.

Outra como acudindo mais de pressa,  
 Aa vergonha da Deosa caçadora,  
 Esconde o corpo nagoa, outra se apressa  
 Por tomar os vestidos, que tem fora.  
 Tal dos mançebos ha, que se arremessa  
 Vestido assi & calçado( que co a mora  
 Desse despir, ha medo que inda tarde)  
 Amatar na agoa o fogo que nelle arde.  
 Qual

Qual tão de caçador sagaz, & ardidô,  
 Usado a tomar na agoa a aue ferida,  
 Vendo rosto o ferreo cano erguido,  
 Pera a Garcenba, ou Pata conbecida,  
 Antes que soe o estouro, mal sofrido  
 Salta nagoa, & da presa nam duuêda,  
 Nadando vay & latindo, assi o mancebo  
 Remete ha que nam era yrmaã de Pbebo.

Lionardo soldado bem desposto,  
 Manhofo, caualleiro, & namorado,  
 A quem amor não dera hum so desgosto,  
 Mas sempre fora delle mal tratado:  
 E tinha ja por firme profuposto  
 Ser com amores mal afortunado,  
 Porem não que perdesse a esperança,  
 De inda poder seu fado ter mudança.

Quis aqui sua ventura, que corria  
 Apos Efire, exemplo de belleza,  
 Que mais caro que as outras dar queria,  
 O que deu pera darse a natureza,  
 Ia cansado correndo lhe dizia.  
 O fermosura indigna de aspereza,  
 Pois desta vida te concedo a palma,  
 Espera hum corpo de quem leuas a alma.

Todos

Todas de correr cansam, Nymphã pura,  
 Rendendo se aa vontade do inimigo,  
 Tu so de my so fozes na espessura?  
 Quem te disse que eu era o que te sigo?  
 Se to tem dito ja aquella ventura,  
 Que em toda a parte sempre anda comigo,  
 O nam na creas, porque eu quando a cria,  
 Mil vezes cada hora me mentia.

Nam canses, que me cansas: & se queres  
 Fugirme, porque nam possa tocarte,  
 Minha ventura he tal, que inda que esperes  
 Ella farã que nam possa alcançarte:  
 Espera, quero ver, se tu quizeres,  
 Que sutil modo busca de escaparte,  
 E notarã no fim deste successo,  
 Tra la spica & la man, qual muro he messo.

D não me fijas, assi nunca o breue  
 Tempo fuja de tua fermosura,  
 Que so com refrear o passo leue,  
 Vencerã da fortuna a força dura:  
 Que Emperador, que exercito se atreue.  
 A quebrantar a furia da ventura,  
 Que em quanto desejey me vai seguindo,  
 O que tu so faras nam me fugindo?

Pois

Põe-te da parte da desdita minha?

Fraqueza he dar ajuda ao mais potente:

Leuas-me hum coração, que liure tinha?

Solta mo, & corroras mais leuemente.

Não te carrega essa alma tam me zquinha,

Que nesses fios de ouro reluzente

Atada leuas? ou despois de presa

Lhe mudaste a ventura, & menos pesa?

Nesta esperança so te vou seguindo,

Que ou tu nam sofrerês o peso della,

Ou na virtude de teu gesto lindo,

*Mudarás* Lhe mudarás a triste & dura estrella.

E se se lhe mudar, nam vas fugindo,

Que Amor te ferirá, gentil donzella,

E tu me esperarás, se Amor te fere,

E se me esperas, não ha mais que espere.

La nam fugia a bella Nimpha, tanto

Por se dar cara ao triste que a seguia,

Como por yr ouuindo o doce canto,

As namoradas magoas que dizia:

Voluendo o rosto ja sereno & sancto,

Toda banhada em riso, & alegria,

Cair se deixa aos pês do vencedor,

Que todo se desfaz em puro amor.

O que

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

O que famintos beijos na floresta,  
 E que mimoso choro que soava,  
 Que afagos tam suaves, que yra honesta  
 Que em risinhos alegres se tornaua:  
 O que mais passam na menbã, & na festa  
 Que Venus com prazeres inflamaua,  
 Melhor he esprimentalo que julgalo,  
 Mas julgue o quem nam pode esprimentalo.

Desta arte em fim conformes ja as fermosas  
 Nymphas, cos seus amados nauegantes,  
 Os ornão de capellas deleitosas,  
 De louro, & de ouro, & flores abundantes:  
 As mãos aluas lhe dauão como esposas  
 Com palauras formais, & estipulantes,  
 Se prometem eterna companhia  
 Em vida & morte, de honra & alegria.

Hũa dellas maior, a quem se humilha  
 Todo o coro das Nymphas, & obedece,  
 Que dizem ser de Celo & Vesta filha,  
 O que no gesto bello se parece,  
 Enchendo a terra, & o mar de marauilha,  
 O Capitão illustre que o merece,  
 Recebe ali com pompa honesta, & régia,  
 Mostrando se senhora grande, & egregia.  
 Que

Que despois de lhe ter dito quem era,  
 Cum alto exordio de alta graça ornado,  
 Dando lhe a entender, que ali viera  
 Por alta influçam do imobil fado,  
 Pera lhe descobrir da vnida esphera, *vinda*  
 Da terra immensa, & mar não nauegado  
 Os segredos, por alta prophecia,  
 O que esta sua naçam so merecia.

Tomando o pela mão a leua, & guia  
 Pera o cume dum monte alto, & diuind,  
 No qual hũa rica fabrica se erguia  
 De cristal toda, & de ouro puro, & fino:  
 A maior parte aqui passam do dia  
 Em doçes jogos, & em prazer contino,  
 Ella nos paços logra seus amores,  
 As outras pelas sombras entre as flores.

Assim a fermosa, & a forte companhia,  
 O dia quasi todo estão passando,  
 Nũa alma, doçe, incognita alegria,  
 O trabalhos tam longos compensando:  
 Porque dos feitos grandes, da ousadia:  
 Forte & famosa, o mundo está guardando  
 O premio la no fim bem merecido,  
 Com fama grande, & nome alto & subido.  
 Que

OS LVSIADAS DE L. DE CA:

Que as Nymphas do Oceano tam fermosas,  
Thetis & a Ilha angelica pintada,  
Outra cousa nam he, que as deleitosas  
Honras, que a vida fazem sublimada:  
Aquellas preminencias gloriosas,  
Os triumphos, a fronte coroada  
De Palma, & Louro, a gloria & marauilha  
Estes sam os deleites desta Ilha.

Que as immortalidades que fingia  
A antiguidade, que os illustres ama,  
La no estellante Olimpo a quem subia,  
Sobre as asas inclitas da fama,  
Por obras valerosas, que fazia,  
Pelo trabalho immenso, que se chama  
Caminho da virtude alto & fragoso:  
Mas no fim doce, alegre, & deleitoso.

Nam erão senão premios, que reparte  
Por feitos *immortais* & soberanos,  
O mundo, cos varões, que esforço & arte  
Diuinos os fizerão, sendo humanos:  
Que Iupiter, Mercurio, Phebo, & Marte  
Eneas, & Quirino, & os dous Thebanos  
Ceres, Palas, & Iuno, com Diana  
Todos forão de fraca carne humana.

Mas



Mas a fama, trombeta de obras tais,  
 Lhe deu no mundo nomes tam estranhos  
 De Deoses, Semideoses immortais  
 Indigetes, Eroicos, & de Magnos  
 Por isso, o vos que as famas estimais,  
 Se quiserdes no mundo ser tamanhos,  
 Despertai ja do sono do ocio ignauo,  
 Que o animo de liure faz escravo.

E ponde na cobiça hum freio duro,  
 E na ambicam tambem, que inlignamente  
 Tomais mil vezes, & no torpe & escuro  
 Vicio da tirania infame, & urgente:  
 Porque essas honras vaãs, esse ouro puro  
 Verdadeiro valor nam dão aa gente,  
 Milhor he merecellos, sem os ter  
 Que possuilos sem os merecer.

Ou day na paz as leis iguais, constantes,  
 Que aos grandes não dem o dos pequenos,  
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,  
 Contra a ley dos imigos Sarracenos,  
 Fareis os Reinos grandes, & possantes  
 E todos tereis mais, & nenhum menos  
 Possuireis riquezas merecidas,  
 Com as honras, que illustrão tanto as vidas.  
 E fareis

E fareis claro o Rei, que tanto amais,  
 Agora cos conselhos bem cuidados,  
 Agora co as espadas, que immortais  
 Vos farão, como os vossos ja passados:  
 Impossibilidades não façais,  
 Que quem quis sempre pode: & numerados  
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,  
 E nesta ilha de Venus recebidos.

FIM.

 Canto Decimo  
 & ultimo.



As ja o claro ama-  
 dor da Larissea  
 Adultera, inclinava os animais,  
 La pera o grande lago, que rodea  
 Temistitão, nos fins Occidentais:  
 O grande ardor do Sol Fauonio enfrea,  
 Co sopro, que nos tanques naturais  
 Encrespa a agoa serena, & despertava  
 Os Lirios, & lazmins que a ca'ma agrava.  
 Quando

Quando as fermosas Ninfas cos amantes,  
 Pella mão ja conformes & contentes,  
 Subião pera os paços radiantes,  
 E de metais ornados reluzentes:  
 Mandados da Rainha, que abundantes  
 Mesas, daltos manjares, excellentes,  
 Lhe tinha aparelhados, que a fraqueza  
 Restaurem da cansada natureza.

Ali em cudeiras ricas cristalinas,  
 Se assentão, dous & dous, amante & dama,  
 Noutras aa cabeceira douro finas,  
 Está coa bella Deosa o claro Gama:  
 De ygoarias suaves & diuinas  
 A quem não chega a Egipcia antiga fama,  
 Se accumulão os pratos de fuluo ouro,  
 Trazidos la do Atlantico tesouro.

Os vinhos odoriferos, que acima  
 Estão não so do Italico Falerno,  
 Mas da Ambrosia, que loue tanto estima,  
 Com todo o ajuntamento sempiterno:  
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima  
 Crespas escumas erguem, que no interno  
 Coração mouem subita alegria,  
 Saltando coa mistura d'agoa fria.

OS LVSIADAS DE L. DE CA!

Mil praticas alegres se tocauão,  
Risos doces, sutis, & argutos ditos,  
Que entre hũ & outro mājãr se aleuantauão,  
Despertando os alegres apetitos:  
Musicos instrumentos não faltauão,  
Quais no profundo reyno, os nus espiritos  
Fizerão descansar da eterna pena,  
Cũa voz dhũa angelica Syrena.

Cantaua a bella Ninfa, & cos acentos  
Que pellos altos paços vão soando,  
Em consonancia ygoal, os instrumentos  
Suaves vem a hum tempo conformando:  
Hum subito silencio enfrea os ventos,  
E faz hir docemente murmurando  
As agoas, & nas casas naturais  
Adormecer os brutos animais.

Com doce voz estã subindo ao ceo  
Altos varões, que estão por vir ao mundo,  
Cujas claras Ideas vio Protheo,  
Num globo vão, diáfano, rotundo,  
Que Iupiter em dom tho concedeo.  
Em sonhos, & despois no reino fundo  
Vaticinando o disse, & na memoria  
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

Materia he de Coturno, & não de Soco  
 A que a Nimpha aprendeo no immenso lago:  
 Qual Topas não soube, ou Demodoco,  
 Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.  
 Aqui minha Caliope te inuoco  
 Neste trabalho extremo, porque em pago,  
 Me tornes, do q̄ escreuo, & em vão pretendo,  
 O gosto de escreuer, que vou perdendo.

Vão os annos decendo, & ja do Estio  
 Ha pouco que passar ate o Otono,  
 A fortuna me faz o engenho frio,  
 Do qual ja não me jacto, nem me abono:  
 Os desyostos me vão leuando ao rio  
 Do negro esquecimento, & eterno sono,  
 Mas tu me dê que cumpra, ò grã Rainha  
 Das Musas, cõ que quero aa nação minha:

*Cantava* Cantava a bella Deosa, que virião  
 Do Tejo, pello mar que o Gama abrira,  
 Armadas que as ribeiras venderião,  
 Por onde o Oceano Indico se spira:  
 E que os Gentios Reis, que não darião  
 A ceruiz sua ao jugo, o ferro & yra  
 Prouarião do braço duro & forte,  
 Ate renderse a elle, ou logo aa morte.

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Cantau dhum que tem nos Malabares  
Do sumo sacerdocio a dignidade,  
Que so por não quebrar cos singulares  
Barões, os nos que dera damizade,  
Sofrerã suas cidades & lugares,  
Com ferro, incendios, ira & crueldade  
Ver destruir do Samorim potente:  
Que tais odios terá coa noua gente.

E canta como la se embarcaria  
Em Bellem o remedio deste dano,  
Sem saber o que em si ao mar traria  
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:  
O peso sentirão, quando entraria,  
O curuo lenho, & o feruido Oceano,  
Quando mais nãgoa os troncos, que gemerem,  
Contra sua natureza se meterem.

Mas ja chegado aos fins Orientais,  
E deixado em ajuda do gentio  
Rey de Cochim, com poucos naturais,  
Nos braços do salgado & curuo rio,  
Desbaratarã os Naires infernais  
No passo Cambalão, tornando frio  
Despanto o ardoz immenso do Oriente  
Que verã tanto obrar tão pouca gente.  
Chamarã

Chamará o Samorim mais gente noua:  
 Virão Reis Bipur, & de Tânor,  
 Das serras de Narsinga, que alta proua  
 Estarão prometendo a seu senhor:  
 Farà que todo o Naire em fim se moua,  
 Que entre Calicû jaz, & Cananor,  
 Dambas as leis immigas, pera a guerra,  
 Mouros por mar, Gentios polla terra.

E todos outra vez desbaratando,  
 Por terra, & mar, o grão Pacheco onfado,  
 A grande multidão que yrâ matando,  
 A todo o Malabar terá admiradô:  
 Cometerâ outra vez não dilatando  
 O Gentio os combates apressado,  
 Injuriando os seus, fazendo votos  
 Em vão aos Deoses vãos, surdos, & immotos

La não defenderâ somente os passos,  
 Mas queimar lhe ha lugares, templos, casas:  
 Aceso de yra o Cão, não vendo lassos  
 Aquelles que as cidades fazem rasas:  
 Farà que os seus de vida pouco escassos,  
 Comerão o Pacheco que tem asas  
 Por dous passos num tempo, mas voando  
 Dhum noutro, tudo yrâ desbaratando.

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Virâ ali o Samorim, porque em pessoa  
 Veja a batalha, & os seus esforce, & anime,  
 Mas hum tiro, que com zomido voa,  
 De sangue o tingirá no andor sublime:  
 Ia não verâ remedio, ou manha boa,  
 Nem força, que o Pacheco muito estime,  
 Inuentara traçoës, & vãos venenos,  
 Mas sempre ( o ceo querendo ) farâ menos.

Que tornarâ a vez septima, cantava,  
 Pellejar co inuicto & forte Luso,  
 A quem nenhum trabalho pesa, & agrava,  
 Mas com tudo este so o farâ confuso:  
 Trará pera a batalha horrenda, & braua,  
 Machinas de madeiros fora de uso,  
 Pera lhe abalroar as Carauellas,  
 Que ateli vão lhe fora cometellas.

Pella azoa leuarâ ferras de fogo  
 Pera abrasar lhe quanta armada tenha,  
 Mas a militar arte, & engenho, logo  
 Farâ ser vã a braueza com que venha:  
 Nenhun claro barão no Martio jogo,  
 Que nas asaz da fama se sostenha,  
 Chega a este, que a palma a todos toma,  
 E perdoeme a illustre Grecia, ou Roma  
 Porque



Porque tantas batalhas sustentadas  
 Com muito pouco mais de cem soldados,  
 Com tantas manhas, & artes inuentadas  
 Tantos Cães não imbelles profligados:  
 Ou parecerão fabulas sonhadas,  
 Ou que os celestes Coros inuocados  
 Decerão a ajudallo, & lhe darão  
 Esforço, força, ardil, & coração.

Aquelle que nos Campos Maratonios  
 O grão poder de Dario estrue, & rende,  
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios  
 O passo de Termopilas defende,  
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,  
 Que com todo o poder Tusco contende  
 Em defesa da ponte, ou Quinto Fabio  
 Foy como este na guerra forte & sabio:

Mas neste passo a Nimpha o som canoro  
 Abaxando, fez ronco, & entristecido,  
 Cantando em baxa voz enuolta em choro  
 O grande esforço mal agardecido:  
 O Belisario, disse, que no coro  
 Das Musas seras sempre engrandecido,  
 Se em ti viste abatido o brauo Marte,  
 Aqui tens com quem podes consolarte.

Aqui tens companheiro assi nos feitos  
 Como no galardão injusto & duro,  
 Em ti & nelle veremos altos peitos,  
 A baxo estado vir humilde, & escuro:  
 Morrer nas hospitais em pobres leitos,  
 Os que ao Rey, & aa ley seruem de muro,  
 Isto fazem os Reis, cuja vontade  
 Mandamais que a justiça & que a verdade.

Isto fazem os Reis, quando embebidos  
 Nua apparencia branca que os contenta,  
 Dão os premios de Aiace mercedos,  
 Aa lingua vã de Vlisses fraudulenta:  
 Mas vingome que os bens mal repartidos  
 Por quem so doces sombras apresenta,  
 Se não os dão a sabios caualeiros,  
 Dãos os logo a auarentos lisongeiros.

Mas tu de quem ficou tão mal pagado  
 Hum tal vassalo, o Rey so nisto inico,  
 Se não es pera darlhe honroso estado,  
 He elle pera darte hum reino rico:  
 Em quanto for o mundo rodeado  
 Dos Apolineos rayos, eu te fico  
 Que elle seja entre a gente illustre & claro  
 Etu nisto culpado por auaro.

Mas

Mas eis outro, cantava, intitulado  
 Vem com nome real, & traz consigo  
 O filho, que no mar serâ illustrado  
 Tanto como qualquer Romano antigo:  
 Ambos darão com braço forte, armado,  
 A Quiloa fertil aspero castigo,  
 Fazendo nella Rey leal, & humano,  
 Deitado fora o perfido Tirano.

Tambem farão Mombaça, que se arrea  
 De casas sumptuosas, & edificios,  
 Co ferro, & fogo seu, queimada, & fea,  
 Em pago dos passados maleficios:  
 Depois na costa da India, andando chea  
 De lenhos inimigos, & arteficios,  
 Contra os Lusos: com vellas, & com remos  
 O mancebo Lourenço farâ estremos.

Das grandes naos, do Samorim potente,  
 Que encherão todo o mar, coa ferrea pela,  
 Que sae com trouão do cobre ardente,  
 Farâ pedaços leme, masto, vela,  
 Depois lançando arpeos ousadamente  
 Na capitaina immiga: dentro nela  
 Saltando, a farâ so com lança & espada  
 De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

Mas de Deos a escondida providencia,  
 Que ella so sabe o bem de que se serue,  
 O porâ onde esforço, nem prudencia  
 Poderâ auer, que a vida lhe re serue:  
 Em Chaul, onde em sangue & resistencia  
 O mar todo com fogo & ferro ferue,  
 Lhe farão, que com vida se não saya  
 As armadas de Egipto & de Cambaya.

Ali o poder de muitos inimigos  
 Que o grande esforço, so com força rende,  
 Os ventos que faltarão, & os perigos  
 Domar, que sobejârão, tudo o ofende:  
 Aqui resurjão todos os antigos,  
 A ver o nobre ardor, que aqui se aprende,  
 Outro Sceua verão, que espedaçado  
 Não sabe ser rendido, nem domado.

Com toda bũa coxa fora, que em pedaços  
 Lhe leua hum cego tiro, que passâra,  
 Se serue inda dos animosos braços,  
 E do grão coração, que lhe ficâra:  
 Ate que outro pilouro quebra os laços,  
 Com que co al na o corpo se liâra,  
 Ella solta voou da prisam fora,  
 Onde subito se acha vencedora.

Vayte

Váyte alma em paz da guerra turbulenta,  
 Na qual tu mereceste paz serena,  
 Que o corpo que em pedaços se apresenta,  
 Quem o gerou vingança já lhe ordena:  
 Que eu ouço retornar a grão tormenta,  
 Que vem já dar a dura, & eterna pena,  
 De Esperas, Basiliscos, & Trabucos,  
 A Cambalcos crueis, & Mamelucos.

Eis vem o pay com animo estupendo,  
 Trazendo furia & mago i por antolhos,  
 Com que o paterno amor lhe está mouendo  
 Fogo no coração, agoa nos olhos:  
 A nobre yra lhe vinha prometendo,  
 Que o sangue fará dar pellos gíolhos  
 Nas inimigas naos sentilo ha o Nilo,  
 Podêlo ha o Indo ver, & o Gange ouuilo.

Qual o Touro ciofo, que se ensaya  
 Pera a crua pelleja, os cornos tenta  
 No tronco dhum Carualho, ou alta Faya  
 E o ar ferindo, as forças esprimenta:  
 Tal, antes que no seyo de Cambaya  
 Entre Francisco irado na opulenta  
 Cidade de Dabul, a espada afia,  
 Abaxandolhe a tumida oufadia.

E logo

E logo entrando fero na enseada  
 De Dio, illustre em cercos & batalhas,  
 Farâ espalhar a fraca & grande armada,  
 De Calecu, que remos tem por malhas:  
 A de Melique Yaz acautelada,  
 Cos pelouros que tu Vulcano espalhas,  
 Farâ yr ver o frio & fundo assento,  
 Secreto leito do humido elemento.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando  
 A furia esperarâ dos vingadores,  
 Verâ braços & pernas yr nadando,  
 Sem corpos, pello mar, de seus senhores,  
 Rayos de fogo yrão representando,  
 No cego ardor, os brauos domadores,  
 Quanto ali sentirão olhos, & ouvidos,  
 E fumo, ferro, flamas & alaridos.

Mas ah, que desta prospera vitoria,  
 Com que despois virâ ao patrio Tejo,  
 Quasi lhe roubarâ a famosa gloria  
 Hum successo que triste & negro vejo,  
 O Cabo Tormentorio, que a memoria  
 Cos ossos guardar: não terâ pejo  
 De tirar deste mundo aquelle espirito,  
 Que não tirarão toda a India, & Egito.  
 Ali

Ali Cafres seluagens poderão,  
 O que destros immigos não poderão,  
 E ru los paos tostados sos farão,  
 O que arcos & pelouros não fizerão,  
 Occultos os juizos de Deos sam,  
 As gentes vaãs que não nos entenderão,  
 Chamão lhe fado mao, fortuna escura,  
 Sendo so prouidencia de Deos pura.

Mas ô que luz tamanha, que abrir sinto,  
 Dizia a Ninfa, & a voz aleuantaua,  
 La no mar de Melinde em sangue tinto  
 Das cidades de Lamo, de Oja, & Braua:  
 Pello Cunha tambem, que nunca extinto  
 Será seu nome, em todo o mar que lua  
 As ilhas do Austro, & praias, que se chamão  
 De sam Lourêco, & em todo o Sul se afamão.

Esta luz he do fogo, & das luzentes  
 Armas, com que Albuquerque yra amãsand  
 De Ormuz os Parseos, por seu mal valentes,  
 Que refusam o jugo bonroso & brando.  
 Ali verão as setas estridentes  
 Reciprocarse, a ponta no ar virando,  
 Contra quem as tirou, que Deos peleja  
 Por quem estende a se da madre Igreja.

Ali

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Ali do sal os montes não defendem  
De corrupção os corpos no combate,  
Que mortos pella praya, & mar se estendem  
De Gerum, de Mazcate, & Calayate:  
Ate que a força so de braço aprendem  
A abaxar a ceruiz, onde se lhe ate  
Obrigaçãõ de dar o reyno inico  
Da perlas de Barem tributo rico.

Que gloriosas palmas tecer vejo,  
Com que victoria a fronte lhe coroa,  
Quando sem sombra vaã de medo, ou pejo  
Toma a ilha illustriſſima de Goa:  
Despois, obedecendo ao duro enſejo  
A deixa, & ocaſiãõ espera boa,  
Com que a torne a tomar, que eſforço & arte  
Vencerãõ a fortuna, & o proprio Marte.

Eis ja sobrella torna & vây rompendo  
Por muros, fogo, lanças, & pilouros,  
Abrindo cõ a espada o eſpeſſo, & horrendo  
Eſquadrãõ de Gentios, & de Mouros:  
Irãõ ſoldados inclitos fazendo  
Mais que Liões famelicos, & Touros,  
Na luz que ſempre celebrada & dina  
Sera da Egipcia ſancta Caterina.

Nem



Nem tu menos fugir poderas deste,  
 Posto que rica, & posto que assenta la  
 La no gremio da Aurora, onde nasceste,  
 Opulenta Malaca nomeada:  
 As setas venenosas que fizeste,  
 Os Crises com que ja te vejo armada,  
 Malaios namorados, laos valentes  
 Todos faras ao Luso obedientes.

Mais estanças cantára esta Syrena  
 Em louvor do illustrissimo Albuquerque,  
*alembrou-te* Mas alembroube hũa yra que o condena,  
 Posto que a fama sua o mundo cerque:  
 O grande capitão, que o fado ordena  
 Que com trabalhos gloria eterna merque,  
 Mais ha de ser hum brando companheiro  
 Pera os seus, que juiz cruel & inteiro.

Mas em tempo que fomes, & asperexas  
 Doenças, frechas, & trouões ardentes,  
 A sação, & o lugar fazem cruezas  
 Nos soldados a todo obedientes:  
 Parece de seluaticas brutezas,  
 De peitos inhumanos & insolentes,  
 Dar extremo suplicio pella culpa  
 Que a fraca humanidade & Amor desculpa.  
 Não

Não serâ a culpa abominoso incesto,  
 Nem violento estupro em virgem pura,  
 Nem menos adulterio desonesto,  
 Mas cõa escraua vil lasciuva & escura:  
 Se o peito ou de cioso, ou de modesto,  
 Ou de vsado a cruezza sera & dura,  
 Cos seus hũa ira insana não refrea,  
 Poẽ na fama alua noda negra & fea.

Vio Alexandre Apeles namorado  
 Da sua Campaspe, & deulha alegremente,  
 Não sendo seu soldado esprimentado,  
 Nem vendo-se num cerco duro & vrgente:  
 Sentio Ciro que andaua ja abrasado  
 Araspas, de Pantea em fogo ardente,  
 Que elle tomara em guarda, & prometia  
 Que nenhum mao desejo o venceria.

Mas vendo o Illustre Persa, que vencido  
 Fora de amor, que em fim não tem defensa,  
 Leuemente o perdoa, & foy seruido  
 Delle num caso grande em recompensa:  
 Per força de ludita foy marido  
 O ferreo Balduuino, mas dispensa  
 Carlos pay della, posto em cousas grandes,  
 Que vna, & pouoador seja de Frandes.

Mas

Mas proseguindo a Nympha o longo canto,  
 De Soarez cantaua, que as bandeiras  
 Faria tremolar, & por espanto,  
 Pellas roxas Arabicas ribeiras:  
 Medina abominabil teme tanto,  
 Quanto Meca, & Gidâ, coas derradeiras  
 Prayas de Abassia: Barborâ se teme,  
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

A nobre ilha tambem de Taprobana,  
 Ia pello nome antigo tão famosa,  
 Quanto agora soberba, & soberana,  
 Pella Cortiça calida, cheirosa,  
 Della darâ tributo aa Lusitana  
 Bandeira, quando excelsa, & gloriosa  
 Vencendo se erguerâ na torre erguida,  
 Em Columbo, dos proprios tam temida.

Tambem Sequeira as ondas Eritreas  
 Diuidindo, abrirâ nouo caminho,  
 Pera ti grande Imperio que te arre is  
 De Jeres de Candace, & Sabâ ninho:  
 Maçua com Cisternas de agoa cheas  
 Verâ, & o porto Arquico ali vizinho,  
 E fara descobrir remotas ilhas,  
 Que dão ao mundo nouas maravilhas.

Virâ despois Meneses, cujo ferro  
 Mais na Africa, que câ terâ prouado:  
 Castigarâ de Ormuz Soberba o erro,  
 Com lhe fazer tributo dar dobrado:  
 Tambem tu Gama, em pago do desterro  
 Em que estâs, & serâs inda tornado,  
 Cos titulos de Conde, & dhonras nobres,  
 Virâs mandar a terra que descobres.

Mas aquella fatal necessidade,  
 De quem ninguem se exime dos humanos,  
 Illustrado coa Regia dignidade,  
 Te tirará do mundo & seus enganos:  
 Outro Meneses logo, cuja ydade  
 He mayor na prudencia, que nos anos,  
 Governará, & fará o ditoso Henrique,  
 Que perpetua memoria delle fique.

Não vencerâ somente os Malabares,  
 Destruindo Panane, com Coulete,  
 Cometendo as Bombardas, que nos ares  
 Se vingão so do peito que as comete:  
 Mas com virtudes certo singulares,  
 Vence os inimigos dalma todos sete,  
 De cubiça triumpho, & incontinencia,  
 Que em tal idade he suma de excellencia.

Mes.

Mas despois que as estrellas o chamarem,  
 Socederás ô forte Mazcarenbas,  
 E se injustos o mando te tomarem,  
 Prometote que fama eterna tenhas:  
 Pera teus inimigos confessarem  
 Teu valor alto, ô fado quer que venhas  
 A mandar, mais de palmas coroado,  
 Que de fortuna justa acompanhado.

No reino de Bintão, que tantos danos  
 Terâ a Malaca muito tempo feitos,  
 Num so dia as injurias de mil anos  
 Vingará, co valor de illustres peitos,  
 Trabalhos & perigos inhumanos,  
 Abrollhos ferreos mil, passos estreitos,  
 Tranqueiras, Baluartes, lanças, Setas,  
 Tudo fico que rompas & sometas.

Mas na India cubiça & ambição,  
 Que claramente poem aberto o rosto  
 Contra Deos, & Iustica, te farão  
 Vituperio nenhum, mas so desgosto:  
 Quem faz injuria vil, & sem rezão  
 Com forças & poder, em que eslá posto,  
 Não vence, que a vitoria verdadeira,  
 He saber ter justica nua, & inteira.

Mas com tudo não nego que Sampayo  
 Será no esforço illustre, & asinalado,  
 Mostrando se no mar hum fero rayo,  
 Que de inimigos mil verá qualbado:  
 Em Bacanôr fará cruel ensayo  
 No Malabar, pera que amedrontado  
 Despois a ser vencido delle venha  
 Cutiãle, com quanta armada tenha.

E não menos de Dio a fera frota  
 Que Chaul temerá de grande & ousada,  
 Fará coa vista so perdida & rota,  
 Por Heitor da Silueira, & destroçada:  
 Por Heitor Portugues, de quem se nota,  
 Que na Costa Cambaica sempre armada,  
 Será aos Guzarates tanto dano,  
 Quanto ja foy aos Gregos o Troyano.

A Sampayo feroz socederá  
 Cunha, que longo tempo tem o leme,  
 De Chale as torres altas erguerá,  
 Em quanto Dio illustre delle treme,  
 O forte Baçaim se lhe dará,  
 Não sem sangue porem, que nelle geme  
 Melique, porque a força so de espala  
 Atranqueira soberba ve tomada.

Tras este vem Noronha, cujo Auspicio  
 De Dio os Rumes feros asugenta,  
 Dio que o peito & bellico exercicio  
 De Antonio da silueira bem sustenta:  
 Fará em Noronha a morte o vsado officio;  
 Quando hum teu ramo, ô Gama, se esprimeta  
 No gouerno do Imperio, cujo zelo  
 Com medo o roxo mar farâ amarelo,

Das mãos do teu Esteuão vem tomar  
 As redeas hum, que ja sera illustrado  
 No Brasil, com vencer & castigar  
 O Pirata Frances ao mar vsado:  
 Despois Capitão mor do Indico m. r,  
 O muro de Dâmão soberbo & armado;  
 Escala, & primeiro entra a porta aberta  
 Que fogo & frechas mil terão cuberta.

Aeste o Rey Cambaico soberbissimo  
 Fortaleza darâ na rica Dio,  
 Porque contra o Mogor poderosissimo  
 Lhe ajude a defender o senhorio:  
 Despois yrâ com peito esforçadissimo  
 A tolher que não passe o Rey Gentio  
 De Calecu, que asbi com quantos veyo  
 O farâ retirar de sangue cheyo.

3 Destroirá

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Destroirá a cidade Repelim,  
Pondo o seu Rey com muitos em fugida:  
E despois junto ao Cabo Comorim  
Hũa façanha faz esclarecida,  
A frota principal do Samorim,  
Que destróir o mundo não duvida,  
Vencerá co furor do ferro & fogo,  
Em si verá Beadála o Marcio jogo.

Tendo assi limpa a India dos immigos,  
Virá despois com cetro a governala,  
Sem que ache resistencia, nem perigos,  
Que todos tremem delle, & nenhum fala:  
So quis prouar os asperos castigos  
Baticalá, que virá ja Beadala, / de  
De sangue & corpos mortos ficou cheia,  
E de fogo & trouões desfeita & fea.

Este sera Martinho, que de Marte  
O nome tem coas obras diriuado,  
Tanto em armas illustre em toda parte,  
Quanto em conselho sabio & bem cuidado:  
Socederlhe ha ali Castro, que o estandarte  
Portugues terá sempre leuantado,  
Conforme successor ao succedi-lo  
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.  
Perjas



Persas feroces, Abassis & Rumes  
 Que trazido de Roma o nome tem,  
 Varios de gestos, varios de custumes  
 Que mil naçoës ao cerco feras vem  
 Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes  
 Porque hũs poucos a terra lhe detem,  
 Em sangue Portugues juram descridos  
 De banhar os bigodes retorcidos.

Basiliscos medonhos & Liões,  
 Tra bucos feros, minas encubertas,  
 Sustenta Mazcarenhas cos barões,  
 Que tam ledos as mortes tem por certas:  
 Ate que nas mayores oppressões  
 Castro libertador, fazendo offertas  
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem  
 Com fama eterna, & a Deos se sacrificem.

Fernando hum delles, ramo da alta pranta,  
 Onde o violento fogo com ruido,  
 Em pedaços os muros no ar leuanta,  
 Serã ali arrebatado, & ao ceo subido:  
 Alvaro quando o inuerno o mundo espanta,  
 E tem o caminho humido impedido,  
 Abrindoo, vence as ondas, & os perigos,  
 Os ventos, & despois os inimigos.

Eis vem despois, o pay, que as ondas corta

*Com* Co restante da gente Lusitana

E com força & saber, que mais importa,

Batalha dá felice & soberana:

Hús paredes subindo escusam porta,

Outros a abrem, na fera esquadra insana,

Feitos farão tão dinos de memoria,

Que não caibão em vèrso, ou larga historia.

Este despois em campo se apresenta

Vencedor forte & intrepido, ao possante

Rey de Cambaya, & a vista lhe amedrenta

Da fera multidão pradrupedante:

Não menos suas terras mal sustenta

O Hydalcham do braço triumphante

Que castigando vay Dâbul na costa

Nem lhe escapou Pondâ no sertão posta.

Estes & outros Baroës por varias partes,

Dinos todos de fama & marauilha,

Fazendo-se na terra brauos Martes,

Virão lograr os gostos desta Ilha:

Varrendo triumphantes estandartes:

Pellas ondas, que corta a aguda quilha,

E acharão estas Nymphas & estas mesas,

Que glorias & hōras sam de arduas empresas

Assi.

Assim cantava a Nympha & as outras todas  
 Com sonoro aplauso vozes dauão,  
 Com que festejão as alegres vodas,  
 Que com tanto prazer se celebrauão:  
 Por mais que da Fortuna andem as rodas  
 Nua consona voz todas soauão,  
 Não vos hão de faltar gente famosa,  
 Honra, valor, & fama gloriosa.

Depois que a corporal necessidade  
 Se satisfez do mantimento nobre,  
 E na harmonia & doce suauidade,  
 Virão os altos feitos, que descobre,  
 Thetis de graça ornada, & gravidade,  
 Pera que com mais alta gloria dobre,  
 As festas deste alegre & claro dia,  
 Pera o felice Gama assim dizia.

Faz te merce barão a Sapiencia  
 Suprema, de cos olhos corporais  
 Veres, o que não pode a vã ciencia  
 Dos errados & miseros mortais:  
 Sigueme firme, & forte, com prudencia  
 Por este monte espesso, tu cos mais.  
 Assim lhe diz, & o guia por hum mato  
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

Não

Não andão muito que no erguido cume  
 Se acharão, onde hum campo se esmaltava,  
 De Esmeraldas, Rubis, tais que presume  
 A vista, que diuino chão pisava:  
 Aqui hum globo vem no ar, que o lume  
 Clarissimo por elle penetraua,  
 De modo que o seu centro esta euidente,  
 Como a sua superficie, claramente.

Qual a materia seja não se enxerga,  
 Mas enxergasse bem que está composto  
 De varios orbes, que a diuina verga  
 Compos, & hum centro a todos so tem posto:  
 Voluendo, ora se abaxe, agora se erga,  
 Nūca sergue, ou se abaxa, & hū mesmo rosto  
 Por toda a parte tem, & em toda a parte  
 Começa & acaba, em fim por diuina arte.

Vniforme, perfeito, em si sofstido,  
 Qual em fim o Archetipo, que o criou:  
 Vendo o Gama este globo, comouido  
 De espanto & de desejo ali ficou,  
 Dizlhe a Deosa, O trasunto reduzido  
 Em pequeno volume aqui te dou,  
 Do mundo aos olhos teus, pera que vejas  
 Por onde vas, & yrás, & o que desejas.

Ves

Ves aqui a grande machina do mundo,  
 Eterea, & elemental, que fabricada  
 Assim foy do saber alto, & profundo,  
 Que he sem principio, & meta limitada,  
 Quem cerca em derredor este rotundo  
 Globo, & sua superficie tão limada,  
 He Deos, mas o q̄ he Deos ninguê o entende;  
 Que a tanto o engenho humano não se estêde.

Este orbe que primeiro vay cercando  
 Os outros mais pequenos, que em si tem,  
 Que está com luz tão clara radiando,  
 Que a vista cega, & a mente vil tambem,  
 Empireo se nomea, onde logrando  
 Puras almas estão de aquelle bem,  
 Tamanho, que elle so se entende & alcança,  
 De quem não ha no mundo semelhança.

Aqui so verdadeiros gloriosos  
 Dinos estão, por que eu, Saturno & Iano,  
 Iupiter, Iuno, fomos fabulosos  
 Fingidos de mortal & cego engano:  
 So pera fazer versos deleitosos  
 Seruimos, & se mais o trato humano  
 Nos pode dar, he so que o nome nosso  
 Nestas estrellas pos o engenho vosso.

E tambem

E tambem por que a Santa providencia,  
 Que em Iupiter aqui se representa,  
 Por espiritos mil, que tem prudencia,  
 Governar o mundo todo, que sustenta:  
 Insinalo a prophetica sciencia,  
 Em muitos dos exemplos, que apresenta,  
 Os que são bõs, guiando fauorecem,  
 Os maos, em quanto podem, nos ompecem.

Quer logo aqui a pintura que varia,  
 Agora deleitando, ora insinando,  
 Darlhe nomes, que a antiga Poesia  
 A seus Deoses ja dera, fabulando:  
 Que os Anjos de celeste companhia  
 Deoses o sacro verso estã chamando,  
 Nem nega que esse nome preminente,  
 Tambem aos maos se dà, mas falsamente.

Em fim que o sumo Deos, que por segundas  
 Causas obra no mundo, tudo manda:  
 E tornando a contarte das profundas  
 Obras da mão diuina veneranda,  
 Debaxo deste circulo onde as mundas  
 Almas diuinas gozã, que não anda,  
 Outro corre tam leue & tam ligeiro,  
 Que não se enxerga, he o Mobile prime'ro.  
 Com

Com este raptó, & grande mouimento,  
 Vão todos os que dentro tem no seyo,  
 Por obra deste, o Sol andando atento  
 O dia & noite faz, com curso alheyo:  
 Debaxo deste leue anda outro lento,  
 Tam lento, & sojugado a duro freyo,  
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,  
 Dozentos cursos faz, dá elle hum passo.

*a oeste* Olha estoutro debaxo, que esmaltado  
 De corpos lisos anda, & radiantes,  
 Que também nelle tem curso ordenado,  
 E nos seus axes correm scintilantes:  
 Bem ves como se veste, & faz ornado  
 Co largo cinto douro, que estellantes *estrellantes*  
 Animais doze traz afigurados,  
 Aposentos de Phebo limitados.

Olha por outras partes a pintura,  
 Que as estrellas fulgentes vão fazendo:  
 Olha a carreta, atenta a Cinosura,  
 Andromeda, & seu pay, & o drago horrêdo:  
 Vê de Cassiopea a fermosura,  
 E do Oriente o gesto turbulento,  
 Olha o Cisne morrendo que sospira,  
 A Lebre, & os Cães, a Nao, & a doce Lira.  
 Debaxo

Debaxo deste grande firmamento,  
 Ves o ceo de Saturno Deos antigo,  
 Iupiter logo faz o mouimento,  
 E Marte abaxo bellico inimigo,  
 O claro olho do ceo no quarto-assento,  
 E Venus, que os amores traz consigo,  
 Mercurio de eloquencia soberana,  
 Com tres rostos debaxo vay Diana.

Em todos estes orbes, diferente  
 Curso veras, nũs graue, & noutros leue:  
 Ora fogem do centro longamente,  
 Ora da terra estão caminho breue,  
 Bem como quis o padre omnipotente  
 Que o fogo fez, & o ar, o vento, & neuẽ,  
 Os quaes veras que jazem mais a dentro,  
 E tem co mar a terra por seu centro.

Neste centro pouxada dos humanos,  
 Que não somente ouzados se contentãõ  
 De soffrerem da terra firme os danos  
 Mas inda o mar instabil esprimentãõ,  
 Verãs as varias partes, que os insanos  
 Mares diuidem, onde se apousentãõ  
 Varias-nações, que mandãõ varios Reis,  
 Varios costumes seus, & varias leis.

Ves



Ves Europa Christã mais alta & clara  
 Que as outras em policia, & fortaleza:  
 Ves Africa dos bens do mundo auara,  
 Inculta, & toda cheia de bruteza,  
 Co Cabo que ate qui se vos negãra,  
 Que assentou pera o Austro a natureza:  
 Olha essa terra toda, que se habita  
 Dessa gente sem ley, quasi infinita.

Ve do Benomotapa o grande imperio,  
 De seluatica gente, negra & nua:  
 Onde Gonçalo morte & vituperio  
 Padecerã, polla se sancta sua:  
 Nace por aste incognito Hemisperio  
 O metãl, por que mais a gente sua,  
 Ve que do lago, donde se derrama  
 O Nilo, tambem vindo estã Cuama.

Olha as casas dos negros, como estão  
 Sem portas, confiados em seus ninhos  
 Na justiça real, & defensã,  
 E na fidelidade dos vizinhos:  
 Olha delles a bruta multidão.  
 Qual bando espesso & negro de Estorninhos,  
 Combaterã em Sofala a fortaleza,  
 Que defenderã Nhaya com destreza.

Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CA.

Olha la as alagoas, donde o Nilo  
 Nace, que não souberão os antigos,  
 Vello rega, gerando o Crocodilo,  
 Os pouos Abassis de Christo amigos,  
 Olha como sem muros ( nouo estilo )  
 Se defendem milhor dos inimigos,  
 Ve Meroe, que ilha foy de antiga fama  
 Que ora dos naturais Nobâ se chama.

Nesta remota terra, hum filho teu  
 Nas armas contra os Turcos serâ claro,  
 Ha de ser dom Christouão o nome seu,  
 Mas contra o fim fatal não ha reparo:  
 Ve ca a Costa do mar, onde te deu  
 Melinde hospicio gasalhofo & caro  
 O Rapto rio nota, que o romance  
 Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

O Cabo ve ja Aromâta chamado,  
 E agora Guardafu dos moradores,  
 Onde começa a loca do afamado  
 Mar roxo, que do fundo toma as cores  
 Este como limite sta lançado  
 Que diuide Asia de Africa, & as milhores  
 Povoações, que a parte Africa tem  
 Maçua Jam, Arquico, & Suamquem.

Ves

Ves o extremo Suez, que antigamente  
 Dizem que foy dos Heroas a cidade,  
 Outros dizem que Arsinoe, & ao presente  
 Tem das frotas do Egipto a potestade:  
 Olha as agoas, nas quaes abrio patente  
 Estrada o gram Mouses na antiga ydade  
 Asia começa aqui, que se apresenta  
 Em terrás grande, em reinos opulenta.

Olha o monte Sinay, que se ennobrece  
 Co sepulchro de sancta Caterina,  
 Olha Toro, & Gidá, que lhe falece  
 Agoa das fontes doce, & cristalina:  
 Olha as portas do estreito, que fenece  
 No reyno da seca Adem, que confina  
 Com a serra Darzira, pedra viua,  
 Onde chuua dos Ceos se não deriua.

Olha as Arabias tres, que tanta terra  
 Tomão, todas da gente vaga, & baça,  
 Donde vem os caualos pera a guerra  
 Ligeiros, & feroces, de alta raça:  
 Olha a costa que corre ate que cerra  
 Outro estreito de Persia, & faz a traça  
 O Cabo, que co nome se apellida,  
 Da cidade Fartaque ali sabida,

Z Olha

OS LUSIADAS DE L. DE CAI

Olha Dofar insigne, porque manda  
O mais cheiroso encenço pera as aras:  
Mas atenta ja ca destroutra banda  
De Roçalgate, & prayas sempre auaras,  
Começa o reyno Ormuz, que todo se anda  
Pellas ribeiras, que inda serão claras  
Quando as gales do Turco, & fera armada  
Virem de Castel branco nua a espada.

Olha o Cabo Afaboro, que chamado  
Agora he Moçandão dos nauegantes.  
Por aqui entra o lago, que he fechado  
De Arabia, & Persias terras abundantes.  
Atenta a ilha Barem, que o fundo ornado  
Tem das suas perlas ricas, & imitantes.  
Aa cor da Aurora: & ve na agoa salgada  
Ter o Tigris & Eufrates hũa entrada.

Olha da grande Persia o imperio nobre  
Sempre posto no campo, & nos caualos,  
Que se injuria de vsar fundido cobre,  
E de não ter das armas sempre os calos:  
Mas ve a ilha Gerum, como descobre  
O que fazem do tempo os intervalos,  
Que da cidade Armuzza, que ali esteue  
Ella o nome despois, & a gloria teue.

Aqui

Aqui de dom Felipe de Meneses

Se mostrará a virtude em armas clara,  
 Quando com muito poucos Portugueses  
 Os muitos Parseos vencerá de Lara:  
 Virão prouar os golpes & reueses  
 De dom Pedro de Sousa, que prouára  
 La seu braço em Ampaza, que deixada  
 Terá por terra a força so de espada.

Mas deixemos o estreito, & o conhecido

Cabo de lasque dito ja Carpella,  
 Com todo o seu terreno mal querido  
 Da natura, & dos dões vsados della,  
 Carmania teue ja por apelido:  
 Mas ves o fermoso lndo, que daquella  
 Altura nace junto aa qual tambem  
 Doutra altura correndo o Gange vem.

Olha a terra de Vlcinde fertilissima,

E de laquete a intima enseada,  
 Do mar a enchente subita grandissima;  
 E a vazante que foge apressurada:  
 A terra de cambaya de riquissima,  
 Onde do mar o seo faz entrada,  
 Cidades outras mil, que vou passando,  
 A vos outros aqui se estão guardando.

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Ves corre a costa cèlebre Indiana  
Pera o Sul, ate o Cabo Comori  
La chamado Cori, que Taprobana  
(Que ora he Ceilão) de fronte tem de si:  
Por este mar a gente Lusitana  
Qua com armas virá de spois de ti,  
Terá vitorias terras, & cidades  
Nas quaes ham de viuer muitas ydades,

As prouincias, que entre hum & o outro rio  
Ves com varias nações, sam infinitas:  
Hum reyno Mahometa, outro Gentio,  
A quem tem o Demonio leis escriptas:  
Olha que de Narsinga o senhorio  
Tem as reliquias sanctas & benditas,  
Do corpo de Thome, barão sagrado,  
Que a Iesu Christo teue a mão no lado.

Aqui a cidade foy, que se chamaua  
Meliapor, fermosa, grande, & rica:  
Os Idolos antigos adoraua:  
Como inda agora faz a gente inica:  
Longe do mar naquelle tempo estaua:  
Quando a fe, que no mundo se pubrica,  
Thome vinha prégando, & ja passara  
Prouincias mil do mundo, que insinara:  
Chegado

Chegado aqui prègando, & junto dando  
 A doentes saude, a mortos vida  
 A caso traz hum dia o mar vagando,  
 Hum lenho de grandeza desmedida:  
 Deseja o Rey, que andaua edificando,  
 Fazer delle madeira, & não diuida  
 Poder tiralo a terra compassantes  
 Forças dhomès, de engenbos de Aliphantes.

Era tão grande o peso do madeiro  
 Que so pera abalar se, nada abasta,  
 Mas o nuncio de Christo verdadeiro,  
 Menos trabalho em tal negocio gasta:  
 Ata o cordão que traz por derradeiro  
 No tronco, & facilmente o leua & arrasta  
 Pera onde faça hum sumptuoso templo,  
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

Sabia bem que se com se formada  
 Mandar a hum monte surdo, que se moua;  
 Que obedecerà logo aa voz sagrada,  
 Que assi lho insinou Christo, & elle o proua.  
 A gente ficon disto aluoroçada,  
 Os Bramenes o tem por cousa noua,  
 Vendo os milagres, vendo a santidade,  
 Hão medo de perder autoridade.

OS LVSIADAS DE L. DE CAI

Sam estes sacerdotes dos Gentios,  
 Em quem mais penetrado tinha enueja,  
 Buscão maneiras mil, buscão desuios  
 Com que Thome não se ouça, ou morto seja:  
 O principal, que ao peito traz os fios,  
 Hum caso horrendo faz, que o mundo veja,  
 Que inimiga não ha tão dura, & fera,  
 Como a virtude falsa da sincera.

Hum filho proprio mata, & logo acusa *logo acusa*  
 De homicidio Thome, que era innocente  
 Dâ falsas testemunhas, como se vsa  
 Condenarã no a morte breuemente:  
 O Santo que não vê melhor escusa,  
 Que apellar pera o Padre omnipotente,  
 Quer diante do Rey, & dos senhores,  
 Que se faça hum milagre dos mayores.

O corpo morto manda ser trazido  
 Que resucite, & seja perguntado,  
 Quem foy seu matador, & serã crido  
 Por testemunho o seu mais aprouado:  
 Viram todos o moço viuo erguido  
 Em nome de Iesu crucificado,  
 Dâ graças a Thome, que lhe deu vida  
 E descobre seu pay ser homicida.

Este



Este milagre fez tamanho espanto,  
 Que o Rey se banha logo na ago santa,  
 E muitos apos elle, hum beija o manto  
 Outro louuor do Deos de Thome canta:  
 Os Bramenes se encherão de odio tanto,  
 Com seu veneno os morde enueja tanta,  
 Que persuadindo a isso o pouo rudo,  
 Determinão matalo em fim de tudo.

Hum dia que prègando ao pouo estaua,  
 Fingirão entre a gente hum arroido,  
 Ia Christo neste tempo lhe ordenaua,  
 Que padecendo fosse ao Ceo subido:  
 A multidão das pedras, que voaua,  
 No Santo dê ja a tudo offerecido,  
 Hum dos maos por fartarse mais de pressa,  
 Com crua lança o peito lhe atraueffa.

Chorarão te Thome, o Gange & o Indo,  
 Choroute toda a terra que pisaste,  
 Mais te chorão as almas, que vestindo  
 Se yão da sancta Fe, que lhe insinaste:  
 Mas os Anjos do ceo cantando, & rindo,  
 Te recebem na gloria que ganhaste,  
 Pedimos te, que a Deos ajuda peças,  
 Com que os teus Lusitanos fauoreças.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

E vofoutros que os nomes vsurpais  
 De mandados de Deos, como Thome,  
 Dizey se sois mandados, como estais  
 Sem yrdes a pregar a sancta fe?  
 Olhay que se sois Sal, & vos danais  
 na patria, onde Propheta ninguem he,  
 Com que se salgarão em nossos dias  
 (Infiéis deixo) tantas Heresias?

Mas passo esta materia perigosa,  
 E tornemos aa costa debuxada,  
 Ia com esta cidade tão famosa,  
 Se faz curua a Gangetica enseada,  
 Corre Narsinga rica, & poderosa,  
 Corre Orixá de roupas abastada,  
 No fundo da enseada o illustre rio  
 Ganges vem ao salgado senhorio.

Ganges, no qual os seus habitadores  
 Morrem banhados, tendo por certeza,  
 Que inda que sejam grandes peccadores,  
 Esta agoa sancta os lava, & da pureza:  
 Ve Chatigão cidade das milhores  
 De Bengala prouincia, que se preza  
 De abundante, mas olha que está posta  
 Pera o Austro daqui virada a costa.  
 Olha

Olha o reyno Arracão, olha o assento  
 De Pegu, que ja mōstros pouoarão,  
 Mōstros filhos do feo ajuntamento  
 Dhũa molher & hum cão, que sos se acharão:  
 Aqui soante Arame no instrumento  
 Da geração costumão, o que vsarão  
 Por manha da Raynha, que inuentando  
 Tal vso, deitou fora o error nefando.

Olha Tauay cidade, onde começa  
 De Sião largo o imperio tão comprido,  
 Tenassarî, Quedâ, que he so cabeça  
 Das que Pimenta ali tem produzido:  
 Mais auante fareis que se conheça  
 Malaca, por Emperio ennobrecido,  
 Onde toda a prouincia do mar grande,  
 Suas mercadorias ricas mande.

Dizem que desta terra coas possantes  
 Ondas o mar entrando diuidio,  
 A nobre Ilha Samatra, que ja dantes  
 Iuntas ambas a gente antiga vio:  
 Chersonezo foy dita, & das prestantes  
 Veas douro, que a terra produzio,  
 Aurea por epitheto lhe ajuntarão,  
 Alguns que fosse Ophir ymaginarão.

OS LVSIADAS DE L. DE CA.]

Mas na ponta da terra Cingapura  
Veras, onde o caminho aas naos se estreita,  
Daqui tornando a Costa aa Cynosura  
Se encurua, & pera a Aurora se endereita:  
Ves Pam, Patane, xeimos, & a longura  
De Syão que estes & outros mais sujeita  
Olha o rio Menão, que se derrama  
Do grande lago que Chiamay se chama.

Ves neste grão terxeno os diferentes  
Nomes de mil nações nunca sabidas,  
Os Laos em terra & numero potentes,  
Auãs, Bramàs, por serras tão compridas:  
Ve nos remotos montes outras gentes  
Que Gueos se chamão de seluages vidas,  
Humana carne comem, mas a sua  
Pintão com ferro ardente, ysança crua:

Ves passa por Camboja Mecom Rio,  
Que capitão das agoas se interpreta,  
Tantas recebe doutro so no estio,  
Que alaga os campos largos, & inquieta,  
Tem as enchentes quaes o Nilo frio,  
A gente delle crè como indiscreta,  
Que pena & gloria tem despois de morte  
Os brutos animais de toda sorte.

Esta

Este receberá placido & brando,  
 No seu regaço os Cantos, que molhados  
 Vem do naufragio triste, & miseravello,  
 Dos procelosos baxos escapados:  
 Das fomes, dos perigos grandes, quando  
 Será o injusto mando executado  
 Naquelle, cuja Lira sonora,  
 Será mais affamada que ditosa.

Ves corre a costa que Champà se chama,  
 Cuja mata he do pao cheiroso ornada,  
 Ves Cauchichina está de escura fama,  
 E de Amão ve a incognita enseada,  
 Aqui o soberbo imperio, que se afama  
 Com terras, & riqueza não cuidada,  
 Da China corre, & ocupa o senhorio  
 Desdo Tropicico ardente ao Cinto frio.

Olha o muro, & edificio nunca crido,  
 Que entre hum imperio & o outro se edifica,  
 Certissimo sinal, & conhecido,  
 Da potencia real, soberba, & rica:  
 Estes o Rey que tem não foy nacido  
 Principe, nem dos pais aos filhos fica:  
 Mas elegem a quelle que he famoso  
 Por caualeiro sabio & virtuoso.

India

Inda outra muita terra se te esconde,  
 Até que venha o tempo de mostrar se,  
 Mas não deixes no mar as Ilhas, onde  
 A natureza quis mais affamar-se:  
 Esta mea escondida que responde  
 De longe aa China donde vem buscar-se,  
 He lapão, onde nace a prata fina,  
 Que illustrada serà coa Ley diuina.

Olha ca pellos mares do Oriente  
 As infinitas Ilhas espalhadas  
 Ve Tidore, & Tarnate, co feruente  
 Cume, que lança as flamas ondeadas:  
 As aruores ver.ês do Crauo ardente,  
 Co sangue Portugues inda compradas,  
 Aqui ha as aureas aues, que não decem  
 Nunca a terra, & so mortas aparecem.

Olha de Banda as Ilhas, que se esmaltão  
 Da varia cor, que pinta o roxo fruto,  
 As aues variadas, que ali saltão,  
 Da verde Noz tomando seu tributo:  
 Olha tambem Bornèò, onde não faltão  
 Lagrimas, no licor qualbado, & enxuto,  
 Das aruores, que Cànfora he chamado,  
 Com que da Ilha o nome he celebrado.

Ali

Ali tambem Timor, que o lenho manda  
Sândalo salutifero, & cheiroso,  
Olha a Sunda tão larga, que hũa banda  
Esconde pera o Sul difficultoso:  
A gente do Sertão, que as terras anla,  
Hum rio diz que tem miraculoso,  
Que por onde elle fo sem outro vae,  
Conuerte em pedra o pao que nelle cae:

Ve naquella que o tempo tornou Ilha,  
Que tambem flamas tremulas vapôra,  
A fonte que oleo mana, & a maravilha  
Do cheiroso licor, que o tronco chora,  
Cheiroso mais que quanto estila a filha  
De Cyniras, na Arabia onde ella mora,  
E ve que tendo quanto as outras tem,  
Branda seda & fino ouro dà tambem.

Olha em Ceilão, que o monte se alevanta  
Tanto, que as nuuës passa, ou a vista engana,  
Os naturaes o tem por cousa sancta,  
Polla pedra onde está a pègada humana:  
Nas ilhas de Maldiua nace a pranta  
No profundo das agoas soberana,  
Cujó pomo contra o veneno vrgente  
He tido por Antidoto excelente.

Verás

X

OS LUSIADAS DE L. DE CA:

Verás de frente estar do roxo estreito  
 Socotorâ co amaro Aloe famosa,  
 Outras ilhas no mar tambem sogeito  
 A vos, na costa de Affrica arenosa,  
 Onde sae do cheiro mais perfeito  
 A massa ao mundo occulta, & preciosa,  
 De Jam Lourenço ve a Ilha afamada,  
 Que Madagascar he dalguũs chamada.

Eis aqui as novas partes do Oriente,  
 Que vosoutros agora ao mundo dais,  
 Abrindo a porta ao vasto mar patente,  
 Que com tão forte peito nauegais:  
 Mas he tambem razão, que no Ponente  
 Dhum Lusitano hum feito inda vejais,  
 Que de seu Rey mostrando se agrauado  
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

Vedes a grande terra que continua  
 Vay de Calisto ao seu contrario polo,  
 Que soberba a farâ a luzente mina  
 Do metal, que a cor tem do louro Apolo,  
 Castella vossa amiga serâ dina  
 De lançarlhe o colar ao rudo colo,  
 Varias prouincias tem de varias gentes  
 Em ritos & costumes diferentes.

Mas



Mas ca onde mais se alarga, ali tereis  
 Parte tambem co pao vermelho nota,  
 De Sancta Cruz o nome lbe poreis,  
 Descobri-la ha a primeira vossa frôta:  
 Ao longo desta costa que tereis  
 Irâ buscando a parte mais remota  
 O Magalhães, no feito com verdade  
 Portugues, porem não na lealdade.

Desque passar a via mais que mea,  
 Que ao Antartico polo vay da linha,  
 Dhãa estatura quasi Gigantea  
 Homês verâ, da terra ali vizinha:  
 E mais auante o estreito, que se arrea  
 Co nome delle agora, o qual caminha  
 Pera outro mar, & terra que fica onde  
 Com suas frias asas o Austro a esconde.

Ate qui, Portugueses, concedido  
 Vos he saberdes os futuros feitos,  
 Que pello mar, que ja deixais sabido,  
 Virão fazer barões de fortes peitos:  
 Agora, pois que tendes aprendido  
 Trabalhos, que vos fação ser aceitos  
 Aas eternas esposas, & fermosas,  
 Que coroas vos tecem gloriosas.

Podeis

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Podeis vos embarcar, que tendes vento  
 E mar tranquilo pera a patria amada:  
 Assim lhe disse, & logo mouimento  
 Fazem da Ilha alegre, & namorada:  
 Leuão refresco, & nobre mantimento,  
 Leuão a companhia desejada,  
 Das Nymphas que ham de ter eternamente,  
 Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.

Assim forão cortando o mar sereno,  
 Com vento sempre manso, & nunca yrado,  
 Ate que ouuerão vista do terreno  
 Em que nacerão sempre desejado:  
 Entrarão pella foz do Tejo ameno,  
 E a sua patria, & Rey temido & amado,  
 O premio & gloria dão, porque mandou  
 E com titolos novos se illustrou.

No mais Musa, no mais, que a Lira tenho  
 Destemperada, & a voz enrrouquecida,  
 E não do canto, mas de ver que venho  
 Cantar a gente surda, & endurecida:  
 O fauor com que mais se acende o engenho,  
 Não no dá a patria não, que esta metida,  
 No gosto da cubica, & na rudeza  
 D'ũa austera, apagada, & vil tristeza.  
 E não

E não sey por que influxo de destino  
 Não tem hum ledo orgulho, & geral gosto,  
 Que os animos leuanta de continuo,  
 A ter pera trabalhos ledo o rosto:  
 Por isso vos ò Rey, que por diuino  
 Conselho estais no regio solio posto,  
 Olhay que sois (& vede as outras gentes)  
 Senhor so de vassallos excellentes.

Olhay que ledos vão, por varias vias,  
 Quaes rompentes liões, & brauos touros,  
 Dando os corpos a fomes, & vigias,  
 A ferro, a fogo, a setas, & pilouros:  
 A quentes regiões, a plagas frias,  
 A golpes de Idolatras, & de Mouros,  
 A perigos incognitos domundo,  
 A naufragios, a pexes, ao profundo:

Por vos servir a tudo aparelhados,  
 De vos tam longe sempre obedientes,  
 A quaesquer vossos asperos mandados,  
 Sem dar resposta promptos & contentes,  
 So com saber que sam de vos olhados,  
 Demonios infernais, negros & ardentes,  
 Cometerão conuusco, & não duuido  
 Que vencedor vos fação, não vencido.

Fauoreceyos

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Fauoreceyos logo, & alegrayos  
 Com a presença, & leda humanidade,  
 De rigurosas leis desaliuayos,  
 Que assi se abre o caminho aa sanctidade:  
 Os mais esprimentados leuantayos,  
 Se com a esperiencia tem bondade,  
 Pera vosso conselho, pois que sabem  
 O como, o quando, & onde as cousas cabem.

Todos fauorecei em seus officios,  
 Segundo tem das vidas o talento,  
 Tenhão Religiosos exercicios  
 De rogarem por vosso regimento,  
 Com jejuns, disciplina, pellos vicios  
 Comuns, toda ambição terão por vento,  
 Que o bom Religioso verdadeiro,  
 Gloria vã não pretende nem dinheiro.

Os Caualeiros tende em muita estima,  
 Pois com seu sangue intrepido & feruente,  
 Estendem não somente a ley de cima,  
 Mas inda vosso imperio preeminente:  
 Pois aquelles que a tão remoto clima  
 Vos vão seruir com passo diligente,  
 Dous inimigos vencem, hũs os viuos,  
 (E o que he mais) os trabalhos excessiuos.

Fazey

Fazey senhor que nunca os admirados  
 Alemães, Galos, Italos, & Ingleses  
 Possam dizer que sam pera mandados,  
 Mais que pera mandar os Portugueses:  
 Tomay conselho so desprimentados,  
 Que virão largos anos, largos meses,  
 Que posto que em cientos muito cabe,  
 Mais em particular o experto sabe.

De Phormião Philosopho elegante  
 Vereis como Anibal escarnecia,  
 Quando das artes bellicas diante  
 Delle com larga voz trataua & lia:  
 A disciplina militar prestante  
 Não se aprende senhor na fantasia  
 Sonhando, imaginando, ou estudando,  
 Se não vendo, tratando, & pelejando.

Mas eu que falo humilde, baxo, & rudo  
 De vos não conhecido, nem sonhado?  
 Da boca dos pequenos sey com tudo,  
 Que o louuor sae as vezes acabado,  
 Nem me falta na vida honesto estudo  
 Com longa esperiencia misturado,  
 Nem engenho, que aqui vereis presente,  
 Cousas que juntas se achão raramente.  
 Pera

OS LVSIADAS DE L. DE CA.

Pera seruiruos braço aas armas feito,  
Pera cantaruos mente aas Musas dada,  
So me falece ser a vos aceito,  
De quem virtude deue ser prezada:  
Se me isto o ceo concede, & o vosso peito  
Dina empresa tomar de ser cantada,  
Como a presaga mente vaticina,  
Olhando a vossa inclinação diuina.

*Mouros* Ou fazendo que mais que a de Medusa,  
A vista vossa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os muros de Marrocos & Trudante,  
A minha ja estimada & leda musa,  
Fico, que em todo o mundo de vos cante,  
De sorte que Alexandro em vos se veja,  
Sem aa dita de Achilles ter enueja.

F I M.



